

Maurício Tavares Pereira

**NOVO PARADIGMA CIVILIZATÓRIO:
ÉTICA E ECOLOGIA EM LEONARDO BOFF**

Dissertação de Mestrado em Filosofia

Orientador: Prof. Dr. Carlos Roberto Drawin

BELO HORIZONTE

FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

2013

Maurício Tavares Pereira

**NOVO PARADIGMA CIVILIZATÓRIO:
ÉTICA E ECOLOGIA EM LEONARDO BOFF**

Dissertação apresentada ao Departamento de Pós-Graduação em Filosofia da Faculdade Jesuíta Filosofia de Belo Horizonte, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Linha de Pesquisa: Ética

Orientação: Professor Dr. Carlos Roberto Drawin

BELO HORIZONTE

FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

2013

P436n Pereira, Maurício Tavares
Novo paradigma civilizatório: ética e ecologia em Leonardo Boff / Maurício Tavares Pereira. - Belo Horizonte, 2013.
134 f.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Roberto Drawin
Dissertação (mestrado) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Departamento de Filosofia.

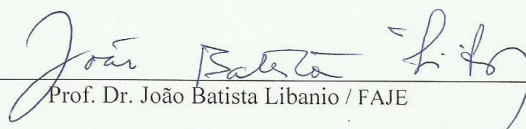
1. Ética e ecologia. 2. Novo paradigma civilizatório. 3. Cosmologia da transformação. 4. Sustentabilidade. 5. Boff, Leonardo. I. Drawin, Carlos Roberto. II. Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Departamento de Filosofia. III. Título

CDU 17

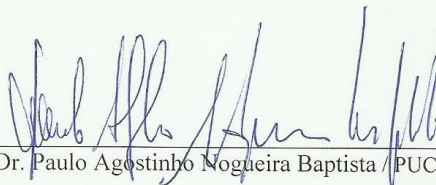
Dissertação de MAURICIO TAVARES PEREIRA defendida e APROVADA, com a nota
7,0 (Sete) atribuída pela Banca
Examinadora constituída pelos Professores:



Prof. Dr. Carlos Roberto Drawin / FAJE (Orientador)



Prof. Dr. João Batista Libanio / FAJE



Prof. Dr. Paulo Agostinho Nogueira Baptista / PUC-Minas

Departamento de Filosofia – Pós-Graduação (Mestrado)

FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

Belo Horizonte, 24 de junho de 2013.

Dedico esse trabalho àqueles que são a minha inspiração e a razão do meu esforço e da minha dedicação à Academia, minha filha Antonina, meu querido e saudoso pai Heleno, minha amada mãe Isabel e meus irmãos, que com seu amor e seu companheirismo me guiaram nas sendas da evolução acadêmica e pessoal.

AGRADECIMENTOS

Para o meu amado tio Joaquim Tavares, exemplo de luta, perseverança e verdadeiro sucesso, daquele tipo de sucesso que não advém das posses e do dinheiro, mas da gloriosa sabedoria que traz a luta desapegada. Que continue a ser exemplo para toda a família e a comunidade.

Ao meu querido pai, que partiu no último ano, quando eu ainda começava a escrever os primeiros traços desta dissertação, por ter me apoiado com suas sábias palavras e sua compreensão.

À minha amada mãe, pelo carinho, pela paciência e apoio, me dando tranquilidade quando mais precisei.

Aos irmãos Marcelo, Marcos e Fabiane pelo eterno companheirismo.

A minha querida Tia Elza, pelo apoio e carinho de sempre.

À amiga Professora Doutora Olga Suely, pelo apoio, pela amizade e pelo contínuo incentivo.

Ao amigo estudante de Filosofia Paulo Andrade, e companheiro no árduo ofício diário de educador, com quem bebi do néctar da sabedoria, continuem a brilhar e a fazer sucesso.

Ao meu primo e amigo Illyushin Zaak Saraiva, pela prestabilidade e mão amiga sempre à disposição. Desejo ainda muito mais sucesso em sua brilhante carreira acadêmica e profissional.

Aos trabalhadores da Educação de Minas Gerais, meus colegas do labor diário, verdadeiros heróis, que fazem do ofício de educador, o mais nobre, um exercício de criatividade na luta pela sobrevivência diária. Lutando pela inclusão social e pela conscientização de uma sociedade mais justa e mais fraterna, atuam diretamente nas fontes do futuro, ou seja, nas novas gerações. Fazem deste esforço, um verdadeiro sacrifício, num Estado que ainda está por reconhecer-lhes o devido valor.

Ao Sindicato Único dos Trabalhadores da Educação de Minas Gerais – Sind-UTE, instituição magna, na qual recebi dos trabalhadores a honra de ser dirigente. As Assembléias magníficas dos professores de Minas Gerais dirigidas pelo Sind-UTE nos anos de 2010 e 2011 são a prova viva de que a Democracia Direta dos antigos ainda pode estar presente no mundo do perverso paradigma moderno, quando deram, literalmente, aulas de luta ao povo mineiro e

brasileiro. Quem luta educa! E foram Cento e doze dias de heroica, fustigante e educativa greve em 2011, em defesa de uma educação de qualidade para todos (as).

Aos funcionários, colegas acadêmicos, estudantes da FAJE e de outras universidades por onde passei com os quais tanto aprendi. Tomara que possamos aprender ainda mais e melhor juntos outra vez.

A todos os Professores do Curso de Mestrado em Filosofia, que indistintamente foram os responsáveis pela minha atual tomada de consciência de meu papel futuro como intelectual e acadêmico.

Ao Professor Drawin, este exemplo de orientador, que foi mais que um amigo.

Ao emérito Professor MacDowell, que com seu ar tranquilo, tantas vezes, nos momentos mais difíceis, me inspirou “coragem!”.

Tenho a honra de poder agradecer ao Professor Libânio, referência fundamental para a Faculdade Jesuíta, referência no pensamento teológico mundial, e referência em minha vida.

Agradeço também ao Professor Paulo Agostinho Nogueira Baptista, cujo trabalho sobre o gênio Leonardo Boff me inspirou a dar esse grande salto acadêmico que ora se concretiza, por ter aceitado participar da minha banca de mestrado.

Para o Professor Delmar, um muito obrigado pela postura acolhedora quando de meu ingresso na Faculdade Jesuíta.

Ao eterno Professor José Chasin, que pela primeira vez na vida me trouxe a sensação de sempre querer descobrir a verdade, a qualquer custo, em qualquer tempo. Ele sempre me ensinava a optar pela *práxis*.

Ao Professor Marcelo Pimenta Marques, primeiro professor de filosofia e responsável por despertar essa grande paixão em minha vida.

Um prazer especial é o de agradecer aqui ao amigo Professor Carlos Roberto Horta, incentivador da minha carreira e confidente das opiniões sócio-políticas.

E finalmente agradeço a Deus, figura maior e preponderante em minha vida, o grande criador e o responsável pelo mistério teoantropocósmico que sustenta a vida, e o grande responsável por eu poder estar aqui.

Nenhuma conquista é fruto de um esforço isolado. Obrigado a todos (as)!

"Estamos diante de um momento crítico na história da Terra, numa época em que a humanidade deve escolher o seu futuro. À medida que o mundo torna-se cada vez mais interdependente e frágil, o futuro enfrenta, ao mesmo tempo, grandes perigos e grandes promessas. Para seguir adiante, devemos reconhecer que, no meio da uma magnífica diversidade de culturas e formas de vida, somos uma família humana e uma comunidade terrestre com um destino comum. Devemos somar forças para gerar uma sociedade sustentável global baseada no respeito pela natureza, nos direitos humanos universais, na justiça econômica e numa cultura da paz. Para chegar a este propósito, é imperativo que nós, os povos da Terra, declaremos nossa responsabilidade uns para com os outros, com a grande comunidade da vida, e com as futuras gerações".

A Carta da Terra (2004)

RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo explicitar, nas obras do pensador Leonardo Boff, – especialmente aquelas publicadas a partir dos anos 1990 – a proposta de criação de um *Ethos* Mundial - abordando-se brevemente suas duas primeiras fases de produção intelectual dos anos 1960 aos anos 1980, para então aprofundar-se na sua terceira e última fase de produção, que é o objeto deste estudo – momento em que o autor passa a defender um consenso planetário mínimo entre os humanos, de forma a combater não somente as injustiças sociais, historicamente defendidas pela Teologia da Libertação, mas ampliando-a significativamente, ao priorizar a defesa de todas as formas de vida, mais precisamente a defesa da Mãe Terra (*Gaia*) e seu ecossistema, decifrando e combatendo a relação de exploração e degradação dos mais pobres e do meio ambiente. Como metodologia, procura-se analisar as obras de Leonardo Boff voltadas para a questão ético-ecológica, publicadas no período 1990 - 2012; em seguida discorre-se brevemente sobre os principais conceitos e considerações abordados nesta terceira sua terceira fase; finalmente analisam-se as bases e influências teóricas bem como as características do novo paradigma ecológico em Leonardo Boff. Conclui-se, de acordo com as proposições ético-ambientais de Boff – representadas na sua nova concepção de *Paradigma Ecológico* ou *Cosmologia da Transformação* - que esta proposta, irá possibilitar o surgimento de uma nova consciência planetária, denominada de era *ecozóica*, que se caracterizará pelo fato de que todos os esforços humanos nas ciências, na política, na economia e nas artes deverão estar ecocentrados na questão ambiental, na sustentabilidade, de forma a se evitar o que Boff denomina de *ecocídio* anunciado. Apresenta-se por fim a proposta de *Ethos* Mundial em Leonardo. Boff: centrada principalmente na ética do cuidado, que se expressa formalmente na Carta da Terra, que resgata-se as dimensões do *pathos* (estrutura da sensibilidade), com sua proposta de verdadeira sustentabilidade, que pode ser resumida na ação de tirar da Terra somente aquilo que necessitamos para se viver com dignidade, e nada mais, embasados no ecossocialismo de Michel Lowy, como alternativa ao capitalismo predatório.

Palavras-Chave: Novo Paradigma Civilizatório; Cosmologia da Transformação; Ética e Ecologia Planetária; Leonardo Boff; Sustentabilidade.

ABSTRACT

This paper aims to describe, in the works of Leonardo Boff thinker - especially those published from the 1990s - the proposal to create a World Ethos - focusing briefly on its first two phases of intellectual production in the 1960s to 1980s, culminating in its third phase, which is our object of study - in which the author advocates a minimum planetary consensus among humans. In order to combat not only the social injustices historically defended by liberation theology, but expanded it significantly, to prioritize the defense of all life forms, specifically the defense of Mother Earth (Gaia) and its ecosystem, and deciphering fighting against exploitation and degradation of the poor and the environment. The methodology seeks to analyze the works of Leonardo Boff geared towards eco-ethical question, published in the period 1990 - 2012; talks briefly about the key concepts and considerations discussed in this third its third phase, are observed and the bases theoretical influences as well as the characteristics of the new ecological paradigm in Leonardo Boff. It follows, according to the propositions of ethical and environmental Boff, represented in its new conception of Ecological Paradigm or Cosmology Transformation, will proporcionra the emergence of a new planetary consciousness, called ecozóica era that will be characterized by the fact that all human endeavors in science, politics, economics and the arts should be ecocentrados in environmental issues, sustainability, in order to avoid what Boff calls ecocide announced. It presents the proposal by the end of Ethos World in Leonardo. Boff: mainly focused on the ethics of care, which is expressed formally in the Earth Charter, which rescues the dimensions of pathos (structure sensitivity), with its proposal for true sustainability, which can be summarized in action Earth take only what we need to live with dignity, and nothing more, based on ecosocialism Michel Lowy, as an alternative to predatory capitalism.

Keywords: New Paradigm of Civilization; Cosmology of Transformation; Ethics and Planetary Ecology; Leonardo Boff; Sustainability.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. MUDANÇA DE PARADIGMA NO PENSAMENTO DE LEONARDO BOFF	
1.1 Breve Introdução ao Pensamento de Leonardo Boff	17
1.2 O conceito de paradigma	20
1.3 O pensamento de Boff nas duas primeiras fases	23
1.4 A mudança para o paradigma ecológico no pensamento de Leonardo Boff	25
1.5 Libertação e ecologia: a ampliação e o desdobramento para o novo paradigma ecológico.	31
1.6 Bases teóricas do novo paradigma	35
1.7 Características do Paradigma Ecológico	50
1.8 Conclusão do capítulo 1	57
2. O PARADIGMA ÉTICO-ECOLÓGICO EM LEONARDO BOFF	
2.1 Questões éticas em Leonardo Boff	59
2.2 A questão ética e moral na visão de Boff	61
2.3 Dois projetos éticos da contemporaneidade	64
2.4 Natureza e <i>logos</i> na ética contemporânea	67
2.5 Caminhos e práticas da ecologia	69
2.6 A ética do cuidado essencial	72
2.7 Conclusão do Capítulo 2	82
3. O ETHOS MUNDIAL COMO PROPOSTA ÉTICA	
3.1 A Sustentabilidade como proposta ética	85
3.2 A crítica ao sistema capitalista como antítese da ecologia e como proposta ética	88
3.3 O ecosocialismo como alternativa ao capitalismo e como proposta ética	94
3.4 Formas de universalização de um discurso ético	98
3.5 Princípios e valores Éticos da Carta da Terra para a constituição de um <i>ethos</i> mundial	102
3.6 Um <i>Ethos</i> e muitas morais	109
3.7 Conclusão do Capítulo 3	110
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	112
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	
5.1 Bibliografia primária	119
5.2.1 Obras de Outros autores	121
5.2.2 Bibliografia de Leonardo Boff	123

INTRODUÇÃO

Genézio Darci Boff, atualmente conhecido como Leonardo Boff, nasceu em 14 de dezembro de 1938 na cidade de Concórdia, estado de Santa Catarina, descendente de imigrantes italianos, que chegaram ao Rio Grande do Sul em fins do século XIX.

Boff é um ecoteólogo e filósofo brasileiro, escritor e professor universitário e, como Teólogo, foi um dos grandes teóricos da Teologia da Libertação na América Latina e seu principal expoente no Brasil.

Leonardo foi membro da Ordem dos Franciscanos, onde ingressou em 1959 sendo ordenado padre em 1964. Depois de ter passado diversas polêmicas e pressões sofridas dentro da estrutura da igreja católica, por conta de seu papel central no pensamento progressista que emanava da Teologia da Libertação, Boff finalmente veio a pedir dispensa desta ordem, sendo atualmente considerado leigo, vindo a se casar.

Reconhecido internacionalmente pela sua militância histórica em defesa das causas sociais, Leonardo Boff tem obtido atualmente destaque internacional pelo seu envolvimento em questões ambientais.

Altamente engajado, Leonardo Boff é um dos intelectuais brasileiros mais consagrados nacional e internacionalmente, sua influência persiste há cerca de quarenta anos e atingiu dimensões que beiram à unanimidade por professores e pesquisadores, bastando lembrar que durante os oito anos de debates e reflexões da elaboração da *Carta da Terra*, – documento de extrema relevância histórica, comparado à Declaração Universal dos direitos Humanos da ONU de 1948 – Leonardo foi o representante brasileiro na comissão de notáveis responsável pela elaboração do documento, que incluía cientistas, personalidades e intelectuais de 46 países.

O filósofo ainda é ganhador de diversos prêmios internacionais. Em 2001, ele foi contemplado com o Prêmio Right Livelihood (Correto Modo de Vida), conhecido como o Nobel alternativo, em Estocolmo, na Suécia.

Não é tarefa fácil sobrevoar as décadas da monumental produção de Boff, que engloba mais de oitenta livros, algumas centenas de artigos no Brasil e no exterior, além de entrevistas e mais recentemente, filmes e DVDs de divulgação de temas ético- ambientais e literatura infantil.

A sua trajetória o projeta hoje como um dos ícones da Teologia, da Filosofia e da Ecologia, podendo-se afirmar comparativamente que Leonardo Boff está para a divulgação da Teologia, da Filosofia e do pensamento Ético Ecológico, assim como esteve Carl Sagan para a Astronomia.

Nos últimos vinte anos, Leonardo produziu uma vasta literatura relacionada à questão ecológica, e a temas relacionados, como a ética planetária; vindo em suas obras mais recentes a propor um novo *Ethos* mundial, *Paradigma Civilizatório*, denominado de *Paradigma Ecológico*, ou mais recentemente de *Cosmologia da Transformação*, em que a humanidade não estabeleça mais relações de exploração para com a natureza e nem para com outros seres humanos.

Entretanto, essa última fase de produção intelectual do pensador Boff é ainda pouco conhecida se comparada com a sua produção literária dos anos 1970 e 1980, quando despontou ao lado de outros teólogos latino-americanos, como Gustavo Gutiérrez no Peru e Hugo Assman na Bolívia, como um dos principais expoentes da Teologia da Libertação.

Nessa trajetória, Boff se tornou um exemplar do tipo raro de intelectual que na história tem a chance de dialogar e transitar em um leque amplo de conhecimentos, e ainda se encontra em fase plena de produção intelectual.

Se foi, junto com outros importantes pensadores, um dos elaboradores da Teologia da Libertação, o que por si só já significa muito, hoje pode-se afirmar que seja também um dos principais teóricos do chamado *paradigma ecológico* ou *cosmologia da transformação*, justamente debatidas nessa dissertação. Tal quadro teórico “ainda está sendo gestado” segundo Boff, e ele acredita que esses novos valores éticos nortearão a chamada “era ecozoica”, momento posterior quando todos os valores ético-morais, espirituais e científicos se dedicarão a proteger a Mãe Terra ou *Gaia*.

Assim, segundo Boff o nosso planeta seria poupado das agressões contínuas recebidas do ser humano, de forma a retornarmos ao equilíbrio perdido o que propiciaria a constituição de uma sociedade verdadeiramente sustentável.

Corroborando a preocupação de Boff quanto à devastação ambiental, os alarmantes relatórios do IPCC (Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas) sobre mudanças climáticas e aquecimento global divulgados¹ recentemente, e ainda em processo de discussão pelo mundo, têm colocado em pauta na agenda dos países o debate sobre a relação entre impacto ambiental e atividade humana. Alguns países ainda não se despertaram para o estado de alerta, em que se encontra nosso planeta, causado, em grande medida, segundo Boff, pelas ações das modernas sociedades industrializadas, que podem ser representadas pelas sociedades de potências mundiais, notadamente os EUA, Europa e a China.

O tema tem sua relevância acadêmica justificada pela gravidade desta crise ambiental, que pode ser expressa com a conhecida frase de Leonardo Boff (2000, p.46): “Ou todos nos salvamos, ou todos pereceremos”.

Na perspectiva boffiniana, alternativas parciais não são mais suficientes para solução do problema, que é global. Para ele, urge consenso mínimo para o enfrentamento dessa crise planetária, ou ecocídio anunciado, provocado pelo *homo demens/sapiens*, na atual era denominada por Boff “era ecozóica”².

Dessa forma, para Boff, a questão ecológica não pode ser pensada somente como problema técnico envolvendo a criação de novas tecnologias menos poluentes. Está em jogo nos debates atuais, não apenas a diminuição da emissão de CO² na atmosfera ou o controle do desmatamento da floresta amazônica, mas, principalmente, o questionamento com relação ao

¹ Ao longo de 2007, o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) se tornou uma das referências mais citadas nas discussões sobre mudança climática. Este órgão da Organização das Nações Unidas (ONU) divulgou quatro capítulos que, juntos, formam um relatório completo sobre o aquecimento global nos dias atuais, afirmando categoricamente, que a causa do aquecimento global é a ação antrópica. O documento gerou tanta repercussão que, no fim do ano, o comitê de premiação do Nobel decidiu dedicar o honroso Prêmio Nobel da Paz ao IPCC - junto com o ex-vice-presidente norte-americano Al Gore -, por seu trabalho de conscientização da comunidade e dos líderes internacionais para o problema e as conseqüências da mudança climática.

² Embora Boff tenha utilizado e propagado este termo, esta expressão foi sugerida por Brian Swimme, um dos mais importantes astrofísicos atuais, diretor do Centro para a História do universo, do instituto de estudos Integraís da Califórnia. Cf. Swimme & Bery (1991). *The Universe Story*. San Francisco. Harper, 1991.

nosso modo de estar e atuar no mundo. Dito de forma mais clara: a crise ecológica exige uma reflexão sobre a ética, porque pensar o agravamento das condições naturais de existência coloca em xeque o *ethos* sobre o qual se constituiu a civilização ocidental.

Na Rio + 20, evento intergovernamental ocorrido em 2012, percebe-se a incoerência dos líderes mundiais ao não apontarem alternativas reais e viáveis, a atual crise social, política e especialmente, ao desequilíbrio climático, também chamado de aquecimento global (ou extremismo climático). A cúpula dos povos, evento que ocorreu paralelamente a Rio + 20 e que foi promovido pelos movimentos sociais, apontaram sabiamente que o que se estava propondo como “alternativa” era o “mais do mesmo”. Como bem criticou Leonardo Boff durante a sua participação na cúpula dos povos, ao afirmar que: “o futuro que nós não queremos, e o futuro que eles querem é nos levar à beira do abismo. Lá eles não têm mensagens positivas para o futuro que queremos”.³

Boff destacou ainda, que “um dos defeitos principais dos documentos da ONU é que nunca dão conta da realidade e das ameaças que pesam sobre o sistema vida e a humanidade”. De acordo com Leonardo, eles estão mais preocupados em “salvar os sistemas bancários, a Grécia, a Espanha e o capital econômico”. E completou, “a humanidade não tem muito mais tempo para reagir aos inúmeros desastres naturais e alterações climáticas. Podemos chegar atrasados e agora não temos como errar, pois não há tempo de corrigirmos nosso erro. Dessa vez é o sistema do planeta como um todo que está ameaçado”.⁴

Ou seja, não se aprovou qualquer acordo ou protocolo que objetivasse a solução efetiva da grave crise planetária por qual a humanidade e seu frágil ecossistema (Gaia) está passando. Neste sentido, cabe aos novos pensadores do século XXI, aproveitar este vasto contributo de Leonardo Boff ao pensamento e à humanidade. Autor que estudou e analisou como poucos os problemas e as atuais crises contemporâneas, e que deixa uma fértil contribuição para a reflexão, para a práxis, para o debate e para o diálogo sobre as alternativas às crises e problemas sociais, éticos e ecológicos atuais. E o mais importante, sobre que modelo de

³ BOFF, Leonardo. Título do texto disponível em: <http://portal.aprendiz.uol.com.br/2012/06/18/leonardo-boff-critica-posturas-da-onu-durante-lancamento-da-carta-da-terra/>. Acesso em 10/09/2012.

⁴ Ibid.

mundo queremos, ou devemos deixar para nossos filhos e netos e para todas as formas de vida.

É com esse intuito que se pretende no primeiro capítulo do presente trabalho fazer uma breve abordagem sobre as duas primeiras fases de sua obra, em meio a ponderações, filosóficas, teológicas e científicas, discorrendo brevemente sobre o conceito de paradigma, que Boff apropria de Thomas Kuhn e amplia, sob a influência de diversos autores, especialmente sob influência das concepções de teor libertário da Teologia da Libertação que provocam uma mudança rumo ao paradigma ecológico, e cujas condições são aqui explicitadas. Apresenta-se as bases teóricas e as características desse novo paradigma ecológico.

No segundo capítulo, ousa-se construir explicações para os vários problemas éticos da contemporaneidade, como as crises ambientais, sociais, políticas, baseadas na visão de Boff; a questão ética e moral no pensamento de nosso autor; os dois projetos éticos antagônicos de nossa contemporaneidade, ou seja, a tradição *ocidental*, denominada por Boff de cosmologia da dominação, de característica antropocêntrica linear, reducionista, embasada na razão instrumental, que submete a natureza e a destrói indiscriminadamente, em contraste com o *novo paradigma ecológico*, ou cosmologia da transformação, de característica holística. Abordaremos os caminhos e práticas da ecologia atual: a ecologia ambiental, política e social, mental e integral; e a ética do cuidado essencial, poeticamente descrita na fábula-mito de Hígino e consubstanciada nos princípios da Carta da Terra.

No terceiro capítulo demonstra-se como o conceito de sustentabilidade é de fundamental importância na constituição de um *ethos* mundial e como a humanidade e toda a sua biodiversidade é refém do sistema capitalista. Como será demonstrado na crítica ao sistema capitalista predatório *ecocida* e podendo vir a ser *biocida*, como antítese da ética ecológica e da vida na Terra. Observaremos a proposta de *ecossocialismo*, embasado nas concepções de Michel Lowy. Essa seria, na visão de Boff, uma alternativa ao capitalismo auto-destruidor e incompatível com a ecologia. Observaremos a análise da proposta de um *Ethos* Mundial, “um consenso mínimo entre os humanos”, cristalizada nos princípios da *Carta da Terra*, constitui o nosso último ponto de discussão, antecedendo as conclusões e as considerações finais dessa investigação.

1. MUDANÇA DE PARADIGMA NO PENSAMENTO DE LEONARDO BOFF

1.1– Breve Introdução ao Pensamento de Leonardo Boff

Leonardo Boff produziu, ao longo de quatro décadas, uma vasta obra - ainda em processo de elaboração - contando com mais de 80 volumes. Esse *oceano boffiniano* aborda questões tanto Teológicas quanto Filosóficas. As questões teológicas estão presentes principalmente nos seus escritos dos anos 70 e 80, quando o autor se destacou na defesa dos pobres e excluídos, notabilizando-se como um dos principais expoentes da Teologia da Libertação (TdL).

Os escritos teológicos de Boff acabaram por projetá-lo, juntamente com Gustavo Gutierrez, Juan Luis Segundo, José Comblin, Hugo Assman, Rubem Alves, etc. como um dos grandes ideólogos da Teologia da Libertação (TdL), dando ao mesmo um status especial entre os intelectuais brasileiros e latino-americanos da segunda metade do século XX.

Pensador prolífico e coerente, em suas elaborações Eclesiológicas e na defesa dos Direitos Humanos e em suas experiências junto as Comunidades Eclesiais de Base (CEB's), Boff teve problemas com as autoridades eclesiásticas por conta do seu pensamento teológico, consubstanciado na Teologia da libertação – e sua opção pelos pobres – que ele ajudou a criar, fato este que o levou finalmente à sua polêmica laicização em 1992. Boff argumenta que a publicação em 1982 de seu livro *Igreja: carisma e poder*, no qual aplicava as concepções da Teologia da Libertação às condições internas da Igreja, foi o estopim que o levou a ser processado pela congregação da doutrina da fé, e finalmente trouxe a sua condenação ao silêncio obsequioso, à intervenção na editora Vozes, e até à queima⁵ de livros da teologia da Libertação, momento em que as perseguições a Boff tornaram-se insuportáveis, e ele pediu dispensa oficialmente da igreja⁶.

⁵ “Quando o Vaticano interveio na Vozes em 1992, depuseram toda a direção, nomearam um alemão como interventor, que a primeira coisa que fez foi pegar os nossos livros e mandar picotar e queimar. Pegou o arquivo todo da Teologia da Libertação, aquela coleção de cinquenta tomos, trabalho fantástico de bispos, de teólogos de toda a América Latina, pegou aquilo e jogou no lixo, para ser levado pelos caminhões: ainda consegui correr atrás e salvar. E disse que a Vozes, eu e a Teologia da Libertação fizemos uma chaga muito grande na Igreja e que essa chaga devia ser sanada. E deu uma guinada fantástica na Vozes, que passou a ser uma editora de direita, fechada, contra a Teologia da Libertação. E virou censor pessoal meu. Cada artiguinho que eu fazia ele corrigia tanto, que não dava nem pra publicar. Senti uma profunda humilhação da inteligência: uma editora que ajudou a pensar o Brasil mais à esquerda, o cristianismo mais de libertação, sofrer esse tipo de intervenção. Aí eu digo: ‘Não, isso é injusto. Um editor que manda queimar livros, como pode ser um editor?’ Cf. Entrevistas Caros Amigos: Leonardo Boff - "A Igreja mente, é corrupta, é cruel e sem piedade". Revista Caros Amigos – Setembro de 1998.

⁶ “Engraçado, encaminhei os papéis e o Vaticano até hoje não me respondeu. Então, oficialmente, posso entrar em qualquer igreja, celebrar, pregar, casar, quer dizer, foi um desligamento unilateral. Em 1992, durante a

Deixou o ministério sacerdotal e a Ordem Franciscana e se autopromoveu leigo. Continuando seu trabalho de assessor dos movimentos sociais e também de professor de ética e filosofia da religião na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Entretanto, Boff afirma que nunca deixou a Igreja: "Continuei e continuo dentro da Igreja e fazendo teologia como antes" (Entrevista dada ao Jornal OTEMPO em 14/12/2008, disponível em: <<http://www.leonardoboff.com/site/70anos/artigos/04-estamos.htm>>, acesso em 11/10/2011).

Percebe-se que o pensamento de Leonardo Boff está dividido basicamente em três fases ⁷, a “européia”, a fase de elaboração, militância e divulgação da Teologia da libertação, e a sua terceira fase a partir dos anos 90 na elaboração do novo paradigma ecológico. Para a nossa dissertação, é de interesse a sua terceira fase, a ético-ecológica, que será abordada mais adiante. As obras de Leonardo Boff, a partir dos anos 1990, discorrem especialmente sobre o conceito de paradigma ao qual Leonardo Boff irá se apropriar e expandir: o conceito original de paradigma de Thomas Kunh⁸; esta fase supera de forma totalizante as suas duas primeiras fases de produção intelectual: seja a sua primeira fase de elaboração intelectual “europeia” quando realizou estudos de doutorado em filosofia e teologia na Universidade Ludwig-Maximilian de Munique, Alemanha e posteriormente em Oxford, com estudos em linguística e antropologia; seja a sua segunda fase de elaboração junto com outros teólogos da Teologia da Libertação, tendo como referência neste caso a publicação de seu livro “Jesus Cristo

Eco, veio o geral da ordem, instruído pelo Vaticano, dizendo: "Até agora, a ordem ajudou você, agora você tem de ajudar a ordem. Então, tem de deixar de dar aula, de escrever, de viajar, de dar entrevistas, de publicar". Eu: "Como? Já fiz isso antes, não faço mais. Antes podia ser humildade, aqui é humilhação, não aceito isso". "Você pode escolher qualquer lugar da ordem, qualquer convento, que a ordem está no mundo inteiro..." "Isso não aceito." Então, durante toda a tarde, elaboramos alternativas para eu poder continuar fazendo alguma coisa. Disse a ele: "Teólogo tem só a palavra como comunicação, falada e escrita. Se você tira dele a palavra, ele é uma pessoa nula. Os direitos humanos, a luta do Brasil para conquistar uma democracia, a Igreja ajudou a resgatar essa liberdade e vocês querem impô-la, não aceito". Então, ele se comunicou com alguém e me disse: "Não tem alternativa, você pode escolher qualquer lugar". "Se eu for para a Coréia, para as Filipinas, naquela lonjura, outras línguas, posso ensinar, escrever?" "Não, não pode, tem de se submeter totalmente." Então eu disse: "Eu mudo pra continuar o mesmo. Não aceito e vou sair, como protesto". E aí discutimos "como vamos fazer". A gente ia esperar – era julho, durante a Eco 92 – para avisar os amigos, bispos etc”. Cf. Revista Caros Amigos – Leonardo Boff - "A Igreja mente, é corrupta, é cruel e sem piedade". Revista Caros Amigos – Setembro de 1998.

⁷ A importância da divisão do pensamento de Boff em nosso trabalho decorre dos diversos enfoques dados por ele às questões éticas em suas reflexões.

⁸ “Na esteira de Thomas Kunh que, nos anos 70 do século passado, difundiu a expressão paradigma com seu conhecido livro A estrutura das revoluções científicas (1970), entende-se por paradigma toda a constelação de visões de mundo, de valores, de conceitos-chaves, de ciências, de saberes, de sonhos, de utopias coletivas, de práticas espirituais e religiosas e de hábitos assumidos coletivamente, fatores que orientam uma determinada sociedade e lhe conferem sentido e a necessária coesão interna.” Cf. BOFF, Leonardo. O cuidado necessário: na vida, na saúde, na educação, na ecologia, na ética e na espiritualidade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 70.

Libertador” há 40 anos, como um marco⁹ em sua trajetória intelectual, e principalmente para a Teologia da Libertação.

Neste trabalho, nos ateremos especificamente às reflexões Ético-filosóficas de Boff, quando a partir dos anos 90, o mesmo passa a focar em suas obras a problemática ecológica, apesar de observar-se elementos que já indicavam este caminho em algumas de suas obras anteriores, como *Jesus Cristo Libertador* (1972), *São Francisco: Ternura e vigor* (1981), e outros escritos, como se verá adiante. Procurar-se-á explicar também os diversos conceitos de *Ethos*, em Leonardo Boff, e mais especificamente explicitar a sua proposta de um *Ethos* mundial.

Com relação à obra *Jesus Cristo Libertador* de 1972¹⁰, é interessante observar-se a preocupação política e social do autor, bem como a sua relevância e atualidade, que irão posteriormente somar às demandas ambientais, culminando com a sua proposta do novo paradigma ecológico:

[...] Falar de Jesus Cristo Libertador supõe alguma coisa anterior. Libertação acha-se em correlação oposta à dominação. Venerar e anunciar Jesus Cristo implica pensar e viver a fé cristológica a partir do contexto sócio-histórico de dominação e opressão. Trata-se, pois, de uma fé que visa captar a relevância de temas que implicam uma transformação estrutural de uma dada situação sócio-histórica. Essa fé elabora analiticamente essa relevância produzindo uma cristologia centrada no tema de Jesus Cristo Libertador. Tal cristologia implica um determinado compromisso político e social em vista da ruptura com a situação opressora. [...] Neste sentido temos de afirmar que não existe uma cristologia neutra, nem pode haver. Toda ela é *partisanne e engagée*. *Volens molens* o seu discurso repercute na situação com os interesses conflitantes que o perpassam. [...]¹¹

Faz-se de extrema importância, antes de adentrar no objetivo proposto nesta dissertação, situar o contexto intelectual no qual Leonardo Boff muda de uma visão eminentemente

⁹ “Quarenta anos do livro que fundou a Teologia da Libertação - Aconteceu em São Leopoldo, junto ao Instituto Humanitas da Unisinos dos Jesuítas, a celebração dos 40 anos do surgimento da Teologia da Libertação. Lá estiveram os principais representantes da América Latina, especialmente seu primeiro formulador, o peruano Gustavo Gutiérrez. Curiosamente, em 1971, sem que um soubesse do outro, tanto Gutiérrez (Peru), quanto Hugo Assman (Bolívia), Juan Luiz Segundo (Uruguai) e eu (Brasil) lançávamos nossos escritos, fundadores dessa teologia. Eu, para burlar os órgãos de repressão dos militares, publicava todo mês, em 1971, um artigo numa revista para religiosas, "Sponsa Christi" (Esposa de Cristo), com o título "Jesus Cristo Libertador". Em março de 1972, arrisquei sua publicação em forma de livro. As palavras "libertação" e "libertador" não podiam ser usadas publicamente. Custou muito ao advogado da Vozes convencer os agentes de que se tratava de um livro de teologia que não ameaçava a segurança nacional.”Disponível em: <<http://www.otempo.com.br/otempo/colunas/?IdColunaEdicao=20075&busca=Leonardo%20Boff&pagina=1>>, acesso em 02 de outubro de 2012.

¹⁰ Utilizamos neste trabalho a 21ª edição do referido livro, publicado no ano de 2012.

¹¹ BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo Libertador*. Petrópolis: Editora Vozes, 2012, p.13 - 15.

eclesiológica para uma postura ecológica. Contudo, é digno de esclarecimento que no pensamento do autor, esses temas estão interconectados. É a investigação a respeito da mudança de paradigma intelectual em Boff permitirá compreender o horizonte no qual o ele desenvolve a sua reflexão ético-ambiental, ou seja, a proposta de um *ethos* universal.

Após esta breve introdução sobre o autor, torna-se importante uma abordagem histórica e etimológica sobre o conceito de paradigma.

1.2 O conceito de paradigma

A filosofia recente, estudando as mudanças científicas, desmitificou de certa forma as ideias de evolução e progresso. De acordo com a filósofa Marilena Chauí: “a filosofia da ciência compreendeu que as concepções científicas e os ideais de cientificidade são diferentes e descontínuos”¹². Neste sentido, quando se compara, por exemplo, as físicas de Aristóteles, Galileu-Newton e Einstein, não se observa uma mesma física que evoluiu ou progrediu, mas três físicas diferentes baseadas em princípios, conceitos, experimentações diferentes, pois em cada uma delas, a ideia de natureza e os métodos analíticos são diferentes. Percebeu-se, uma descontinuidade e uma diferença de entre as teorias científicas, em decorrência não de uma forma mais evoluída de fazer ciência, mas como resultado de diferentes maneiras de conhecer os objetos e os métodos científicos.

O pensador Bachelard cunhou o termo ruptura epistemológica para descrever esta descontinuidade nas ciências, em seu esforço para a superação do obstáculo epistemológico. Ao contrário de Bachelard, Thomas Kuhn acredita que a ciência é construída de descontinuidades e rupturas radicais, visto que ele concebe estas rupturas científicas, como momentos de criação de novas teorias denominada por ele de revolução científica. Revoluções desta natureza foram concebidas por Copérnico, Newton, Darwin, Einstein e Heisenberg, quando um novo campo científico foi entendido com métodos e teorias que permitem que se tornem um modelo conhecimento capaz de explicar diversos fenômenos. A este modelo de conhecimento, Thomas Kuhn irá chamar de paradigma científico.

¹² CHAUÍ, Marilena. **Iniciação á filosofia**. 1ª edição. São Paulo: Ática, 2010, p. 305.

Apesar de Thomas Kuhn ter sido o principal propagador da expressão paradigma, percebe-se que esta palavra possui um longo itinerário histórico. Nesse sentido, “o conceito de “paradigma”, como toda palavra, percorreu uma trajetória histórica e nesse processo se transformou e ampliou seu significado”. (BAPTISTA, 2007, p. 176).

O sentido ou a etimologia da palavra “paradigma” encontra sua origem no homógrafo grego “*parádeigma*”. Diversos autores antigos, entre eles, Platão e Aristóteles, fizeram uso desse termo. Platão o utilizou em vários sentidos, mas o principal é o de “modelo”, especialmente como o modelo eterno e invariável do qual as coisas participam.

Nesse contexto, ser paradigmático é então ser exemplar e modelar, ser norma das chamadas “realidades”, que são tais enquanto se aproximam de seu modelo”¹³. Já Aristóteles utiliza tal noção como sinônimo de exemplo¹⁴, visando, dessa maneira, à persuasão.

Mais recentemente, o filósofo Austríaco fundador da Filosofia Analítica, Ludwig Wittgenstein (1889-1951), utiliza-o no sentido de “molde” de pensamento ou estereótipo¹⁵. E o norte-americano, físico e historiador da ciência Thomas Kuhn, como já foi descrito acima, se apropriou deste termo no campo científico¹⁶.

Thomas Kuhn inicialmente, compreende paradigma como “as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência”¹⁷. Ele confere dois sentidos ao termo “paradigma”: um sociológico e outro filosófico. Inicialmente, no sentido sociológico, *paradigma* significa “toda uma constelação de crenças, valores, técnicas, etc.[...] partilhados pelos membros de uma comunidade determinada”¹⁸.

¹³ MORA, J. F. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Loyola, 2005. p. 2.199.

¹⁴ “Ele aparece na Retórica, [...] enquanto ‘exemplo’ regularmente utilizado pelos oradores com fins persuasivos [...]”. ARAÚJO, L.B.L. “Considerações sobre o termo paradigma”. In: ANJOS dos M.F. (Org.). **Teologia e novos paradigmas**. São Paulo: Soter/Loyola, 1996. p. 15-16.

¹⁵ OUTHWAITE, W. **Dicionário do pensamento social do século XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. p. 554.

¹⁶ KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. 5ª edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 1970.

¹⁷ Ibid., p.13.

¹⁸ Ibid., p.218.

O segundo sentido, de acordo Kuhn “denota um tipo de elemento dessa constelação: as soluções concretas de quebra-cabeças que, empregadas como modelos ou exemplos, podem substituir regras explícitas como base para a solução dos restantes quebra-cabeças da ciência normal”. (KUHN, 1970, p. 224)

De acordo com Kuhn, ao trazer respostas para os problemas levantados, o novo paradigma preenche as lacunas deixadas pelo antigo e oferece novas regras para a ciência. Mas, e quando ocorre uma mudança de paradigma? Segundo Kuhn, quando surge uma compreensão do mundo diferente da que até então era aceitável. Ou seja:

[...] a descoberta começa com a consciência de anomalia, isto é, com o reconhecimento de que, de alguma maneira, a natureza violou as expectativas paradigmáticas que governam a ciência normal. Segue-se então a anomalia. Este trabalho somente se encerra quando a teoria do paradigma for ajustada, de tal forma que o anômalo se tenha convertido no esperado. A assimilação de um novo tipo de fato exige mais que um ajustamento aditivo da teoria. Até que o cientista tenha aprendido a ver a natureza de um modo diferente.¹⁹

Contudo, isso não quer dizer que, por causa das anomalias dentro de um *paradigma*, seja necessário descartá-lo. Usualmente, ocorre uma mudança quando os questionamentos se tornarem excessivos e não são resolvidos pelo antigo paradigma. Nesse sentido, a consciência percebe a necessidade de encontrar um novo paradigma. Esse processo é o que se chama de “revolução científica” e mudança na ciência. E é essa percepção que se remete ao verbete “paradigma” citado por Kuhn no dicionário de filosofia MORA, 2001²⁰.

Segundo Thomas Kuhn:

[...] paradigma é aquilo que os membros de uma comunidade partilham, e inversamente, uma comunidade científica consiste em homens que partilham um paradigma. [...] Os membros de todas as comunidades científicas incluindo as escolas do período pré-paradigmático, compartilham os tipos de elementos que rotulei coletivamente de ‘um paradigma’. O que muda com a transição à maturidade não é a presença de um paradigma, mas antes sua natureza. Somente depois da

¹⁹ Ibid., p.224.

²⁰ “Quando as anomalias, contudo são excessivas, começa-se a por em dúvida a própria validade do paradigma adotado (inconscientemente adotado). Acontece então uma revolução científica que termina por consistir numa mudança de paradigma. No trânsito de um paradigma a outro, a ciência oferece um aspecto ‘anormal’, em vez de perplexidades surgem problemas, que terminam por romper o paradigma até então estabelecido e contribuem para o assentamento de um novo paradigma”. MORA, José Ferrater. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Loyola, 2001. p. 2200.

transição é possível a pesquisa normal orientada para a resolução de quebra-cabeças.²¹

Dentre outros pensadores, João Batista Libânio, importante teólogo brasileiro, também amplia o conceito de *paradigma*. Ele diz que esse se trata de “uma constelação de regras, de esquemas, de estilos de formular a teologia [...] uma constelação geral, um padrão básico, um esquema fundamental, um modelo global [...] um conjunto de convicções, concepções, valores, procedimentos e técnicas que são levadas em conta pelos membros de uma determinada comunidade teológica”²².

Ao se teorizar um novo paradigma, neste caso o *paradigma ecológico* de Boff, deve-se refletir sobre o processo de mudança que nos faz identificar tal transformação. Como propõe Thomas Kuhn, faz-se necessário a observação de noções relacionais distintas: “a crise, as anomalias do sistema da ciência normal, a comunidade determinada que muda sua constelação de valores, e descontinuidades as continuidades, e as novas soluções propostas, etc.”²³.

Após fundamentar o conceito de paradigma, abordar-se-á brevemente, as duas primeiras fases do pensamento de Leonardo Boff.

1.3 O pensamento de Boff nas duas primeiras fases

De 1963 (ano de publicação do primeiro artigo²⁴) a 1974 (ano de publicação dos artigos que demarcam uma nova etapa²⁵), Leonardo Boff revela reflexão influenciada pelo contexto europeu, especialmente alemão (onde se doutorou entre 1965-70). Nessa trajetória, a temática da libertação ainda não constitui o seu horizonte interpretativo. Nesse momento, são a exegese crítica, a teologia acadêmica, as questões filosófico existenciais e a filosofia heideggeriana que têm grande peso.

²¹ KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. 5ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1970. p. 219-223

²² LIBANIO, João Batista. “Diferentes Paradigmas na História da Teologia”. In: Anjos dos M.F (Org.). **Teologia e novos paradigmas**. São Paulo: Soter/Loyola, 1996. p. 35.

²³ KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. 5ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1970. p. 32.

²⁴ BOFF, Leonardo. **Conceitos de Inspiração ao Tempo do Vaticano II**. REB, Petrópolis, v. 23, n. 1, mar. 1963. p. 104-21.

²⁵ Tais artigos publicados de janeiro a dezembro de 1974 compõem o livro *Teologia do cativo e da libertação* (versão espanhola de 1975 e versão portuguesa de 1976).

Mesmo o clássico *Jesus Cristo Libertador* (1972), considerado uma das obras inaugurais da teologia da libertação²⁶, para autores como Baptista²⁷ ainda não é *strictu sensu* pertencente a essa teologia. Conforme relata Baptista, aí ainda “não se utilizam elementos importantes do método teológico da Teologia da Libertação: a mediação socioanalítica e a reflexão praxística, prevalecendo mais, nesse momento inicial, a mediação hermenêutica antropológica, filosófica existencialista, das ciências humanas e a influência da exegese alemã”²⁸.

Com certa ousadia, poder-se-ia dizer que, nessa primeira etapa, L. Boff era um pensador com características marcadamente europeias e com forte traço da racionalidade alemã; já que demonstrava originalidade em alguns temas; seu pensamento inseria-se, então, nos marcos de um pensar que tem as questões europeias como fonte.

Na segunda etapa, de 1974²⁹ a 1992, que continua teológico, é claramente sociopolítico. Nela, o tema da libertação passa a ser o orientador de toda reflexão de Boff. Ele debaterá amplamente o vínculo entre o religioso e o político e a questão de Deus e da função da religião e da Igreja no contexto latino-americano e brasileiro.

Essa fase marca uma preocupação ética. A partir dela, Leonardo torna-se um dos maiores teóricos do cristianismo libertador e participa ativamente dos movimentos de libertação no país. Assume cargos como o de diretor da Editora Vozes e de assessor de bispos e órgãos da Igreja. Suas posições eclesiológicas lhe acarretam um processo junto ao Vaticano que lhe valerá um ano de *silêncio obsequioso*, em 1985.

A publicação de *América Latina: da conquista à nova evangelização* (1992), além de sua saída do sacerdócio ante novo processo do Vaticano, simboliza o fim de uma fase marcada por questões referentes à Igreja. Porém continua em Leonardo Boff a sua preocupação, a sua reflexão teórica sobre um mundo de pobres e de oprimidos que ainda precisa ser libertado.

²⁶ Cf. DUSSEL, Enrique. **Teologia da Libertação** - um panorama de seu desenvolvimento. Trad. Francisco Rocha Filho. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 86.

²⁷ Paulo Agostinho Nogueira Baptista, pesquisador especializado na obra de Leonardo Boff, é um dos comentadores da última fase deste autor.

²⁸ BAPTISTA, Paulo Agostinho Nogueira. **Libertação e diálogo**: a articulação entre teologia da libertação e teologia do pluralismo religioso em Leonardo Boff, tese de doutorado, ICHL, UFJF, Juiz de Fora, 2007, p. 46.

²⁹ Cf. Baptista, 2007. Neste ano, para Baptista, ocorre o reconhecimento público de Leonardo como teólogo da libertação, p. 55.

A fase ético-ecológica do pensamento de Boff é o que impulsiona essa pesquisa. Ela é marcada e tem como ponto de partida a conferência climática denominada ECO-92, no Rio de Janeiro. É neste panorama que nosso autor irá lançar o livro *Ecologia, Mundialização, espiritualidade* em 1993.

Percebe-se então que o contexto histórico e ideológico da época também influenciou o nosso autor em sua mudança paradigmática. A culminância da mudança paradigmática em Leonardo Boff se deu com o livro “*Ecologia, Mundialização e Espiritualidade*”, sob influência das discussões acaloradas da ECO-92, coincidindo, também, com o contexto sociopolítico do colapso da ex-URSS, e do seu desligamento da Igreja. Soma-se a isso, o fato de que, após décadas de ditadura militar pró-americana (1964-1985) que vigorou no Brasil, a derrota do candidato representante da esquerda progressista à presidente da república Luiz Inácio Lula da Silva, para o representante das elites conservadoras Fernando Collor de Mello, nas eleições presidenciais de 1989, ter sido um duro golpe não só para Leonardo Boff, mas para maioria dos intelectuais orgânicos da época que lutavam por um Brasil mais justo e igualitário, quando na introdução desta obra ele nos diz:

Vivemos tempos críticos. Por isto criativos. Nos últimos cinco anos mudou a cartografia política e ideológica mundial. Estruturas ruíram e com elas muitos esquemas mentais. Ficaram os sonhos. Como pertencem a estrutura do ser humano, eles sempre ficam. Permitem novas visões e fornecem o entusiasmo necessário para o pensamento e a criatividade. [...] Os textos aqui reunidos nasceram nos últimos dois anos, sob o impacto das convulsões históricas acontecidas e sofridas que atingiram biograficamente também o autor. Ele trocou de caminho, não de rumo. Pulou para dentro de outra trincheira, mas não abandonou a luta.³⁰

Boff, contudo, seguiu escrevendo. Produção intelectual crescente, que a partir dos anos 1990, adquiriu contornos de obra também filosófica, como se verá adiante, e foi marcada, cada vez mais, por uma noção de integração entre a Libertação e vertentes do pensamento eco-ambientalista; que se projeta no ocidente a partir dos anos 1980, e com mais intensidade, a partir dos anos 1990.

Após abordar o contexto histórico em que L. Boff desenvolveu as primeiras fases de seu pensamento, abordar-se-á o processo lento, gradual de maturação, de mudança, que ocorreu

³⁰ BOFF, Leonardo. *Ecologia, Mundialização, Espiritualidade*. A emergência de um novo paradigma. São Paulo Ática, 1993.p.10.

no pensamento *boffiniano*. Sobre esse, é oportuno ressaltar a mudança para o paradigma ecológico, ocorrido na trajetória intelectual de nosso autor.

1.4 A mudança para o paradigma ecológico no pensamento de Leonardo Boff

A terceira etapa do pensamento *boffiniano* representa para Baptista³¹ “verdadeira mudança de paradigma, como afirmava Hans Kung”. Ela não foi abrupta, deu-se numa dinâmica de alteração iniciada em 1990 em seminário realizado nos dias 16 a 19 de agosto de 1990, na cidade de Paulo de Frontim, com a organização de Nancy Mangabeira Unger, e sob o patrocínio do Centro João XXIII, quando se debateu “Humanismo e Biocentrismo”. Boff participou dele:

O drama de nossa cultura foi ter feito da diferença uma discriminação, uma desigualdade. Daí o ser humano definir-se contra a natureza; por desconhecer a dignidade da terra ele a reserva para si. Não tem *dignitas terra*, tem a *dignitas humana*. A diferença é fundamental, porque é ela que vai permitir a comunhão, a alteridade como desafio; distintos para estarmos unidos. [...] Considero que a defesa da vida na sua centralidade é um ganho na reflexão, porque supera o antropocentrismo, a visão utilitária de o ser humano usar a natureza para si. Aqui é a visão da vida em si mesma, sua felicidade. Através de uma ética da compaixão o ser humano está ligado por laços vitais com todos os seres vivos. [...] Pensar a ecologia como integração política, reivindicatória da vida, libertária da vida, a partir do mais frágil é, isto sim ser biocêntrico.³²

No mesmo seminário, com o texto “Natureza e sagrado: a dimensão espiritual da consciência ecológica”, Boff argumenta que São Francisco realizou uma síntese entre *ecologia interior* e *ecologia exterior*, isto é, na verdade atingiu o nível de ecologia profunda que une o *exterior* e o *interior*.

Leonardo Boff sintetiza a *ecologia exterior* como sendo o “cuidado para com todos os seres”³³ e a ecologia interior como a necessária às virtudes humanas, como os sentimentos de

³¹ BAPTISTA, Paulo Agostinho Nogueira. **Libertação e Diálogo**. A articulação entre teologia da libertação e teologia do pluralismo religioso em Leonardo Boff, tese de doutorado, ICHL, UFJF, Juiz de Fora, 2007, p. 214

³² UNGER, Mangabeira Nancy (org.). “Natureza e sagrado: a dimensão espiritual da consciência ecológica.” São Paulo: Loyola, 1992. In.: **Fundamentos filosóficos do pensamento ecológico**. pp. 30-32.

³³ BOFF, Leonardo. Entrevista à revista do *Instituto Humanitas Unisinos*. [on line] Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1358&secao=238>. Acesso em 20 de abril de 2011.

“ternura, amor, compaixão e veneração”³⁴. Dessa maneira, a natureza não será somente algo que está “fora” do humano, mas sim que também está dentro do humano na forma de símbolo, de mito, de significações carregadas de valor.

Boff afirma que São Francisco introduziu a humanidade em um novo desafio, o qual se remete à possibilidade de chegarmos à cultura da convivialidade, do convívio com a natureza; a um estado em que o homem domina, mas também que o leva a participar do todo, a uma forma de estar-se junto da natureza, o que estaria consubstanciado na chamada *Ecologia Profunda*.³⁵

O autor assevera que existe o problema da ecologia somente porque como humanidade nos distanciamos da natureza, porque agredimos os seres vivos, porque objetivamos e reificamos a biodiversidade, e o que foi fundado por São Francisco de Assis foi na realidade um “Novo Humanismo”, uma síntese feliz entre a *ecologia exterior* e a *ecologia interior*.

Por isso, de acordo com ele, devemos encontrar um retorno à natureza por um retorno à profundidade de nós mesmos, ao direito do coração. Boff se contrapõe de certa forma à concepção antropológica aristotélica³⁶, na medida em que nos convida a não nos definirmos como animais racionais, mas sim como seres em comunhão com o cosmos; que devem entender a existência como convivência, como um convívio, tal qual uma república da vida e da liberdade, uma democracia cósmica.³⁷

Percebe-se, então, nesse texto, fruto de um seminário realizado em agosto de 1990 sob o patrocínio do Centro João XXIII, a presença de diversos elementos norteadores da mudança paradigmática de Boff: a crítica ao antropocentrismo, a defesa de modelo de ética ambiental e a consciência na relação ecologia e política.

³⁴ Ibid., p.1.

³⁵ A expressão ecologia profunda foi criada durante a década de 1970 pelo filósofo norueguês Arne Naess, em oposição ao que ele chama de "ecologia superficial", isto é, a visão convencional, segundo a qual o meio ambiente deve ser preservado apenas por causa da sua importância para o ser humano. Cf. AVELINE, Carlos Cardoso. **A vida secreta da natureza**. Porto Alegre: editora FURB, 1999.

³⁶ O antagonismo entre estas proposições de Boff e a concepção clássica de Aristóteles pode ser melhor compreendido, especialmente, ao focarmos-nos no último livro do clássico “Ética a Nicômaco”, quando Aristóteles conclui que “o intelecto exerce uma atividade quase divina, é a nossa melhor parte e nos aproxima dos Deuses”(Ética a Nicômaco, 10,7). Ou nesta outra parte quando Aristóteles define que o homem é “um animal racional e, ao mesmo tempo, um animal político” (Ética a Nicômaco, 1,7).

³⁷ UNGER, Mangabeira Nancy (Op. Cit.), 1992, p. 78- 80.

Fica evidenciado nesses textos que São Francisco de Assis aparece como a principal inspiração para Boff, e que apesar de ele ter vivido há mais de 800 anos, durante a Idade Média, Boff considera a sua proposição e o seu exemplo atual, dignos de serem resgatados para as gerações presentes e futuras.

Destarte, para Baptista, a culminância da mudança paradigmática em Leonardo Boff se deu em 1993 com o livro *Ecologia, mundialização, espiritualidade*.³⁸ Nesse, Boff incorpora o paradigma ecológico como cosmovisão holística de todas as questões, inclusive libertadoras.

Entretanto, os primeiros indícios remotos de mudança de paradigma em Boff surgem de maneira não explicitada, bem antes com o texto *A não-modernidade de São Francisco – a atualidade do modo de ser de São Francisco face ao problema ecológico*. Para Baptista, há indícios dessa mudança em outra versão ligeiramente modificada, que saiu também em 1979, num artigo do livro publicado por vários autores em homenagem a Burle Max: “O São Francisco que mora dentro de cada um de nós”³⁹.

A Terra passa a configurar nova dimensão do pobre e deve também ser libertada. Para Boff, a lógica que explora as classes e submete os povos aos interesses de uns poucos países ricos e poderosos “é a mesma lógica que depreda a Terra e espolia suas riquezas, não gerando solidariedade para com o restante da humanidade e para com as gerações futuras”.⁴⁰ Como Boff afirma:

Todos [o pobre humano e a Terra] somos reféns de um paradigma [o paradigma-dominação fundamentado no antropocentrismo] que nos coloca, contra o sentido do universo, *sobre* as coisas ao invés de estar *com* elas na grande comunidade cósmica.⁴¹

O tema *Igreja* já não goza do mesmo espaço que antes. Leonardo Boff, distante do aspecto institucional, volta-se com outro olhar para a mesma e amplia o horizonte de compreensão para além da religião e da Igreja, como formas de concretização da experiência religiosa.

³⁸ BOFF, Leonardo. **Ecologia, mundialização, espiritualidade**: a emergência de um novo paradigma. São Paulo: Ática, 1993.

³⁹ BAPTISTA, Paulo Agostinho Nogueira. **Libertação e diálogo**: a articulação entre teologia da libertação e teologia do pluralismo religioso em Leonardo Boff, tese de doutorado, ICHL, UFJF, Juiz de Fora, 2007. 213

⁴⁰ BOFF, Leonardo. **Dignitas Terrae - ecologia**: grito da Terra, grito dos pobres. Rio de Janeiro: Sextante, 2004. p. 11.

⁴¹ Ibid., p. 12.

Dedica-se mais aos temas da espiritualidade e da mística (presentes nas etapas anteriores, mas sob outras perspectivas).

O vínculo entre o político e o religioso se mantém. No entanto, a forte marca antropológica e sociopolítica é reinterpretada dentro da visão cosmológica⁴² e ecológica. Para Baptista, o caminho filosófico-teológico que Leonardo Boff percorre é um itinerário longo e rico. E para este autor “nenhuma mudança, especialmente a paradigmática, acontece de forma abrupta. Ela é gestada lentamente e sua consciência vai se formando aos poucos. Fatores objetivos, subjetivos e contextuais ajudam a definir o processo”.⁴³

De acordo com Baptista, Boff faz uso da expressão *paradigma ecológico* somente em 1993, no livro *Ecologia, mundialização, espiritualidade: a emergência de um novo paradigma*. Entretanto, a referência ao conceito de *paradigma* apenas aparece como título da primeira metade do livro, não se aprofundando no seu significado, e sim as questões ecológicas.

Inserido nesse panorama, encontra-se o sentido inicial e fundamental da mudança de paradigma que ocorre no pensamento de Leonardo Boff. Entretanto, a categoria *paradigma* só será, pois, objeto de análise em 1995, quando são publicadas as obras: *Princípio terra: a volta à nossa pátria comum*, *Dignitas Terrae - Ecologia: Ecologia: grito da Terra grito dos Pobres*⁴⁴.

Nesses títulos, o conceito de paradigma de Thomas Kuhn é apropriado por Boff, dando-lhe, porém, uma interpretação bem ampla. Dois sentidos são conferidos. Inicialmente, Leonardo refere-se a um sentido amplo, que tem a ver com toda a constelação de opiniões, valores, metodologias, por parte de membros de uma sociedade que se orienta e se organiza. O segundo, sentido estrito, aponta para a ciência e para as soluções concretas dos problemas.

⁴² É preciso fazer uma ressalva. Leonardo considera que sempre teve um filão cosmológico. O seu primeiro livro *O Evangelho do Cristo Cósmico* (1971), por exemplo, seria uma prova disso. No entanto, as urgências do contexto das décadas de 1970-80 não permitiram maiores desenvolvimentos desse filão numa perspectiva ecológica. Ela só será mais bem trabalhada – incorporando a ecologia e os conhecimentos da cosmologia mais recente – a partir de 1992. Cf. BAPTISTA, Paulo Agostinho Nogueira. **Libertação e Diálogo: a articulação entre teologia da libertação e teologia do pluralismo religioso em Leonardo Boff**, tese de doutorado, ICHL, UFJF, Juiz de Fora, 2007. Anexo I, p. 400-401.

⁴³ BAPTISTA, Paulo Agostinho Nogueira. **Libertação e Diálogo**. A articulação entre teologia da libertação e teologia do pluralismo religioso em Leonardo Boff, tese de doutorado, ICHL, UFJF, Juiz de Fora, 2007, p. 212.

⁴⁴ BOFF, Leonardo. **Princípio Terra: à volta á nossa pátria comum**. São Paulo: Ática 1995. Idem, Leonardo. **Dignitas Terrae – ecologia: grito da Terra, grito dos Pobres**. Rio de Janeiro: Ática, 1995

Sobre o conceito de *paradigma*, em Thomas Kuhn, afirma Boff:

[...] como transparece, é útil assumirmos o primeiro sentido: paradigma como uma maneira organizada, sistemática e corrente de nos relacionarmos com nós mesmos e com tudo a nossa volta. Trata-se de modelos e padrões de apreciação, de explicação e de ação sobre a realidade circundante.⁴⁵

Na obra *Dignitas Terrae - Ecologia: grito da terra, grito dos pobres*, Boff, nos apresenta que inicialmente a expressão *paradigma ecológico* significa a emergência de uma nova consciência, vejamos com suas próprias palavras:

Hoje estamos entrando num novo paradigma. Quer dizer, está emergindo uma nova forma de dialogação com a totalidade dos seres e suas relações [...]. Está se desenvolvendo uma nova sensibilização para com o planeta como um todo. Daqui surgem valores, novos sonhos, novos comportamentos, assumidos por um número cada vez mais crescente e de comunidades.⁴⁶

Desta forma, pensa Boff que é dessa sensibilização prévia que nasce, conforme Thomas Kuhn, um novo paradigma. Esse ainda está sendo gestado, está dando os primeiros sinais de existência, para uma nova dialogação com o universo. Tal mudança não se dá de forma abrupta, mas em continuidade e descontinuidade, como fruto de longa reflexão feita em contexto amplo: do biográfico às grandes mudanças e crises ocorridas no final da década de 1980, início de 1990 e que continuam neste turbulento, “ecozóico” século XXI.

Essas crises são provocadas pelo *homo “sapiens/demens”* que, na ganância irracional infinita, criou um modelo de crescimento material ilimitado que gera profundas desigualdades sociais com a intensa exploração dos recursos de nosso planeta, como ele mesmo nos diz:

Hoje a atividade antrópica sobre todos os ecossistemas está provocando grande stresse ao planeta terra. Como nos atestam os cientistas do painel intergovernamental sobre mudanças climáticas (IPCC, na sigla em inglês). [...] por causa do modelo imperante de crescimento material ilimitado que cria profundas desigualdades sociais e a sistemática exploração de todos os recursos do planeta, a nossa geração poderá ser vítima de catástrofes de grande magnitude.⁴⁷

Nesse sentido, Boff afirma que o homem pode ser “satã ou anjo bom”, pois as crises social, política e especialmente a crise ambiental nos colocam atualmente dentro do aquecimento

⁴⁵ BOFF, Leonardo. **Dignitas Terrae – Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres**. Rio de Janeiro: Ática, 1995, p. 27.

⁴⁶ BOFF, Leonardo. **Dignitas Terrae – Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres**. Rio de Janeiro: Ática, 1995, pp. 29-30.

⁴⁷ BOFF, Leonardo. **Homem: Satã ou anjo bom?** Rio de Janeiro: Record, 1998, p. 11-12.

global, talvez irrefreável – crises criadas por nossa própria espécie em sua atividade irresponsável, principalmente a partir do processo do início da Revolução Industrial (séc. XVIII).

E sobre este contexto, afirma o renomado teólogo João Batista Libanio:

As crises normalmente citadas se referem ao alimento, à energia, ao emprego, aos valores e outras realidade. A novidade da atual crise consiste em que não se restringe a nenhum desses setores, mas atinge o conjunto da civilização ocidental. O paradigma que comanda o ocidente há séculos entra em colapso. Resume-se numa frase: o progresso humano não pode parar. Pretende não ter limite. [...] Introjetamos tanto o paradigma do crescimento sem limite, que nos custa considerar a possibilidade de deter-nos em patamares humanos suficientes. Já se manifestam reações que tentam frear a loucura de um avanço tecnológico cego e sem ética. [...] É urgente que desmitifiquemos a crença insensata no progresso contínuo e acelerado – invenção financiada, comercializada e propagada pela mídia – e estabeleçamos o critério simples, humana e convivial como guia maior de nossa existência. [...] A experiência humana ensina-nos que as gerações antigas convivem com as novas que estão a surgir. Assim se dá com os paradigmas, com as visões de mundo. Assistimos o declinar da concepção ocidental conquistadora que tem destruído tanta vida. E o novo paradigma só pode ser um grito pela vida contra a morte.⁴⁸

Essa crise ética ambiental deixa como consequência o risco da dizimação da biodiversidade, o crescimento da erosão, da desertificação, o desflorestamento incontrolado, a quimicalização crescente dos alimentos, a intensificação do efeito estufa, dos furacões, do degelo das calotas polares e das alterações do código genético, de muitas formas de vida, entre outras violências contra o ecossistema.

Analisar-se-á, agora, a influência da segunda fase de Leonardo Boff, ou seja, o período que atuou como um dos teóricos da *Teologia da Libertação*, sobre a emergência do *Paradigma Ecológico*.

1.5 – Libertação e ecologia: a ampliação e o desdobramento para o novo paradigma ecológico.

Boff argumenta que a *Teologia da Libertação* e o discurso ecológico têm algo em comum: “são duas chagas que sangram”⁴⁹. Boff aponta a pobreza e a miséria de milhões de pessoas no

⁴⁸ LIBANIO, João Batista. **Ecologia: vida ou morte**. São Paulo: Paulus, 2012, p.21-25.

⁴⁹ BOFF, Leonardo. **Dignitas Terrae – Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres**. Rio de Janeiro: Ática, 1995, p. 163.

mundo inteiro, como a primeira chaga. E que a agressão sistemática à terra, que desestrutura o equilíbrio do planeta, ameaçado pela depredação feita pelo atual modelo de desenvolvimento das sociedades contemporâneas globalizadas, como a segunda chaga. Ele diz:

[...] ambas as linhas de reflexão e de prática partem de um grito: o grito dos pobres por vida, liberdade e beleza: a teologia da libertação; e o grito da terra que geme sob Opressão: a ecologia. Ambas visam à libertação, uma dos pobres a partir deles mesmos, como sujeitos históricos organizados, conscientizados e articulados com outros aliados que assumem a sua causa e sua luta; e outra da terra mediante uma nova aliança do ser humano para com ela, num relacionamento fraterno/sororal e com um tipo de desenvolvimento sustentável que respeite os diferentes ecossistemas e garanta uma boa qualidade de vida às gerações presentes e futuras.⁵⁰

Por isso Boff procura realizar uma aproximação dos dois discursos, na medida em que eles se diferenciam, se confrontam ou se complementam. Esses desdobramentos partem de uma mesma base de reflexão: a libertação dos oprimidos. Esses podem ser os “pobres, humilhados, de culturas desprezadas e gênero subalternizado; minorias perseguidas, doentes e discriminadas”.⁵¹

É também oprimida a “Terra com suas riquezas, seu equilíbrio dinâmico, seus seres sob o risco da extinção”, o próprio sistema global holístico do planeta, “uno e diverso, que se encontra ameaçado de uma ruptura interna”. Pois, “se há uma opressão social e coletiva, existe também uma opressão planetária envolvendo o próprio planeta Terra”. (BOFF, 1996, p.76)

Como diz o próprio Boff: “Logo, urge, como resposta, uma libertação social e planetária”, pois “um mesmo paradigma de base articula as duas preocupações: o paradigma opressão/libertação”⁵². Boff afirma ser importante mostrar como se dá esta articulação, que surgiu com mais urgência nos anos 90, enriquecendo a Teologia da Libertação e ampliando-se para o *paradigma ecológico* emergente:

[...] Não podemos continuar fazendo teologia da libertação como vinha sendo feita nas duas décadas anteriores. A partir do final dos anos 80, aconteceram eventos tão decisivos no cenário mundial (com a queda do muro de Berlim, a implosão do império soviético, a hegemonização dos mercados nacionais e regionais dentro do único mercado mundial, a generalização do neoliberalismo como último estágio do da organização política e cultural da ordem capitalista) que obrigam a teologia a

⁵⁰ Ibid., p. 163

⁵¹ BOFF, Leonardo. **Da libertação e ecologia**: desdobramento de um mesmo paradigma. In: ANJOS, Marcio Fabri. “Teologia e novos paradigmas”. São Paulo: Editora Loyola, 1996. p. 76.

⁵² BOFF, Leonardo. “Da libertação e ecologia: desdobramento de um mesmo paradigma”. In.: ANJOS, Marcio Fabri (Org.). **Teologia e novos paradigmas**. São Paulo: Editora Loyola, 1996. p. 76.

recriar suas categorias de análise, a abrir o horizonte de sua perspectiva de libertação e a desenvolver outras estratégias de empenho libertador. Começamos a analisar essa articulação a partir do discurso ecológico que representa hoje uma perspectiva globalizadora.⁵³

Percebe-se que em suas primeiras fases, a militância ecológica era ainda um argumento regional e limitado à preservação de algumas espécies da flora e da fauna e à criação de reservas preservacionistas, que foi contudo se ampliando, à medida que as pessoas tomavam consciência da importância desta questão. Como afirma Boff: “a ecologia foi se tornando um discurso global. Não apenas espécies e ecossistemas estão ameaçados. A própria Terra como um todo está doente e deve ser tratada e curada.”⁵⁴

O grito de alarme foi dado em 1972, com o famoso documento do Clube de Roma, “Os limites do crescimento”. Nele, a máquina da morte é apresentada de forma avassaladora: a partir de 1990 estariam desaparecendo dez espécies de seres vivos por dia. Por volta de 2000, desapareceriam uma por hora, por essa época estariam desaparecidos 20% de todas as formas de vida do planeta.⁵⁵ Por isto, Boff considera que:

É a partir desta catástrofe humana que a teologia da libertação arranca quando se confronta com a questão ecológica. Em outras palavras, parte da ecologia social, da forma como se relacionam os seres humanos entre si, os seres mais complexos da criação, e como se organizam em sua relação com os demais seres da natureza sob regime de grande exploração e de cruel exclusão. O que mais urgente se busca é a justiça social mínima para garantir a vida e a sua dignidade elementar. A partir da consecução desse patamar básico, pode-se postular uma justiça ecológica. Esta pressupõe mais que justiça social. Pressupõe uma nova aliança com os humanos com os demais seres, uma nova cortesia para com o criado e a gestação de uma ética mística de fraternidade/sonoridade para com a inteira comunidade cósmica. A democracia deverá ser sociocósmica, vale dizer, os elementos da natureza como as montanhas, as plantas, as águas, os animais, a atmosfera e as paisagens são os novos cidadãos que participam do convívio humano, e os homens participam do cósmico. Só então haverá justiça ecológica e paz no planeta Terra.⁵⁶

Nesse sentido, Boff afirma que a Teologia da Libertação deve defender o discurso ecológico, quer dizer a nova cosmologia, uma visão que entende a terra como um superorganismo vivo relacionado com o inteiro universo. A Teologia da Libertação deve perceber a missão do ser

⁵³ Ibid., p.76.

⁵⁴ BOFF, Leonardo. **Da libertação e ecologia**: desdobramento de um mesmo paradigma. In: ANJOS, Marcio Fabri. “Teologia e novos paradigmas”. São Paulo: Editora Loyola, 1996, p.77.

⁵⁵ BOFF, Leonardo. **Dignitas Terrae – Ecologia**: grito da Terra, grito dos pobres. Rio de Janeiro: Ática, 1995, p. 165.

⁵⁶ BOFF, Leonardo. **Da libertação e ecologia**: desdobramento de um mesmo paradigma. In: ANJOS, Marcio Fabri. “Teologia e novos paradigmas”. São Paulo: Editora Loyola, 1996, p. 86.

humano, como manifestação da própria Terra e como princípio de inteligência e amor por ela e pelo universo. Diz Boff:

A partir deste pano de fundo, importa definir o ponto de partida, uma opção pelos pobres que inclui os seres mais ameaçados da criação. O primeiro deles é o próprio planeta Terra como um todo [...] Esta opção desloca a centralidade de todas as questões. A questão básica não é que futuro possui o cristianismo ou a Igreja de Cristo? Nem que destino terá o ocidente? Mas que futuro terá o planeta Terra e a humanidade que é sua expressão? [...] Em segundo lugar, uma opção pelos pobres do mundo, aqueles imensos grupos da espécie humana que são explorados e dizimados por uma pequena minoria da mesma espécie. O desafio será conseguir que os homens se entendam como uma grande família terrenal junto com outras espécies e que redescubram seu caminho de volta à comunidade dos demais vivos, à comunidade planetária e cósmica. Por fim, como garantir a sustentabilidade não de um tipo de desenvolvimento, mas do planeta Terra, a curto, médio e longo prazo mediante um tipo de prática cultural não consumista, respeitadora dos ritmos dos ecossistemas que garanta uma economia do suficiente para todos e propicie o bem comum não só aos homens, mas também aos demais poderes da criação.⁵⁷

Boff, então, argumenta sobre o antagonismo entre o hemisfério norte, rico, e o hemisfério sul, pobre, vítima de séculos de pilhagem e exclusão. Ele alerta sobre o risco do hemisfério norte, da “cultura dos satisfeitos”, se fechar em seu egoísmo consumista e cinicamente ignorar a devastação das massas pobres do mundo.” Há também o risco, segundo Boff, de que “os novos bárbaros” do hemisfério sul não aceitem a destruição ambiental, a contínua exclusão social e se rebelarem, ameaçando e destruindo tudo.

Por isso, conclui Boff:

Ora estas duas questões, com acentos diversos, são preocupações do Norte e do sul do planeta. E elas constituem o conteúdo central da teologia da libertação e da reflexão ecológica. Estas duas vertentes de pensamento permitem o diálogo e a convergência na diversidade entre os polos geográficos e ideológicos do mundo. Eles devem ser uma mediação indispensável na salvaguarda de todo o criado e no resgate da dignidade das maiorias pobres do mundo.⁵⁸

Destarte, diz Boff, é nesse sentido, então que a “teologia da libertação e discurso ecológico se exigem e se complementam mutuamente.”⁵⁹ Ou seja houve uma ampliação das concepções da Teologia da Libertação, que foram superadas de forma totalizante no novo paradigma ecológico, que objetiva agora a libertação, a inclusão e a cidadania de todas as formas de vida,

⁵⁷ BOFF, Leonardo. **Dignitas Terrae – Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres**. Rio de Janeiro: Ática, 1995, p. 176.

⁵⁸ Ibid., p. 177.

⁵⁹ Ibid., p. 177.

como Boff diz: “[...] Que se inaugure uma economia do suficiente para todos e propicie o bem comum não só aos humanos mas também aos demais seres da criação.”⁶⁰

Abordar-se-á seguir as bases teóricas do novo paradigma ecológico, que de acordo nosso autor “ainda está sendo gestado”.

1.6 Bases teóricas do novo paradigma

O *paradigma ecológico* em L. Boff emerge a partir de uma nova consciência preocupada em preservar a vida de todas as suas diversas formas. Com o advento da modernidade, cujos marcos são as revoluções industrial e francesa, e apesar de todo avassalador avanço da técnica e da ciência, não se consegue ainda explicar as mudanças que estão ocorrendo no planeta e nem são oferecidas soluções práticas para as crises mundiais: econômica, social e ecológica.

Como resposta à razão instrumental da modernidade⁶¹, o *paradigma ecológico* se impõe pela compaixão e sensibilidade do planeta Terra e pela necessidade de inclusão de todos os seres na grande família planetária, ou seja, pela descoberta de que tudo está inter-relacionado, numa teia infinita de relações.

Poucas tentativas estão sendo feitas, concretamente, no sentido de amenizar a atual crise ecológica. O *paradigma ecológico* ainda não se firmou, mas uma nova consciência e uma nova postura do ser humano junto à natureza estão sendo engendradas. Importa buscar uma maneira que interaja ciência, técnica, ecologia, em que todos se sintam parte e integrantes do grande “tecido cósmico” e, portanto, responsáveis pelo futuro de *Gaia* e da humanidade.

Neste sentido, o ideário de pensamento baseado na razão instrumental da modernidade “que prevaleceu até o início do século, reagindo ao essencialismo e dogmatismo clássico e

⁶⁰ Ibid, p. 176.

⁶¹ Para a escola de Frankfurt, sobretudo para Habermas, a razão instrumental é aquela que considera a realidade, o mundo natural, como objeto de conhecimento pela ciência, com a finalidade de levar a um controle e a uma dominação pela técnica dos processos naturais, submetendo-os aos interesses da produção industrial. A concepção instrumentalista da razão e da ciência é, portanto, criticada tendo em vista os efeitos e consequências da submissão da razão científica aos interesses da ideologia da dominação técnica, sobretudo no capitalismo avançado. Cf. JAPIASSÚ, Hilton. **Dicionário Básico de Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editora, 2006, p.148.

medieval⁶², introduziu a subjetividade do *cogito*, produzindo uma racionalidade que se tornou cada vez mais dualista.” (BOFF, 2007, 1993, p. 29)

Esse ideário se define por uma razão instrumental-analítica, embasada numa concepção antropocêntrica: a relação do sujeito que compreende a realidade pela ciência e a transforma pela técnica. Fundamenta-se também, numa cosmologia que via o mundo como “matéria” ou “objeto” destinado naturalmente a ser dominado, subjugado pelo ser humano.

Para Boff, apesar de estarmos entrando num paradigma emergente de dialogação com a natureza, com a Mãe Terra (Gaia) e suas relações com todos para com todos os seres vivos. Paralelo a este, “continua o paradigma clássico das ciências com seus famosos dualismos como a divisão do mundo entre material e imaterial, a separação entre natureza e a cultura, entre o ser humano e o mundo, razão e emoção [...]”⁶³.

De acordo com Baptista, o enorme otimismo existente entre os pensadores do século XVIII é substituído pela crise, através do próprio desenvolvimento da ciência. Tal otimismo era baseado na concepção empirista (Locke) da verificabilidade das teorias, “a idéia de que a credencial da ciência reside no fato que seus enunciados observacionais podem ser verificados”⁶⁴. Entretanto, a própria ciência demonstra posteriormente que sempre haverá novos problemas que não terão resposta no esquema tradicional, como afirmou Heisenberg⁶⁵, importante cientista, pioneiro da física contemporânea.⁶⁶

⁶² Essencialismo, para JAPIASSÚ; MARCONDES (2006) é definido por “Doutrina filosófica que confere, contrariamente ao existencialismo, o primado à essência sobre a existência, chegando mesmo, em suas reflexões, a fazer total abstração dos existentes concretos. Trata-se de uma filosofia do ser ideal, que prescinde dos seres reais” (2006, p. 94). Já o Dogmatismo Clássico Medieval pode ser definido filosoficamente, “por oposição ao ceticismo, o dogmatismo é a atitude que consiste em admitir a possibilidade para a razão humana, de chegar a verdades absolutamente certas e seguras”. (2006, p. 78).

⁶³ BOFF, Leonardo. **Dignitas Terrae – Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres**. Rio de Janeiro: Ática, 1995, p. 29.

⁶⁴ BAPTISTA, Paulo Agostinho Nogueira. **Libertação e Diálogo: articulação entre teologia da libertação e teologia do pluralismo religioso em Leonardo Boff, tese de doutorado, ICHL, UFJF, Juiz de Fora, 2007. p.217.**

⁶⁵ HEISENBERG, Werner (1901-1976): físico alemão, um dos formuladores da nova física e do princípio da indeterminação. Por esse princípio afirma-se que tudo provém de infinitas probabilidades, algumas realizadas e outras abertas à realização. Não existe determinação absoluta na natureza e nas suas leis. Mostrou também que o sujeito que se relaciona com a realidade sempre a afeta, modificando-a e tornando assim impossível uma separação estrita entre sujeito do conhecimento e objeto do conhecimento. Cf. BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010, p.131-132.

⁶⁶ Cf. HEISENBERG, Werner. **Mas allá de la física**. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1974. p. 230. Esse autor afirma que, “Geralmente, no começo destas revoluções, está um problema muito especial, estranhamento delimitado, e que não há modo de solucionar dentro do marco tradicional”. APUD BAPTISTA,

Nesse raciocínio, as teorias da eletricidade, do calor, a eletrodinâmica, cibernética, a da relatividade, a quântica, e todas as concepções novas surgidas no campo da física, da química e na biologia, foram impulsionando essa nova cosmologia, causando mudanças também na filosofia, na ética, na teologia. Esses fatores contribuíram para colocar em xeque o paradigma científico moderno ⁶⁷.

Mas, o horizonte de entendimento do mundo, da matéria, das forças que se integram para manter o processo da vida e do cosmos, e até o próprio paradigma, começam a mudar e a produzir nova compreensão da realidade. Esta mudança, porém, não é imediata, e o novo paradigma convive com o antigo, questionando e sendo questionado por ele.

Boff afirma que o *paradigma ecológico* está em processo e que, em razão da crise atual, está se desenvolvendo uma nova sensibilização para com o todo. Daqui surgem novos valores, novos sonhos, novos comportamentos, assumidos por número cada vez mais crescente de pessoas e de comunidades. É dessa sensibilização prévia que advém o nascimento de novo paradigma gestado. Portanto, esse não nasceu totalmente, mas dá os primeiros sinais de existência, começando assim uma nova dialogação com o universo ⁶⁸.

De acordo Boff, o novo paradigma inicia-se com a mudança da própria racionalidade e da compreensão de toda realidade. Segundo ele, o esquema da objetividade que produziu a razão instrumental-analítica não dá mais conta da complexidade dos fenômenos e do interesse acerca da legitimação dos critérios de verdade.

Assim, Boff entende que:

[...] nasce uma segunda ingenuidade pós-crítica, fruto da ciência, especialmente da cosmologia, da astrofísica e da biologia molecular, ao mostrar-nos dimensões do real antes insuspeitada no nível do infinitamente grande, do infinitamente pequeno e do infinitamente complexo. O universo dos seres e dos viventes nos enche de respeito de veneração e de dignidade. ⁶⁹

Paulo Agostinho Nogueira. **Libertação e Diálogo:** articulação entre teologia da libertação e teologia do pluralismo religioso em Leonardo Boff, tese de doutorado, ICHL, UFJF, Juiz de Fora, 2007. p.217.

⁶⁷ BATISTA, 2007, p. 217.

⁶⁸ BOFF, Leonardo. **Dignitas Terrae – Ecologia:** grito da Terra, grito dos pobres. Rio de Janeiro: Ática, 1995. p. 29-30.

⁶⁹ Ibid., p. 31.

Assim, paralelo às novas descobertas da genética, como o projeto genoma⁷⁰, etc. E das novas descobertas da física quântica⁷¹. Também as espantosas e incríveis imagens captadas pelo telescópio Hubble, segundo os cientistas, levarão décadas para serem plenamente compreendidas, ao mostrar a infinitude do universo com seus incontáveis berçários de estrelas, as imagens nos dão a dimensão de nossa ignorância perante os mistérios do universo, bem como a nossa insignificância perante tamanha grandiosidade e mistério. E, nesse ponto, Boff faz contundente crítica da razão instrumental analítica que, segundo ele, não consegue mais explicar a complexidade dos fenômenos.

Segundo Boff,

[...] A razão instrumental não é a única forma de uso de nossa capacidade intelectual. Existe também a razão simbólica e cordial e o uso de todos os nossos sentidos corporais e espirituais. Junto ao *logos* (razão) estão *eros* (vida e paixão), o *pathos* (afetividade e sensibilidade) e o *daimon* (voz interior da natureza). A razão não é nem o primeiro nem o último momento da existência. [...] À base desta nova percepção, se sente a necessidade de uma utilização nova da ciência e da técnica com a natureza. Impõe-se, pois a tarefa de ecologizar tudo o que fazemos e pensamos, rejeitar conceitos fechados, desconfiar das causalidades unidirecionadas, propor-se ser inclusivo contra todas as exclusões, todas as disjunções, holístico contra todas as simplificações. Assim o novo paradigma começa a fazer sua história.⁷²

Queremos mostrar agora que o paradigma ecológico no pensamento de Leonardo Boff recolhe a contribuição de diversos pensadores contemporâneos, como mostraremos abaixo:

O padre jesuíta Francês, Teilhard de Chardin⁷³, com a sua cosmovisão em conciliar ciência e fé. No seu princípio essencial do universo, segundo o qual tudo nasce cresce e se desenvolve, num processo de evolução convergente e de ascendência. Como precursor de uma visão

⁷⁰ Projeto Genoma é o nome de um trabalho conjunto realizado por diversos países visando desvendar o código genético de um organismo através do seu mapeamento. Em 2010, completou 10 anos desde que o projeto foi realizado. O projeto de mapeamento do genoma humano tem como objetivo descobrir causas e curas para doenças, principalmente genéticas. Alguns exemplos dessas doenças são: Distrofias musculares congênitas e progressivas, Síndrome de Angelman, Síndrome de Knobloch, e a Síndrome do X frágil. Disponível em.: <<http://projetogenoma.no.comunidades.net/index.php?pagina=1196811102>>. Acesso em 12.09.2012

⁷¹ No dia-a-dia, mesmo sem termos conhecimento sobre a Física Quântica, temos em nossa esfera de consumo muitos de seus resultados concretos, como o aparelho de CD, o controle remoto, os equipamentos hospitalares de ressonância magnética, e até mesmo o computador. Disponível em.: <<http://www.infoescola.com/fisica/quantica/>>. Acesso em 11.09.2012

⁷² BOFF, Leonardo. **Dignitas Terrae – Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres**. Rio de Janeiro: Ática, 1995. Pp.31-32.

⁷³ Pierre Teilhard de Chardin nasceu na França, em 01/06/ 1881 e faleceu em Nova Iorque, aos 10/05/1955. Padre jesuíta, teólogo, filósofo e paleontólogo, Chardin é conhecido por construir uma visão integradora entre ciência e teologia. Escreveu obras de muita influência no século XX e ainda hoje, como: *O Meio Divino* (1981), *Ciência e Cristo* (1974), *O Fenômeno Humano* (1986), e outras importantes obras. Cf.: ARACANJO, José Luiz. **O pensamento vivo de Teilhard de Chardin**. São Paulo: Martin Claret editores, 1998.

sistêmica do universo, Chardin influenciou gerações de pensadores no século XX, entre eles Leonardo Boff, que nos diz:

Só o mistério, que se reveste como um mito existencial dá pleno sentido como a vida como um projeto total. Teilhard, através da síntese pessoal entre fé e ciência, sob forma do Cristo cósmico, formulou, com o material representativo de nosso tempo, um mito acerca da unidade de toda realidade, no qual, não só ele mas muitos outros homens sedentos de verdade essencial encontraram sentido e uma fonte inspiração criadora.⁷⁴

O sociólogo Edgar Morin⁷⁵ também irá influenciar o pensamento de Leonardo Boff, ao oferecer, a partir da década de 70, novas perspectivas de compreensão da epistemologia e do próprio pensamento, conhecido como pensamento complexo, o qual criará as bases para o despertar do *paradigma ecológico* ou *pensamento eco-sistêmico*.⁷⁶

Morin afirma que diante dos problemas complexos que as sociedades contemporâneas de hoje enfrentam, apenas estudos de caráter inter-poli-transdisciplinares⁷⁷ poderiam resultar em análises satisfatórias de tais complexidades. Segundo Morin, “complexo” vem do Latim *complexus*, que quer dizer “aquilo que é tecido em conjunto”. Segundo o próprio Morin, nós somos *Homo sapiens sapiens*.

⁷⁴ Testemunho de BOFF. In: ARACANJO, José Luiz. **O pensamento vivo de Teilhard de Chardin**. São Paulo: Martin Claret editores, 1998, p. 82.

⁷⁵ Edgar Morin, pseudônimo de Edgar Nahoum, nasceu em Paris, em 8 de julho de 1921, é um sociólogo e filósofo francês. Pesquisador emérito do CNRS (Centre National de la Recherche Scientifique). Formado em Direito, História e Geografia, realizou estudos em Filosofia, Sociologia e Epistemologia. É considerado um dos principais pensadores sobre a complexidade. Autor de mais de trinta livros, entre eles: *O método* (6 volumes), *Introdução ao pensamento complexo*, *Ciência com consciência* e *Os sete saberes necessários para a educação do futuro*. Durante a Segunda Guerra Mundial, participou da Resistência Francesa. É considerado um dos pensadores mais importantes do século XX e XXI. Cf. <http://www.edgarmorin.org.br/vida.php?jl=link&l=2#>

⁷⁶ BAPTISTA, Paulo Agostinho Nogueira. **Libertação e Diálogo**: a articulação entre teologia da libertação e teologia do pluralismo religioso em Leonardo Boff, tese de doutorado, ICHL, UFJF, Juiz de Fora, 2007. p. 218.

⁷⁷ Em “A cabeça bem feita”, Edgar Morin concebe um panorama das disciplinas como uma categoria organizadora dentro do conhecimento científico. Para Morin, embora inserida em um conjunto mais amplo, uma disciplina tende naturalmente à autonomia pela delimitação das fronteiras, da linguagem em que se constitui, das técnicas que elabora e utiliza e pelas teorias que lhe são próprias. Certas disciplinas mantêm a vitalidade segundo Morin apenas porque se recusam ao fechamento disciplinar: constituem-se ciência multifocalizadora, multidimensional, em que se acham presentes as dimensões de outras ciências, e onde a multiplicidade de perspectivas particulares exigem a perspectiva global. Intelectualmente, as disciplinas são justificáveis, para o autor, desde que preservem um campo de visão que reconheça e conceba a existência das ligações e das solidariedades. Mas, só serão plenamente justificáveis se não ocultarem realidades globais. O importante não é apenas a idéia de inter e de transdisciplinaridade, deve-se para Morin “ecologizar” as disciplinas, levando em conta tudo que lhes é contextual, inclusive as condições culturais e sociais. Para Morin, é preciso que uma disciplina seja, ao mesmo tempo, aberta e fechada.

Edgar Morin diz que é simplório demais possuímos um *sapiens* ou dois em nossa autodenominação. Assim, seria preciso acrescentar um *demens*, ficando: *Homo sapiens sapiens demens*, o que mostraria o quanto somos descomedidos, loucos, já que todo homem é duplo: ao mesmo tempo em que é racional apresenta certa demência.

Diz Edgar Morin:

Eu disse que o cosmos é como o homem, *sapiens/demens*. Era o mesmo que dizer que o homem *sapiens/demens* estava próximo do que é genésico e genérico no cosmos. O homem *sapiens* é o ser organizador que transforma acaso em organização, desordem em ordem, barulho em informação. O homem *demens* no sentido em que ele é existencialmente atravessado por pulsões, desejos, delírios, êxtases, fervores, adorações, espasmos, esperanças, tendendo ao infinito. O termo *sapiens/demens* significa não somente relação instável, complementar, concorrente, antagonica entre a ‘sensatez’ (regulação), e a ‘loucura’ (desregramento), ele significa que há sensatez na loucura e loucura na sensatez.⁷⁸

Segundo Morin, o pensamento complexo não está limitado à ciência, pois existe na filosofia, literatura, na poesia, nas artes etc., um profundo conhecimento. Todas as grandes obras de arte possuem um profundo pensamento sobre a vida. Segundo o próprio Morin, “devemos romper com a noção de que devemos ter as artes de um lado e o pensamento científico do outro”⁷⁹.

Morin esclarece:

[...] pode diagnosticar-se na história, na história ocidental, o domínio de um paradigma que Descartes formulou. Esse separou de um lado o domínio do sujeito, reservado à filosofia, à meditação interior e, para outro, o domínio da coisa na extensão, domínio do conhecimento científico, da medida e da precisão. Descartes formulou muito bem este princípio da disjunção, e esta disjunção reinou no nosso universo. Separou cada vez mais ciência e filosofia. Separou a cultura que se chama humanista, a da literatura, da poesia, das artes e da cultura científica. A primeira cultura baseada na reflexão já não pode alimentar-se nas fontes do saber objetivo. A segunda cultura, baseada sobre a especialização do saber, não pode refletir-se nem pensar-se a si mesma. O paradigma da simplificação (disjunção e redução) domina a nossa cultura atualmente e é atualmente que começa a reação contra sua empresa [...]⁸⁰

Morin conclui que “o paradigma da complexidade surgirá do conjunto de novas concepções, de novas visões, de novas descobertas, e de novas reflexões que vão conciliar e juntar-se.”⁸¹

⁷⁸ MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa: Edições Epistemologia e Sociedade, Instituto Piaget. 1990, p.337.

⁷⁹ Ibid., p. 327

⁸⁰ MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa: Edições Epistemologia e Sociedade, Instituto Piaget. 1990. p. 111-112.

⁸¹ Ibid., p. 112.

Outro pensador que influenciou o pensamento de Leonardo Boff foi Felix Guattari⁸², especialmente através da sua obra “As três ecologias”. Nessa obra, Guattari descreve três modos de compreender a ecologia. Sob essa perspectiva, Boff afirma:

[...] a ambiental que se ocupa com o meio ambiente e as relações que as várias sociedades se relacionam com o meio ambiente, seja de forma agressiva, seja de forma integradora, seja de forma a distanciar-se; a ecologia social, que se ocupa principalmente com as relações sociais como pertencente às relações ecológicas, visto que o ser humano pessoal e social é parte de do todo natural, e a relação com a natureza passa pela relação social da exploração, de colaboração ou de respeito e veneração, de tal forma que a justiça social (a reta relação entre pessoas, funções e instituições) implica certa realização da justiça ecológica (uma reta relação para com a natureza, acesso equânime a seus recursos e garantia de qualidade de vida); e por fim a ecologia mental, que parte da constatação que a natureza não é exterior ao ser humano, mas interior, na mente, sob formas de energias psíquicas, símbolos, arquétipos e padrões de comportamento que concretizam atitudes de agressão ou de respeito e acolhida da natureza.⁸³

Para Fritjof Capra⁸⁴, outro autor a influenciar fortemente o trabalho de Leonardo Boff, a visão de mundo holística pode se denominada *visão ecológica* se o termo “ecológico” é empregado em um sentido mais amplo e profundo que o atual.

Ele ainda afirma que “a percepção ecológica profunda reconhece a interdependência fundamental de todos os fenômenos e o fato de que indivíduos e sociedades estão todos encaixados nos processos cíclicos da natureza (e, em última análise, somos dependentes desses processos).”⁸⁵

A tradição científica ocidental moderna concebeu o universo, como um mundo imutável, inteligível, de leis simples e determinista. De certa forma como um enorme sistema mecânico e ordenado. De acordo o filósofo Manfredo Oliveira, este modelo analítico e instrumental de pensar e agir das ciências modernas entra em crise com os dilemas da moderna civilização

⁸² Pierre Félix Guattari, psicanalista e filósofo, nasceu em 1930, em Villeneuve-les-Sablons, uma vila perto de Paris, e morreu na noite de 29 de agosto de 1992. Foi militante político, escritor e psicanalista. Guattari, juntamente com Deleuze, escreveu mais de 40 livros, sobre os mais variados e amplos aspetos da realidade (natural, social, subjetiva e tecnológica), abordados desde um ponto de vista simultaneamente transdisciplinar, ontológico, ético e estético, assim como com uma intensa vocação inventiva e transformadora. Disponível em: <[http://www.infopedia.pt/\\$felix-guattari](http://www.infopedia.pt/$felix-guattari)>. Acesso em 13 de junho de 2012.

⁸³ BOFF, Leonardo. **Da libertação e ecologia**: desdobramento de um mesmo paradigma. In: ANJOS, Marcio Fabri. “Teologia e novos paradigmas”. In.: São Paulo: Editora Loyola, 1996, p. 77.

⁸⁴ Fritjof Capra, austríaco, doutor em Física, cientista, ambientalista, educador e ativista que escreveu: **O tao da física, O ponto de mutação, A teia da vida, As conexões ocultas**, dentre outros livros que abordam temas relacionados à ecologia e sustentabilidade, reconhecendo esta última como sendo a consequência de um padrão complexo que envolve a interdependência, reciclagem, parceria, flexibilidade e diversidade.

⁸⁵ CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 1996, p.25.

ocidental. Esse filósofo explica que nesse novo cenário, “passam, para o primeiro plano, as relações, que constituem a interdependência de todos os elementos do universo como um processo global evolucionário em expansão contínua, o que implica que seu estado natural é a evolução e não a estabilidade.”⁸⁶

Manfredo Oliveira conclui que:

Pode-se interpretar o processo evolutivo, que constitui o universo enquanto tal, a partir da visão das ciências contemporâneas, como suas diferentes etapas do processo de desdobramento do espírito que vem a si, toma a consciência de si em suas diferentes figuras até chegar à consciência plena de todo processo cosmogênico do espírito humano.⁸⁷

Essas transformações epistemológicas ampliam-se nos âmbitos da pesquisa: a inteligência emocional, a biologia do conhecimento, a interatividade do homem e da máquina e os sistemas complexos. Colocam-se, dessa maneira, em xeque conceitos e teorias bastante sedimentadas.

A própria idéia de subjetividade se transforma. Inicia-se a compreensão da consciência de que o planeta Terra e o cosmos são seres vivos e, portanto, possuem subjetividade. “Supera-se o reducionismo antropocêntrico que qualificava tudo o que não se referia ao humano como secundário. Admite-se apenas certa dignidade às coisas e seres que poderiam ser utilizados e manipulados pelo ser humano”. (BAPTISTA, 2007, p. 219).

É importante ressaltar que, devido a essa profunda crise ambiental que se vivencia, de responsabilidade evidentemente antropocêntrica, alguns cientistas defendem o estabelecimento da inclusão de um novo período geológico, pós-holoceno, denominado de “antropoceno”, o qual seria a idade dos impactos ambientais provocados pela espécie humana.⁸⁸

⁸⁶ OLIVEIRA, Manfredo. **Ampliação do sentido de libertação**. Belo Horizonte: Perspectiva Teológica. v. 30, 1998, p. 281.

⁸⁷ OLIVEIRA, Manfredo. **Ampliação do sentido de libertação**. Belo Horizonte: Perspectiva Teológica. v. 30, 1998, p. 39.

⁸⁸ O termo “antropoceno” foi cunhado na década de 1980 pelo biólogo norte-americano Eugene Stoermer, e começou a ser popularizado em 2000 pelo químico Holandês Paul Crutzen, vencedor do prêmio Nobel em 1995.

Fruto da percepção e da pesquisa científica contemporânea nasce a ideia de que tudo interage com tudo o tempo todo. Vários estudos sobre a irreversibilidade, feitos pelo físico Ilya Prigogine⁸⁹, mostram que a evolução caminha numa perspectiva de complexificação. Vejamos em suas palavras:

A seta do tempo e a linha da evolução vão no sentido de criar cada vez mais complexidades auto organizadas, diversidades e inter-retro-relacionamentos. A evolução não é linear. Ela dá saltos. Exemplo disso é a formação do cérebro de um embrião. Após oito semanas da fecundação, sem sabermos porque, ocorre uma frenética produção de células nervosas e neurônios. Milhões deles irrompem a cada dia. Após 35 dias, o ritmo se desacelera. Inicia-se outro processo, o da interconexão entre os neurônios, base para toda vida da mente. E prossegue pela vida afora. As conexões se dão também para além da mente, no campo familiar, comunitário, social e planetário. Surge uma pan-relacionalidade, que é a característica do tempo em que vivemos.⁹⁰

O físico Ilya Prigogine foi mais além em suas considerações, quando três anos antes de falecer em 2003, publicou em 2000 um texto intitulado "Carta para as futuras gerações", na qual afirma o seu otimismo em relação ao futuro da humanidade e critica o determinismo:

[...] Em minha mensagem às futuras gerações, gostaria de propor argumentos com o objetivo de lutar contra os sentimentos de resignação ou impotência. As recentes ciências da complexidade negam o determinismo; insistem na criatividade em todos os níveis da natureza. O futuro não é dado. [...] O grande historiador francês Fernand Braudel escreveu: "Eventos são poeira". Isso é verdade? O que é um evento? Uma analogia com "bifurcações", estudadas na física do não equilíbrio surge imediatamente. Essas bifurcações aparecem em pontos especiais nos quais a trajetória seguida por um sistema se subdivide em ramos. Todos os ramos são possíveis, mas só um deles será seguido. No geral não se vê apenas uma bifurcação. Elas tendem a surgir em sucessão. Isso significa que, até mesmo nas ciências fundamentais, há um elemento temporal, narrativo, e isso constitui o "fim da certeza", o título do meu último livro. O mundo está em construção e todos podemos participar dela. [...] As ciências da complexidade, assim, conduzem a uma metáfora que pode ser aplicada à sociedade: um evento é a aparição de uma nova estrutura social depois de uma bifurcação; flutuações são o resultado de ações individuais. [...] Homem e natureza, no geral, bifurcações são a um só tempo um sinal de instabilidade e um sinal de vitalidade em uma dada sociedade. Elas expressam também o desejo por uma sociedade mais justa. Mesmo fora das ciências sociais, o Ocidente preserva um espetáculo surpreendente de bifurcações sucessivas. A música e a arte, por exemplo, mudam a cada 50 anos. O homem continuamente explora novas possibilidades, concebe utopias que podem conduzi-lo a uma relação mais harmoniosa entre homem e homem e homem e natureza. E esses são temas que ressurgem constantemente nas pesquisas de opinião sobre o caráter do século 21. [...] A que ponto chegamos? Estou convencido de que estamos nos aproximando de uma bifurcação conectada ao progresso da tecnologia da informação e a tudo que a ela se associa como a multimídia, robótica e inteligência artificial. Essa é a

⁸⁹ PRIGOGINE, Ilya. (1901-2003). Físico-químico, ganhou o prêmio Nobel em 1977 por sua pesquisa sobre os processos biológicos que se organizam a partir do caos e do desequilíbrio, formando ordens mais altas e ordenadas. É um dos formuladores da teoria do caos generativo. Cf. BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010, p.137.

⁹⁰ BOFF, Leonardo. **Nova Era: a civilização planetária**. São Paulo Ática, 1998, p. 45.

"sociedade de rede", com seus sonhos de aldeia global. [...] Em sentido geral, será que a bifurcação reduzirá a distância entre os países ricos e os pobres? A globalização será caracterizada pela paz e democracia ou por violência, aberta ou disfarçada? Cabe às futuras gerações criar as flutuações que determinarão o rumo do evento correspondente à chegada da sociedade da informação.⁹¹

Ilya Prigogine conclui a sua mensagem às futuras gerações afirmando que os dados não foram lançados e que o caminho a ser percorrido, depois das bifurcações, ainda não foi escolhido. Ele afirma que estamos em um período de flutuação no qual as ações individuais e coletivas continuam a ser essenciais. E que cabe às futuras gerações construir uma nova coerência, a qual incorpore tanto os valores humanos quanto a ciência.

Prigogine afirma que estamos apenas no começo da ciência e muito distantes do tempo em que se acreditava ser possível descrever todo o universo em termos de algumas poucas leis fundamentais. Cabe às futuras gerações construir uma nova ciência que incorpore todos esses aspectos, porque, por enquanto, a ciência continua em sua infância.

Assim, o pretense fim da história poderia ser o fim das bifurcações e a realização das visões de pesadelo das distopias de Orwell ou Huxley⁹² quanto a uma sociedade atemporal que perdeu sua memória. E Nesse sentido, cabe às futuras gerações manterem-se vigilantes para garantir que isso jamais aconteça. Um sinal de esperança é o de que o interesse pela natureza e o desejo de participar da vida cultural jamais foi tão intenso quanto hoje.

Não precisamos de nenhum tipo de pós-humanidade. Cabe ao homem, tal qual é hoje, com seus problemas, dores e alegrias, garantir que sobreviva no futuro. A tarefa é encontrar a estreita via entre a globalização e a preservação do pluralismo cultural, entre a violência e a política, e entre a cultura da guerra e a da razão.

Dentre outras ciências, segundo Baptista (2007), a física deu

[...] enorme contribuição ao descobrir as ínfimas partículas e a própria impossibilidade de separar, como antes, matéria e energia. De uma concepção dualista, passa-se para uma visão, efetivamente, dialética (mais que dialética, ela é

⁹¹ PRIGOGINE, Ilya. Carta para as futuras gerações. *Caderno Mais. Folha de São Paulo*, São Paulo, 30 jan. 2000. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs3001200004.htm>>. Acesso em 10/05/2011.

⁹² George Orwell é autor de “1984”, ficção pessimista sobre um mundo tecnológico totalitário. E Aldous Huxley é autor de “Admirável Mundo Novo”, obra de ficção pessimista sobre um mundo em que a biotecnologia impõe o artificialismo nas relações pessoais e familiares.

circular, complexa) e interativa: tudo carrega informação, tudo tem história, dos átomos, das estrelas às amebas.⁹³

Leonardo Boff sinaliza simbolicamente, que a nova forma de perceber o planeta Terra, ocorreu inicialmente no contexto da corrida espacial no contexto da guerra fria USA x URSS, quando “pela primeira vez na História a Terra começou a ser vista de fora da Terra”⁹⁴. Vejamos em suas palavras:

O novo paradigma emerge espontaneamente da visão que os astronautas, a partir dos anos 60, conquistaram da Terra. Pela primeira vez na História, a Terra começou vista de fora da Terra. Vários astronautas comunicaram pateticamente o seu impacto. O astronauta Russel Scheickhart ao regressar à Terra testemunhava a mudança de paisagem mental: “vista a partir de fora, a Terra é tão pequena e frágil, uma pequenina mancha preciosa que você pode cobrir com o seu polegar. Tudo o que significa alguma coisa para você, toda a História, a arte, o nascimento, a morte, o amor, a alegria e as lágrimas, tudo isso está naquele pequeno ponto azul e branco que você pode cobrir com o seu polegar. E a partir daquela perspectiva se entende que tudo mudou, que começa a existir algo novo, que a relação não é a mesma como fora antes.”⁹⁵

Boff afirma que as primeiras imagens da Terra vista do espaço tiveram um grande impacto no pensamento da humanidade e, conseqüentemente, na forma de conceber o nosso planeta, pois pela primeira vez, a Terra era vista em sua unidade, fragilidade (necessitando de cuidado) e pequenez, como um ser vivo carregando uma pluralidade de formas de vida, como ele próprio o diz:

[...] vigora, pois uma calibragem sutil entre todos os elementos químicos, físicos, entre o calor da crosta da terrestre, a atmosfera, as rochas, os oceanos, todos sob os efeitos da luz solar, de sorte que tornam a terra boa e até ótima aos organismos vivos. Surge destarte como um imenso superorganismo vivo chamado por Lovelock de Gaia, consoante a clássica denominação da Terra de nossos ancestrais culturais gregos.⁹⁶

Leonardo afirma que essa calibragem não é interna ao sistema-Gaia, como se fosse um sistema fechado. Ela se verifica no corpo do ser humano, que possui aproximadamente a mesma proporção de água que o planeta Terra (71%) e aproximadamente a mesma taxa de salinização do sangue que o mar apresenta (3,4%). Boff conclui assim, que esta dosagem se encontra no universo, pois se trata de um organismo aberto que inclui a harmonia da Terra.

⁹³ BAPTISTA, Paulo Agostinho Nogueira. **Libertação e diálogo**: a articulação entre teologia da libertação e teologia do pluralismo religioso em Leonardo Boff, tese de doutorado, ICHL, UFJF, Juiz de Fora, 2007. p. 219.

⁹⁴ BOFF, Leonardo. **Dignitas Terrae – Ecologia**: grito da Terra, grito dos pobres. Rio de Janeiro: Ática, 1995. p. 32.

⁹⁵ BOFF, Leonardo. **Dignitas Terrae – Ecologia**: grito da Terra, grito dos pobres. Rio de Janeiro: Ática, 1995. p. 32.

⁹⁶ Ibid., p. 37.

E corroborando com suas próprias palavras, Boff cita Stephen Hawking, referindo-se à origem do universo em sua famosa obra: “Uma breve história do tempo”, que traz a seguinte interpretação:

[...] se a razão de expansão no segundo imediatamente posterior à grande explosão tivesse sido menor, mesmo que em proporção de apenas uma em cem mil trilhões de vezes, o universo teria explodido novamente antes de atingir seu tamanho atual.⁹⁷

Ou seja, tudo ocorreu de forma tão harmônica e balanceada, que criou as condições favoráveis para o surgimento da biosfera, da antroposfera, como existem atualmente. Tal concepção da Terra como organismo vivo não se fundamenta apenas numa percepção estética.

O cientista inglês James Lovelock, pesquisador, com formação em química, medicina e biofísica, autor de mais de duzentos artigos científicos, além de inúmeros livros, e criador da hipótese Gaia⁹⁸ - conceito esse, incorporado por Leonardo Boff em seu paradigma ecológico – justifica, em “*A vingança de Gaia*”, sua posição sobre essa nova forma de perceber a Terra dizendo que a definição da Terra como Gaia se justifica porque essa é compreendida como “uma entidade complexa que abrange a biosfera, a atmosfera, os oceanos e o solo; na sua totalidade, esses elementos constituem um sistema cibernético ou de realimentação que procura um meio físico e químico ótimo para a vida neste planeta.”⁹⁹.

A hipótese Gaia, que nos anos setenta não foi tão bem aceita pela comunidade científica, foi gradualmente sendo aceita e sintetizada por essa comunidade, a ponto que, após um congresso de cientistas dos quatro grandes programas internacionais de pesquisa global em 2001, foi elaborada e publicada uma declaração que dizia:

[...] o sistema Terra se comporta como um sistema único e auto-regulador composto

⁹⁷ HAWKING, Stephen. **Uma breve história do tempo**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1988. p. 172.

⁹⁸ “A idéia que a Terra está viva tem uma longa história [...] aflorou regularmente na filosofia grega. Leonardo da Vinci viu o corpo humano como o microcosmo da Terra, e a Terra como macrocosmo do corpo humano. [...] Giordano Bruno foi queimado na fogueira, mais de quatrocentos anos atrás, por sustentar que a terra estava viva, e que outros planetas também poderiam estar. O geólogo James Hutton viu a terra como um sistema auto-regulador em 1785, e T. H. Huxley a percebeu da mesma forma em 1877. Já Vladimir Ivanovitch Vernadsky viu o funcionamento da biosfera como uma força geológica que cria um desequilíbrio dinâmico que, por sua vez, promove a diversidade da vida. Mas foi James Lovelock quem reuniu essas ideias na hipótese Gaia em 1972.” Cf. TICKELL, Crispin. In: Prefácio de: LOVELOCK, James. **A vingança de Gaia**. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2006. p.11.

⁹⁹ LOVELOCK, James. **Gaia: um novo olhar sobre a vida na Terra**. Lisboa: Edições 70, 1989. p. 27.

por componentes físicos, químicos, biológicos e humanos. As interações e *feedbacks* entre os componentes são complexos e exibem uma variabilidade temporal e espacial multiescala.¹⁰⁰

Para Lovelock, Gaia está mudando e pode estar menos resistente que no passado, pois o calor do sol sobre a Terra vem gradualmente aumentando e a auto-regulação da qual depende toda a vida acabará correndo perigo. Observando o ecossistema global como um todo, vemos o aumento da população humana, a degradação das terras, o esgotamento dos recursos naturais, o acúmulo de resíduos, todo tipo de poluição, a mudança climática, os abusos da tecnologia e a destruição da biodiversidade em todas as suas formas. Isso se constitui em uma inédita ameaça ao bem-estar do ser humano e de Gaia, desconhecida das gerações anteriores.

Vejamos nas palavras do próprio Lovelock:

Crescemos em numero a ponto de nossa presença estar perceptivelmente incapacitando nosso planeta, como uma doença. À semelhança das doenças humanas, quatro são os resultados possíveis: destruição dos organismos invasores da doença, infecção crônica, destruição do hospedeiro, ou simbiose – um relacionamento duradouro, beneficiando mutuamente hospedeiro e invasor.¹⁰¹

Tal “simbiose” ou “relacionamento de benefício mútuo” é o que busca L. Boff com a sustentabilidade, com o cuidado essencial para com todas as formas de vida em seu paradigma ecológico ou como ele próprio diz:

A questão ecológica nos remete a um novo patamar da consciência mundial: a importância da terra como um todo, o destino comum da natureza e do ser humano, a interdependência reinante entre todos, o risco apocalíptico que pesa sobre o criado. Os seres humanos podem ser biocidas, ecocidas e geocidas.¹⁰²

Essa nova visão nasce também da interação de estudos da física e da biologia que, segundo Baptista:

revelam: a *não-linearidade*; a *dinâmica cíclica*, o *sistema estruturado*; o qual diz respeito à subdivisão dos sistemas e a forma como esses guardam interação entre si, cada um fazendo parte de um organismo maior. A *autonomia e integração* entre os sistemas, a *auto-organização* e a *criatividade*; caracteres que se remetem ao fato de cada sistema complexo poder se estruturar criativamente, em um contínuo processo evolutivo. Tudo isso revela a vida que corre nesse superorganismo que é a Terra.¹⁰³

¹⁰⁰ LOVELOCK, James. **A vingança de Gaia**. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2006, p.12.

¹⁰¹ Ibid., p.12.

¹⁰² BOFF, Leonardo. **Ecologia, mundialização, espiritualidade**: a emergência de um novo paradigma. São Paulo: Ática, 1993. p. 22.

¹⁰³ BAPTISTA, Paulo Agostinho Nogueira. **Libertação e diálogo**: a articulação entre teologia da libertação e teologia do pluralismo religioso em Leonardo Boff, tese de doutorado, ICHL, UFJF, Juiz de Fora,

Sobre a nossa relação e integração com Gaia, nos diz Boff:

[...] Cada subsistema está ligado a outros, pelo correr do vento, das águas, pela migração das espécies, pelos ciclos de crescimento, amadurecimento, envelhecimento e morte. Pelo ar que respiramos, estamos unidos a todos os animais, plantas, também com nossos motores, fábricas e chaminés de nossa indústria.¹⁰⁴

Boff destaca também as contribuições da psicologia transpessoal e da nova antropologia para o enriquecimento do pensamento ecológico, quando diz “Todos eles coincidem nisso: o ser humano biológica e psiquicamente possuiu uma ancestralidade com o universo” (BOFF, 1993, p. 44). Ancestralidade esta, que nos interligam com a energia do cosmo e com o destino de todos os seres do universo. Conforme nos diz o ecoteólogo norte-americano Thomas Berry¹⁰⁵, outra grande influência do pensamento ecológico mundial e também para Leonardo Boff¹⁰⁶. Sobre o pensamento de Thomas Berry, L. Boff nos diz:

[...] O princípio cosmogênico delineado por Thomas Berry e Brian Swimme em seu poético livro *The Universe Story* (1992) pode ser útil. De acordo com esse princípio, há três características-chave marcando a história da evolução do universo: a diferenciação, a *autopoiesis* e a comunhão. Essas três características são tão fundamentais que a própria existência de um cosmo estruturado depende delas; Berry e Swimme (1992:73) comentam que “se não houvesse diferenciação, o universo se fundiria numa massa homogênea; se não houvesse subjetividade (ou *autopoiesis*), o universo se tornaria uma extensão inerte e morta; se não houvesse comunhão, o universo se transformaria num número de singularidades isoladas”.¹⁰⁷

2007. p. 210. APUD BOFF, Leonardo. **Ecologia, mundialização, espiritualidade: a emergência de um novo paradigma**. São Paulo: Ática, 1993. p. 43 – 44.

¹⁰⁴ BOFF, Leonardo. **Dignitas Terrae – Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres**. Rio de Janeiro: Ática, 1995, p. 44.

¹⁰⁵ Thomas Berry (1914-2009) foi um sacerdote católico norte-americano historiador cultural e eco-teólogo e cosmólogo, foi bastante influenciado pelas ideias de Teilhard de Chardin. Escreveu entre outras importantes obras: *O Sonho da Terra, A Grande Obra: Nosso caminho para o futuro*. Dentre os defensores da ecologia profunda e "eco-espiritualidade", é conhecido por propor que um entendimento profundo da história e do funcionamento do universo em evolução é a inspiração e orientação necessária para o nosso próprio funcionamento como indivíduos e como espécie.

¹⁰⁶ Tempos atrás, o Museu Americano de História Natural fez uma consulta entre biólogos perguntando se eles acreditavam que estávamos no meio de uma extinção em massa. 70% responderam positivamente que sim. O renomado cosmólogo Brian Swimme, autor junto com Thomas Berry de uma das mais brilhantes narrativas da história do Universo (*The Universe story*, 1992) foi perguntado o que poderíamos fazer, respondeu: “O universo já vem, há tempos, fazendo a sua parte para deter o desastre; mas nós temos que fazer a nossa. E o faremos mediante o despertar de uma nova consciência cosmológica, vale dizer, se ajustarmos nossas condutas à lógica do Universo. Mas não estamos fazendo o suficiente”. BOFF, Leonardo. Disponível em <<http://www.jb.com.br/leonardo-boff/noticias/2012/04/02/nova-cosmologia-e-libertacao/>>. Acesso em 02/04/2012.

¹⁰⁷ BOFF, Leonardo; HATHAWAY, Mark. **O tao da libertação: explorando a ecologia da transformação**. Petrópolis, Vozes, 2012, p. 387.

De acordo nosso autor o termo *autopoiese* é “derivado do grego para designar o processo evolutivo que é auto criativo e auto-organizativo”, significa também “auto-construção do ser humano”. (Boff, 2009, p. 199).

Devido a todas essas concepções, vai nascendo e se ampliando o conceito de *ecologia* em Leonardo Boff. Termo este, que foi criado em 1866, pelo biólogo alemão Ernest Haeckel (1834-1919), em sua obra *Morfologia geral dos organismos*. Como afirma Boff, tal conceito:

[...] é composto de duas palavras gregas: “oikos”, que significa casa, e logos, que quer dizer reflexão ou estudo. Assim, ecologia quer dizer o estudo que se faz acerca das condições e relações que formam o habitat (casa) do conjunto e de cada um dos seres da natureza. Na definição de Haeckel: ecologia é o estudo da interdependência e da interação entre os organismos vivos (animais e plantas) e o seu meio ambiente (seres inorgânicos).¹⁰⁸

Nesse novo contexto, Boff elaborará uma formulação mais recente de *ecologia* (1999): “o estudo do inter-retro-relacionamento de todos os sistemas vivos e não-vivos entre si e com seu meio ambiente, entendido como uma casa, donde deriva a palavra ecologia (*oikos*, em grego = casa, a mesma raiz etimológica de ecumenismo)”.¹⁰⁹

Atualmente, o conceito ultrapassa o horizonte dos seres vivos e o exclusivo domínio da natureza e passa a representar a relação e o dialogo entre os seres, abarcando também o universo humano, no âmbito da cultura e da sociedade. “De um discurso regional como subcapítulo da biologia, passou a ser atualmente um discurso universal, quiza o de maior força mobilizadora do futuro milênio”.¹¹⁰

Após ter-se abordado brevemente as bases teóricas do paradigma ecológico, tratar-se-á agora de suas características.

¹⁰⁸ BOFF, Leonardo. **Dignitas Terrae – Ecologia**: grito da Terra, grito dos pobres. Rio de Janeiro: Ática, 1995., p. 17.

¹⁰⁹ BOFF, Leonardo. **Ética da vida**. Brasília: Letra viva, 1999. p. 25.

¹¹⁰ BAPTISTA, Paulo Agostinho Nogueira. **Libertação e diálogo**: a articulação entre teologia da libertação e teologia do pluralismo religioso em Leonardo Boff, tese de doutorado, ICHL, UFJF, Juiz de Fora, 2007, p. 220.

1.7 Características do Paradigma Ecológico

Conforme já se expôs, o novo *paradigma ecológico* boffiniano atinge todos os setores, apontando critérios e valores, apresentando um novo olhar sobre tudo. Ele é “o horizonte de um sentido globalizador”¹¹¹ e está nascendo com uma longa caminhada a ser percorrida. Sobre tal trajetória, Boff afirmar que:

[...] Normalmente, o novo paradigma surge do bojo de uma grande crise. Por isso ele possui o condão de se apresentar como uma nova esperança, um caminho de salvação, uma manhã depois de uma terrível noite de pesadelos [...]. O paradigma uma vez emerso transforma-se numa certeza cotidiana, na atmosfera de evidências existenciais, e mergulha para o inconsciente coletivo. Só então se transforma na convicção geral, no elemento evidente e inquestionável de uma sociedade. Aquilo que não precisa ser explicado e que explica todas as coisas. O paradigma deve responder à pergunta fundamental que todos fazem, deve às demandas impostergáveis, deve produzir desafio e sentimento de segurança e orientação.¹¹²

Boff argumenta que outros contextos históricos demandaram perguntas diferentes e diversas, de acordo com as suas necessidades e realidades, seja no contexto do pensamento da antiguidade clássica grega, dos medievais, dos modernos. Sejam as elaboradas pelos gnósticos, seja pela filosofia do grande filósofo Immanuel Kant. Porém, para Boff, hoje a atual pergunta que se coloca é:

[...] Hoje, em face da crise ecológica mundial, a grande pergunta é:- como devemos viver? Como relacionar com a terra para preservá-la, não a ameaçar e garantir a nossa própria vida e a vida e existência de todos os demais seres vivos na Terra? A resposta só pode ser: viva de tal maneira que não destrua as condições de vida dos que vivem no presente e as dos que vão viver no futuro. Ou positivamente: viva no respeito e na solidariedade para com todos os companheiros de vida e de aventura terrena, humanos e não-humanos, e cuida para que todos possam continuar a existir e a viver, já que todo o universo se fez cúmplice para que eles existissem e vivessem e chegassem até o presente’.¹¹³

Boff, parafraseando Kant, afirma ser este o novo imperativo categórico do *ethos* da humanidade na era ecológica, diante das crises e ameaças globais que atingem todo o sistema da vida. Por isso, Leonardo fala sobre a necessidade de que precisamos “aprofundar essa categoria de vida para podermos apreciar sua riqueza e a nova radicalidade que ela funda”.¹¹⁴

Destarte, Boff afirma que a consciência desse *novo paradigma* coincide, quase totalmente,

¹¹¹ Ibid., p. 104.

¹¹² Ibid., p. 104.

¹¹³ Ibid., p. 105.

¹¹⁴ BOFF, Leonardo. **Ética da vida**. Brasília: Letra viva, 1999.p. 105.

com a descoberta de que o próprio universo está em gênese, em criação:

Os cosmólogos, vindos da astrofísica, da física quântica, da nova biologia numa palavra, das ciências da terra, nos advertem que o universo inteiro se encontra em cosmogênese. Isso significa: ele ainda está em gênese, constituindo-se e nascendo, formando um sistema aberto, sempre capaz de novas aquisições e novas expressões. Portanto, nada está pronto e ninguém acabou de nascer.¹¹⁵

Nesse sentido, segundo Boff, o universo vive esse processo, e também os seres humanos o vivem (antropogênese). “Assim, não se pode falar em “natureza humana” como um dado determinado, por mais que conheçamos o dinamismo genético.”(BAPTISTA, 2007, p.221). “Já que essa está em processo de construção, em harmonia com o cosmos, e em uma vivência dinâmica explicada através de três concepções”. Como explica Boff:

[...] por isso, temos de ter paciência com o processo global, uns com os outros e também conosco, pois nós, humanos, estamos igualmente em processo de antropogênese, de constituição e de nascimento. Três grandes emergências ocorrem na cosmogênese e na antropogênese: a complexidade/diferenciação (1), a auto-organização/consciência (2) e a re-ligação/relação de tudo com tudo (3). A partir do seu primeiro momento após o Big-Bang, a evolução está criando mais e mais seres diferentes e complexos (1). Quanto mais complexos, mais se auto-organizam, mas mostram interioridade e possuem mais e mais níveis de consciência (2), até chegarem à consciência reflexiva no ser humano. [...] E quanto mais complexo e consciente, mais se relaciona e se re-liga com todas as coisas (3), fazendo com que o universo seja realmente uni-verso, uma totalidade orgânica, dinâmica, diversa, tensa e harmônica – *cosmos* e não *caos*.¹¹⁶

De acordo com Baptista (2007, p. 221), “esse processo é contínuo, diferenciando-se e complexificando-se, ao mesmo tempo em que cresce a auto-organização e o crescimento da consciência e de sua interioridade, chegando à capacidade reflexiva humana.”.

Segundo Baptista (2007, p.221)

[...] esses processos não estão acontecendo sem grande crise nos modelos já estabelecidos. É do inevitável choque com o *paradigma moderno*, com sua razão instrumental- analítica e da ameaça que este gera de colapso da própria vida, da sobrevivência humana, de seu futuro, que vai se elaborando um novo horizonte de compreensão e, a partir disso, surge um novo agir, e também nova Ética. [...]

Percebe-se que não é mais possível compreender a realidade com a frieza da objetividade

¹¹⁵ BAPTISTA, Paulo Agostinho Nogueira. **Libertação e diálogo:** a articulação entre teologia da libertação e teologia do pluralismo religioso em Leonardo Boff, tese de doutorado, ICHL, UFJF, Juiz de Fora, 2007. p. 32.

¹¹⁶ Ibid., p. 32

em todos os domínios, no que diz respeito à exploração da natureza até a estruturação das relações econômicas e sociais.

De acordo Baptista (2007, p.221), “A degeneração da vida humana, destruindo espécies e desequilibrando o frágil dinamismo vital, ou reduzindo 2/3 da população mundial á condição de pobreza, ao mesmo tempo em que concentra qualidade de vida a uma minoria”.

Vale ressaltar que, segundo estudo da Universidade das Nações Unidas, dois quintos da riqueza mundial estão concentrados nas mãos de 37 milhões de indivíduos, ou 1% da população adulta. Se considerados os 10% mais ricos do mundo, a proporção da riqueza mundial nas mãos desse grupo é de 85,2%. Na outra ponta, os 50% mais pobres do mundo são donos de apenas 1% da riqueza global ¹¹⁷.

Assim, atinge-se a um limite não mais tolerável de degradação ambiental e de extrema má distribuição dos recursos naturais. Como afirmam os ambientalistas Antonio Lago e José Augusto Pádua:

[...] é inaceitável que apenas um país (EUA), que possui 7,5% da população mundial, tenha um consumo equivalente a 1/3 dos recursos não renováveis e 37% da energia produzida no mundo anualmente. Mesmo que esse modelo conduzisse a um aumento real na felicidade e na auto-realização das populações desses países, o que é mais do que questionado por inúmeros analistas sociais, ele não poderia ser exportado. Simplesmente não existem recursos no planeta para sustentar a expansão do nível de consumo material de um país como os EUA para o resto do mundo [...] O caminho que se abre para os países do Terceiro mundo, portanto, não é o de tentar repetir o modelo dos países capitalistas avançados, mas sim o de inventar um novo caminho socioeconômico, que seja sustentável ecologicamente e promova o bem estar social de suas populações. Além disso, é fundamental lutar por uma nova ordem econômica mundial, que garanta a distribuição equitativa dos recursos naturais da terra, impedindo, como ocorre hoje, concentração do seu uso pelos países mais avançados.¹¹⁸

Para muitos estudiosos o tempo se faz curto para se deter estas graves agressões a Gaia. James Lovelock apresenta um quadro dramático da questão ecológica. Ele afirma que:

Gaia me tornou um médico planetário e eu levo minha profissão a sério. Agora, também devo trazer as más notícias. Os centros de climatologia espalhados pelo

¹¹⁷ Fonte: Jornal *BBC Brasil* on line.. Disponível em : <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2009/03/090324_desigualdadeestudo_rw.shtml>. Acesso em 24 mar. 2009. O estudo, compilado no livro "Personal Wealth From a Global Perspective" Oxford University Press, 2008, (Riqueza pessoal a partir de uma perspectiva global), é a mais ampla iniciativa para investigar o tamanho da desigualdade na distribuição da riqueza pelo mundo.

¹¹⁸ PÁDUA, José agosto. **O que é ecologia**. Editora Brasiliense, São Paulo: 1985, p. 59.

mundo, que são os equivalentes aos laboratórios de patologia dos hospitais, têm relatado as condições físicas da Terra, e os climatologistas acham que ela está gravemente doente, prestes a passar a um estado de febre mórbida que pode durar até 100 mil anos. E eu preciso dizer a vocês, como familiares da Terra e parte integrante dela, que vocês e a civilização em especial estão em grave perigo. Nosso planeta tem se mantido saudável e apto à vida, assim como um animal, por mais de 3 bilhões de anos de sua existência. Foi má sorte que nós tivéssemos começado a poluí-lo numa época em que o Sol está quente demais. Nós causamos febre a Gaia e logo seu estado irá piorar para algo parecido com um coma. Ela já esteve assim antes e se recuperou, mas levou mais de 100 mil anos. Nós somos os responsáveis e nós vamos sofrer as conseqüências: no decorrer deste século, a temperatura subirá 8°C nas regiões temperadas e 5°C nos trópicos. Boa parte das terras tropicais se tornará caatinga e deserto, e não servirá mais para regulação do clima; isso se soma aos 40% da superfície terrestre que nós já devastamos para produzir nosso alimento. Nós faremos o possível para sobreviver, mas infelizmente eu não consigo ver os EUA ou as economias emergentes da China e da Índia voltando no tempo - e eles são as maiores fontes de emissões. O pior vai acontecer, e os sobreviventes terão de se adaptar a um clima infernal. Talvez o mais triste seja que Gaia perderá tanto quanto ou mais do que nós. Não só a vida selvagem e ecossistemas inteiros serão extintos, mas na civilização humana o planeta tem um recurso precioso. Não somos meramente uma doença; somos, por meio da nossa inteligência e comunicação, o sistema nervoso do planeta. Através de nós, Gaia se viu do espaço, e começa a descobrir seu lugar no Universo. Nós deveríamos ser o coração e a mente da Terra, não sua moléstia. Então, sejamos corajosos e paremos de pensar somente nos direitos e necessidades da humanidade, e enxerguemos que nós ferimos a Terra e precisamos fazer as pazes com Gaia. Precisamos fazer isso enquanto somos fortes o bastante para negociar, e não uma turba esfacelada liderada por senhores da guerra brutais. Acima de tudo, precisamos lembrar que somos parte dela, e que ela é de fato nosso lar.¹¹⁹

Desta forma, em toda tradição do pensamento ocidental, não consegue-se perceber essa realidade. Entretanto, uma transformação lenta começa a acontecer de forma mais decisiva nos anos 60 e se desenvolve nos anos 70-80, em razão da crise global, da emergente consciência planetária, decorrentes de um relatório publicado em 1972 pelo clube de Roma, denominado “os limites do crescimento”¹²⁰. Sobre o clube de Roma, Boff

¹¹⁹ Cf. LOVERLOCK, James. A Vingança de Gaia. **Folha de São Paulo**, p. 9. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ciencia/fe2201200601.htm>>. Acesso em 22 janeiro de 2006. Em sua obra que tem o mesmo título do artigo, James Lovelock faz um estudo sobre o estado da Terra, além de abordar questões como tecnologia, fontes de energia, alimentos, História da vida de Gaia, previsões para o século XXI, etc. Cf. James LOVELOCK. **A vingança de Gaia**. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2006. Ver também: BAPTISTA, Paulo Agostinho Nogueira. **Libertação e diálogo: a articulação entre teologia da libertação e teologia do pluralismo religioso** em Leonardo Boff, tese de doutorado, ICHL, UFJF, Juiz de Fora, 2007. p. 222.

¹²⁰ Este relatório foi fruto de um trabalho realizado por cientistas, políticos e industriais, visando analisar a relação entre países, os problemas decorrentes da complexidade das relações e da interdependência entre elas especialmente em relação à situação da natureza. Sua conclusão foi: “Caso as presentes tendências de crescimento da população mundial, industrialização, poluição, produção de comida, e uso de recursos naturais não se alterarem, os limites para o crescimento no planeta serão atingidos em algum ponto nos próximos 100 anos. O resultado mais provável será um rápido e descontrolado declínio tanto em termos de população como capacidade industrial”, Cf. Dennis L. MEADOWS et al. **The limits to growth**. New York: Universe Books, 1972. A reação foi imediata e no mesmo ano a ONU promoveu uma conferência, conhecida como “Conferência de Estocolmo”, que, discordando sobre a diminuição da produção, do ritmo de crescimento, propunha “produzir melhor”, com menos lixo. Começa aí a construção de uma idéia que se torna “madura” por ocasião da “Eco-Rio 92: desenvolvimento sustentável”. Cf. BAPTISTA, Paulo Agostinho Nogueira. **Libertação e Diálogo: a articulação entre teologia da libertação e teologia do pluralismo religioso** em Leonardo Boff, tese de doutorado, ICHL, UFJF, Juiz de Fora, 2007, p. 222.

nos diz:

A consciência da crise ganhou expressão em 1972 com o relatório do famoso Clube de Roma, articulação mundial de industriais, políticos altos funcionários estatais e cientistas de várias áreas para estudarem as interdependências das nações, a complexidade das sociedades contemporâneas e a natureza com o objetivo de desenvolverem uma visão sistêmica dos problemas e os novos meios de ação política para a sua solução. O relatório tem por título: “Os limites do crescimento”.¹²¹

Essa “nova razão assume então uma perspectiva dialógica, pericorética,¹²² reagindo à consciência de que a dinâmica da realidade é complexa, diversificada e dialética.” (BAPTISTA, 2007, p.223) Como Boff diz:

[...] Há por fim, a lógica dialógica ou pericorética. Por esta se procura o diálogo em todas as direções e em todos os momentos. Por isso supõe a atitude o mais inclusiva possível e a menos produtora de vítimas. A lógica do universo é dialógica: tudo interage com tudo em todos os pontos e em todas as circunstâncias.¹²³

Boff irá apresentar, em dez pontos, “alguns conceitos ou figuras de pensamento que caracterizam o emergente paradigma novo”¹²⁴:

- 1º) *Totalidade/diversidade*: o universo, o sistema-Terra, o fenômeno humano são totalidades orgânicas e dinâmicas. Junto com a análise, que dissocia, simplifica e universaliza, precisamos desta síntese, pela qual fazemos justiça a esta totalidade. O holismo quer representar esta atitude [...].
- 2º) *Interdependência/relição/autonomia relativa*: todos os seres estão interligados e por isso sempre re-ligados entre si; um precisa do outro para existir. Em razão deste fato, há uma solidariedade cósmica de base. Mas cada um goza de autonomia relativa e possui sentido e valor em si mesmo.
- 3) *Relação/campos de força*: todos os seres vivem numa rede de relações. Fora das relações, nada existe. Mais do que os seres em si, importa captar a relação entre eles; a partir daí deve-se compreender os seres sempre relacionados e considerar como cada um entra na composição do universo [...].
- 4º) *Complexidade/interioridade*: tudo possui interioridade e quanto mais complexo um ser mais interioridade tem. [...] Tal dinamismo faz com que o universo possa ser visto como uma totalidade inteligente e auto-organizante [...].
- 5º) *Complementaridade/reciprocidade/caos*: toda realidade se dá sob forma de partícula e onda, de energia e matéria, ordem e desordem, caos e cosmos e no nível humano na forma *sapiens* (inteligente) e de *demens* (demente). São dimensões da mesma realidade. Elas são complementares e recíprocas [...].
- 6º) *Seta do tempo/entropia*: Tudo o que existe preexiste e coexiste. Portanto, a seta do tempo marca todas as relações e sistemas, dando-lhes o caráter da irreversibilidade. Estas marcas estão presentes e em cada e campo de força por mais elementares que sejam. Quer dizer, nada pode ser compreendido sem uma referência à sua história

¹²¹ BOFF, Leonardo. **Dignitas Terrae – Ecologia**: grito da Terra, grito dos pobres. Rio de Janeiro: Ática, 1995. p. 16.

¹²² Boff afirma que a expressão *Pericósera* é uma expressão grega que significa filologicamente “circularidade e inclusão de todas as relações e de todos os seres relacionados”. Cf. BOFF, Leonardo. **Dignitas Terrae – Ecologia**: grito da Terra, grito dos pobres. Rio de Janeiro: Ática, 1995. p. 49.

¹²³ BOFF, Leonardo. BOFF, Leonardo. **Dignitas Terrae – Ecologia**: grito da Terra, grito dos pobres. Rio de Janeiro: Ática, 1995. p. 49.

¹²⁴ Ibid., p. 59.

relacional e ao seu percurso temporal. Este percurso está aberto para o futuro [...]. A história universal cai sob a seta da termodinâmica do tempo, quer dizer, deve tomar em conta a entropia [perda de energia] ao lado da evolução temporal, nos sistemas fechados ou tomados em si mesmos [...].

- 7º) *Destino comum/pessoal*: pelo fato de termos uma origem comum e de estarmos todos interligados, temos todos um destino comum num futuro sempre aberto também comum. É dentro dele que se deve situar o destino pessoal de cada ser, já que cada de ser não entende por si mesmo sem o ecossistema [...].
- 8º) *Bem comum cósmico/bem particular*: o bem comum não apenas humano mas de toda a comunidade cósmica. Tudo o que existe e vive merece existir, viver e conviver. O bem comum particular emerge a partir da sintonia e sinergia com a dinâmica do bem comum planetário e universal.
- 9º) *Criatividade/destrutividade*: o ser humano, como o cosmos, pode criar ordens mais inclusivas ou fechar-se num exclusivismo e interesse próprio, sem levar em consideração o bem dos demais seres. Por ser ético, pode conscientemente reforçar as potencialidades latentes do sistema-Terra como também destruí-lo.
- 10º) *Atitude holístico-ecológica/negação do antropocentrismo*: a atitude de abertura e inclusão irrestrita propicia uma cosmovisão radicalmente ecológica (de pan-relacionalidade e re-ligação de tudo); ajuda a superar o histórico antropocentrismo e propicia sermos cada vez mais singulares e ao mesmo tempo solidários, complementares e criadores [...].¹²⁵

Percebe-se, então, que esta síntese mostra a sustentação sobre a qual o pensamento de Boff dialoga, bem com as idéias fundamentais de sua proposta de mudança paradigmática. Essa, que de acordo Boff, ainda esta sendo gestada, se dá num dinamismo que guarda continuidades e descontinuidades.

Nesse contexto, o tema ecológico já aparecia no debate teológico, como se constata em obras como “*São Francisco de Assis: ternura e vigor*” (1981), de Leonardo Boff. Como o referido texto o diz:

Este livro – “*São Francisco de Assis: ternura e vigor*” – Quer apresentar ao mundo de hoje o que é um humanismo novo, todas as culturas e terno e fraterno, aberto a todas as culturas e religiões, sendo profundamente ecológico. [...] Francisco de Assis mais que um ideal é um espírito e um modo de ser. E o espírito e o modo de ser só se mostram numa prática, não numa fórmula, ideia ou ideal. Tudo em Francisco convida para a prática: *exire saeculo*, sair do sistema imperante, numa ação alternativa que concretize mais devoção para com os outros, mais ternura para com os pobres e mais respeito para com a natureza.¹²⁶

No final dos anos 80 e início da década de 90, essa temática ecológica irá expandir e emergir como o *novo paradigma*, a partir da percepção de que se trata de uma nova maneira de pensar a teologia e especialmente a ecologia.

O novo paradigma ecológico procura estabelecer novos caminhos e oportunidades para a

¹²⁵ Ibid., pp. 59-61

¹²⁶ BOFF, Leonardo. *São Francisco de Assis: ternura e vigor*. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 15 e 274.

perpetuação e para a manutenção e crescimento da vida, em todos os seus aspectos. Abrindo-se e inter-retro-conectando com todos os aspectos da vida, como nos diz Boff:

[...] Há um todo dinâmico e orgânico constituindo um sistema aberto. Nada acabou de nascer, mas encontra-se em gênese. A evolução não se processa linearmente, mas por rupturas e saltos a ordens mais complexas e mais altas. O todo é uno e dinâmico, mas contém uma diversidade inimaginável de seres e de energias. Os seres, as energias e as ordens são interdependentes. Tudo tem a ver com tudo em todos os pontos, circunstâncias e tempos. A interdependência revela a cooperação de todos com todos. Esta é a lei mais fundamental do universo: a sinergia, a solidariedade e a cooperação. Todos e tudo conspiram para que cada ser continue e evoluir e a coevoluir. A seleção natural pela vitória e vitória do mais forte (Darwin) deve ser entendida dentro e não acima dessa universal conspiração cooperativa de todos com todos.¹²⁷

Constata-se, então, que as características desse novo paradigma ecológico, em Leonardo Boff, tem a pretensão de transformar não apenas as ciências da natureza, mas também de ampliar as concepções da filosofia, das ciências humanas e em especial da ecologia.

¹²⁷

BOFF, Leonardo. **Ética e ecoespiritualidade**. Petrópolis: Vozes, 2010, p.60.

1.8 Conclusão do capítulo 1

Conclui-se que o *paradigma ecológico* emerge na consciência mundial, trazendo consigo reflexões que refutam o paradigma moderno. Diversos fatores estão contribuindo para esta mudança de mentalidade e comportamento. O pensamento que coloca o homem sobre a natureza para dominar, explorar, manipular e degradar, está sendo substituído pelos conceitos de estar junto para cuidar, relacionar, integrar, “re-ligar”. Está, assim, emergindo uma visão holística que percebe o ser humano não mais de forma antropocêntrica, mas como parte integrante e participante da totalidade do cosmos. Ele entra na concepção do universo.

Esta visão holística propõe uma ruptura com a concepção clássica. O ser humano começa a descer de seu trono, a perceber que não é uma espécie isolada das demais e a descobrir o seu lugar e a sua missão diante do mundo criado. A visão antropocêntrica vai se mostrando ultrapassada, para ceder lugar a posturas e atitudes que tem como princípio a comunhão, a participação e a corresponsabilidade com todos os seres.

As críticas e reflexões feitas a partir do modelo crítico são importantes para a mudança de paradigma. Nessa perspectiva, percebemos a necessidade de avaliar e rever os conceitos que contribuíram para a crise ecológica. A união da humanidade com a natureza implica também mudanças na maneira de se relacionar com o cosmos e com o próprio ser humano.

O *paradigma ecológico* coloca-se como ensinamento para o ser humano sobre os princípios que sustentam a criação: a humildade, a bondade, o carinho, a ternura, o cuidado, a sinergia, a sintropia. O *paradigma ecológico*, no pensamento de Boff, é de esperança quanto ao futuro da humanidade e da natureza, pois como o próprio autor diz: “podemos esperar para além de todas as contradições”.

No próximo capítulo, mostrar-se-á como Boff, a partir do *paradigma ecológico*, aponta seis caminhos e práticas de ecologia que norteiam a sua reflexão ética, os quais iremos descrevê-los no momento da dissertação, a saber: o caminho da técnica; eco-tecnologia; o caminho da política: eco-política; o caminho da sociedade: ecologia social; o caminho da ética: ética ecológica; o caminho da mente: ecologia mental; e o caminho do coração: mística cósmica.

O *paradigma ecológico* de Boff será apresentado como a tentativa de superar os limites do paradigma anterior, que vigorou até o século passado. No centro desse novo paradigma, estão a ecologia, a nova cosmologia e a nova psicologia, que Boff chama de *paradigma ecológico*, o qual, na interpretação de Baptista, é uma compreensão Teoantropocósmica. Mostraremos, ainda, a importância da noção de cuidado para reflexão ética em Boff. Identificaremos, em linhas gerais, em que consiste o paradigma *ético-ecológico*, apresentado, assim, as principais noções componentes desta reflexão.

2. O PARADIGMA ÉTICO-ECOLÓGICO EM LEONARDO BOFF

2.1 Questões éticas em Leonardo Boff

Diante dos problemas sociais, econômicos, ambientais e políticos pelos quais a humanidade passa atualmente com uma gravidade nunca antes vista, o nosso autor discorre sobre a urgente necessidade de uma ética mundial para a solução dos problemas, a qual, explicitaremos abaixo.

Boff diz que a raça humana enfrenta uma crise social. Observamos transformações no mundo do trabalho, no qual os avanços tecnológicos, como a robótica e a informática propiciaram, ao mesmo tempo, o acúmulo de imensas riquezas, como também a geração de desemprego e mais desigualdades sociais.

Segundo Boff, na contemporaneidade, os índices de solidariedade entre os humanos decaíram enormemente e a humanidade está cada vez mais dividida entre os países pobres e marginalizados, especialmente os do continente africano e latino-americano, e os países ricos e opulentos. Esses últimos situados principalmente no hemisfério norte, os quais controlam os processos científicos, técnicos, econômicos e políticos ¹²⁸.

Numa perspectiva sombria de futuro, os países opulentos, que detêm o poder da ciência e da tecnologia, poderiam fazer com que suas populações chegassem a uma expectativa de vida em torno de 120/130 anos, graças ao domínio crescente das técnicas de biotecnologia. Por outro lado, no Hemisfério sul estariam apenas os indivíduos deserdados e destituídos, que possuiriam, no máximo, uma expectativa de vida média de 60 a 70 anos.

Nesse contexto, Boff destaca a distribuição de riquezas ¹²⁹, acirrada, principalmente com o advento das ideologias “neoliberais” e da denominada “Globalização” do mercado, a qual se deu, segundo o autor, de forma extremamente injusta.

Para Leonardo Boff, as mudanças tecnológicas irão demandar um novo padrão civilizatório, em que a grande questão não será o trabalho, que no futuro poderá se restringir a poucos, mas

¹²⁸ BOFF, Leonardo. **Ethos mundial**: um consenso mínimo entre os humanos. Rio de Janeiro: Sextante, 2003, p. 11.

¹²⁹ Ibid., p. 12.

sim será a dupla questão do desemprego e do ócio. De um lado, o horror do desemprego, que desestrutura as famílias e destrói a autoestima, e, de outro, a potencialidade do ócio, que pode ser destrutiva, mas também criativa e realizadora das virtudes humanas.

A humanidade sairá do regime assalariado, ao que foi submetida pela sociedade capitalista, e voltará a sua natureza original de harmonia de todos com todos: a atividade criadora do ser humano ¹³⁰. A atividade antropocêntrica, de subjugar totalmente a natureza, é irresponsável e de acordo com o nosso autor, pode produzir danos irreparáveis à biosfera e destruir as condições de vida de milhões de seres. Ela poderá afetar diversos organismos: as águas potáveis, a química dos solos, os microorganismos, as sociedades humanas. A sustentabilidade do planeta, criada em bilhões de anos, poderá se desfazer, e a busca do planeta por um equilíbrio poderá levar a sua autodestruição para que, assim, Gaia possa novamente se regenerar.

Nesse sentido, Leonardo Boff destaca que, para combater este princípio de autodestruição, ou princípio antrópico, será necessário construir o princípio de corresponsabilidade de nossa espécie para com o planeta terra: ou seja, teremos que tomar decisões coletivas que permitam a evolução da Terra seguir o seu curso natural.¹³¹

Com toda esta crise se desenhando no horizonte, e na eminência de uma destruição em nível planetário, Boff tenta pensar em uma ética que leve em consideração a relação entre o planeta e o homem, ou seja, que seja holística, e veja nosso planeta como um organismo vivo, ou *Gaia*.

A seguir, tratar-se-á, nesse contexto, da questão ética e moral no pensamento de Boff.

¹³⁰ BOFF, Leonardo. **Ethos mundial**: um consenso mínimo entre os humanos. Rio de Janeiro: Sextante, 2003, p. 12.

¹³¹ Ibid., p. 13.

2.2 A questão ética e moral na visão de Boff

Boff questiona como seria possível construir uma plataforma comum sobre a qual toda a humanidade possa dialogar (como em uma grande conversação) e se compreender, percebendo, assim, a emergência dos problemas sociais, econômicos e ambientais em que está colocada.

Boff acredita que a raça humana vive numa mesma casa, mãe Terra, (*Gaia*), com espécies interdependentes e com um destino comum. Por isso, para ele, se faz necessário a criação de um acordo com exigências éticas e morais mínimas, para que se dê uma coexistência pacífica, assim como para preservar o nosso planeta com sua rica biodiversidade, de forma a garantir um futuro para todos. Nessa busca de fundamentação de uma ética mundial, o autor faz algumas distinções entre *ética e moral*.¹³²

De acordo com Boff, *ethos* com e pequeno significa morada ou abrigo permanente, seja dos animais (estábulo), seja da Mãe-Natureza (chamada de *Physis* filosoficamente, e de Gaia miticamente).

Nesse sentido, coloca Boff:

[...] A morada deve ser cuidada e continuamente retrabalhada, enfeitada e melhorada. Em outras palavras: o *ethos* não é algo acabado, mas algo aberto, a ser sempre feito, refeito e cuidado como só acontece com a morada humana. *Ethos* se traduz, então por ética. É uma realidade da ordem dos fins: viver bem, morar bem. Ética tem a ver com os fins fundamentais (como morar bem), com valores imprescindíveis (como defender a vida, especialmente a do indefeso), com princípios fundadores de ação (dar de comer a quem tem fome), etc.¹³³

Vemos, assim, que Leonardo Boff trata o *ethos* como uma casa não acabada, em processo de cuidado e de construção. Boff, nesse sentido, situa-se em um pensamento teleológico¹³⁴ por defender e acreditar que o fim do homem é morar bem cuidando do seu *ethos*. Como Observa Boff:

¹³² Ibid., p. 28.

¹³³ Ibid., p. 28.

¹³⁴ Pensamento Teleológico (do grego *telos*: finalidade, e *logos* teoria) se caracteriza por propugnar a uma idéia uma relação intrínseca com uma finalidade pré-estabelecida. Em outras palavras, é uma teoria, ou conjunto de teorias, que parte do pressuposto de que um fim determinado é o destino natural de uma realidade específica. Cf. JAPIASSÚ, 2006, p. 264.

O centro do *ethos* (moradia) é o bem (Platão), pois somente ele, o bem, permite que alcancemos nosso fim. Que consiste em nos sentirmos bem em casa. Sentir-nos-emos bem em casa (ou teremos um *ethos*, realizando o fim almejado) quando criarmos mediações adequadas como hábitos, certas normas e maneiras constantes de agir. Por elas habitamos humanamente o mundo, que pode ser a casa concreta, ou nosso nicho ecológico local, regional, nacional ou nossa casa maior, o planeta Terra.¹³⁵

A partir de Aristóteles, Boff entende o centro do *ethos* (moradia) como a felicidade compreendidos como auto-realização pessoal e societária¹³⁶.

Sobre estas concepções, Boff explicita:

[...] também eram chamados de *ethos*, escrito com E grande (o épsilon em grego). Ele significava os costumes, vale dizer, o conjunto de valores e de hábitos consagrados pela tradição cultural de um povo. Ethos como um conjunto dos meios ordenados ao fim (bem/auto-realização) se traduz comumente por moral. Moral (*mos-mores*, em latim) significa exatamente os costumes e valores de uma determinada cultura. Como se depreende o *ethos/moral* está sempre no plural enquanto o *ethos/casa* está sempre no singular.¹³⁷

De acordo Boff, esses *ethos* se articulam intrinsecamente, pois os hábitos e os costumes (*ethos/moral*)¹³⁸ visam fazer a moradia e o meio social sustentáveis, autônomos e habitáveis (*ethos/ética*)¹³⁹ para todos, portanto bons e produtores de felicidade.

O autor faz uma importante consideração, quando ele nos pergunta quem define o que seja ético e moral para a morada humana. Ele irá apontar várias respostas que vinculam diretamente à tradição grega, da qual somos herdeiros. Essa tradição indicará o *logos* humano

¹³⁵ BOFF, Leonardo. **Ethos mundial**: um consenso mínimo entre os humanos. Rio de Janeiro: Sextante, 2003, p. 28.

¹³⁶ Para Aristóteles, o centro do *ethos* (moradia) é a felicidade, não no sentido moderno, mas no sentido objetivo, como aquele estado de autonomia vivido no nível pessoal e no nível social (*polis*).[...] Este fim a autonomia, realiza-se por intermédio de mediações, tais como hábitos, virtudes e estatutos jurídicos, que são os caminhos concretos da auto-realização pessoal e societária. Cf. BOFF, Leonardo. **Ethos mundial**: um consenso mínimo entre os humanos. Rio de Janeiro: Sextante, 2003, p. 29.

¹³⁷ BOFF, Leonardo. **Ethos mundial**: um consenso mínimo entre os humanos. Rio de Janeiro: Sextante, 2003, p. 29.

¹³⁸ Para Boff, a diferença básica entre a ética e a moral reside no fato de que a ética é parte da Filosofia, enquanto que a Moral é parte da vida concreta. Se por um lado a ética considera concepções de fundo acerca da vida, do universo e do ser humano para estatuir princípios e valores que orientem as pessoas e os grupos humanos, a moral, por outro lado, se funda em nada mais que costumes, hábitos e valores culturalmente estabelecidos. Cf. BOFF, Leonardo. **Ética e Moral**. 2003, p. 36-40.

¹³⁹ Leonardo Boff parte dos dois sentidos originais da palavra *ethos* (na antiga Grécia) para apontar as diferenças entre *ethos* e ética. Os gregos escreviam a palavra de duas formas diferentes, *ethos* com o eta (e longo) significando a morada humana e também caráter, modo ser perfil de uma pessoa; e *ethos* com o épsilon (e curto), significando costumes, usos, hábitos e tradições. Ibidem, p. 36-40.

(razão), como o meio de definir o que é bom e habitável para todos, pois o *logos* deverá compreender e ouvir a natureza.

De forma precisa, Boff diz:

[...] Os gregos vão mais longe. Afirmam que o *logos* humano não está fora e acima da natureza (*physis*); é parte dela, um órgão da própria natureza que capacita captar o que é bom ou ruim para a morada humana. Portanto, a natureza, entendida como a energia originária (*physis*), não se inimiza com o *logos*, mas se expressa por meio dele e com ele.¹⁴⁰

Dessa maneira, vemos que a razão é um prolongamento da natureza no homem, ou melhor, a razão é a inteligência da natureza. Nesse sentido, a sua concepção, se aproxima do “*Dasein*” heideggeriano¹⁴¹, pois esse termo foi criado para dizer que o homem é o único capaz de compreender o ser. Como Boff diz, a natureza encontra expressão no *logos*.

Boff acredita que foi um erro histórico cometido pelos ocidentais em conferir a centralidade ao *logos*, ou o logocentrismo, ou seja, na capacidade intelectual e racional do ser humano. Segundo ele, a mensagem da natureza não é captada apenas pelo *logos*, mas também “por outros órgãos que compõem a capacidade perceptiva do ser humano, como a intuição, a simpatia, a empatia, o *pathos*, ou seja, os sentidos do cuidado para com tudo o que vive e que tem valor”. (BOFF, 2003, p. 31)

Natureza e *logos*, de acordo Boff sintetizam uma união cordial que, apesar de suas diferenças, andam de mãos dadas e prestam serviço à morada humana pessoal e social. Ora, ocorre que natureza e *logos* estão inseridos na história, o que, de acordo Boff, não foi percebido de forma adequada pelos gregos antigos. Como explica Boff:

[...] A história não pode ser freada e engessada. Esta sempre em processo, em mudança, em construção do ainda não ensaiado e instituído. Na história posterior às grandes sínteses da filosofia clássica *logos* e natureza seguiram rumos distintos. Romperam o idílio da integração mútua e da harmonização. Como dois cavalos, começaram a puxar a carruagem em direções diferentes e até contrárias. A natureza desborda do *logos*. [...] Surgiram assim os conflitos das razões e das interpretações

¹⁴⁰ BOFF, Leonardo. **Ethos mundial**: um consenso mínimo entre os humanos. Rio de Janeiro: Sextante, 2003, p. 31.

¹⁴¹ Para Heidegger, *dasein* (do alemão ser-aí) significa realidade humana, ente humano, a quem somente o *dasein* pode abrir-se. Enquanto os outros entes são fechados em seu universo circundante, o homem é, graças à linguagem, *aí onde vem o ser*, ou seja, o *dasein* é o ser existente humano enquanto existência singular e concreta, ou em suas palavras “A essência do *ser aí* reside em sua existência, isto é, no fato de ultrapassar, de transcender, de ser originalmente *ser-no-mundo*”. Cf. JAPIASSÚ, 2006, p. 65.

sobre a natureza e a missão da razão. [...] O próprio ser humano se descobre, perplexo, como *sapiens* e *demens*.¹⁴²

Boff observa que “natureza e *logos* não são grandezas simples e equipotentes. Todo *logos* é natural, mas nem toda a natureza é lógica. Ela pode ser ilógica e até demente”¹⁴³. “As combinações natureza/razão estão sujeitas às variações históricas, às conjunturas e às interpretações no quadro das mais diferentes culturas”. (BOFF, 2003, p.32)

Serão analisados agora os dois projetos éticos que, segundo Boff, se apresentam de forma antagônica em nossa contemporaneidade, os quais podem nos libertar ou nos aprofundar na crise social, política, econômica e ambiental em que a humanidade se encontra.

2.3 Dois projetos éticos da contemporaneidade

Segundo Boff, percebe-se em nossa contemporaneidade, uma profunda dualidade entre dois projetos ou duas cosmologias antagônicas. De um lado está a chamada cosmologia moderna, que Leonardo Boff irá denominar de *Cosmologia da Dominação*¹⁴⁴, caracterizada pelo antropocentrismo fundado numa razão instrumental-analítica de corte mecanicista, determinista, e materialista, e que se apóia em filósofos racionalistas como Descartes, Francis Bacon, etc., os quais enxergam a natureza como objeto de conquista e de dominação do homem.

Boff argumenta, acerca desta *cosmologia da dominação*, que “ela subjaz ainda ao nosso tipo de cultura e ao modo de produção. Ela é a principal causadora da grave crise atual”¹⁴⁵. De outro lado, aparece a cosmologia que, segundo Boff, norteará a “era ecozóica”, qualificada de *cosmologia da transformação*¹⁴⁶ e que colocará a questão ecológica no centro das atenções da humanidade.

¹⁴² BOFF, Leonardo. **Ethos mundial**: um consenso mínimo entre os humanos. Rio de Janeiro: Sextante, 2003, p. 32.

¹⁴³ Edgar Morin em sua obra chega a construir a defesa da natureza demente: “Eu disse que o cosmos é como o homem, *sapiens/demens*. Era o mesmo que dizer que o homem *sapiens/demens* estava próximo do que é genésico e genérico no cosmos”. Cf. MORIN, Edgar. **O método I** – a natureza da natureza. 2 ed. Lisboa: Publicações Europa-américa, 1977, p.337.

¹⁴⁴ Cf. BOFF. **Sustentabilidade**: o que é: o que não é. Petrópolis: RJ. 2012, p. 77.

¹⁴⁵ Ibid., p. 77.

¹⁴⁶ Ibid., p. 77.

De acordo com Boff, essa nova *cosmologia da transformação* ganhou a sua melhor expressão no documento intitulado *Carta da Terra*. Ela se revela, para ele, inspiradora e salvadora¹⁴⁷, atributos que serão melhor explicitados adiante.

Sobre as características dessa cosmologia, Boff diz:

[...] ao invés de dominar a natureza, coloca-nos no seio dela em profunda sintonia e sinergia, aberta a sempre novas transformações. Ela constitui um sistema aberto que sempre pode acolher novas interações e fluxos de energia, ao contrário do sistema fechado que vive como numa casca de noz, fechado em si mesmo e por isso, fora da dialogação universal. [...] O que caracteriza essa nova Cosmologia é o reconhecimento do valor intrínseco de cada ser e não o de sua mera utilização humana, o respeito por toda a vida, a dignidade da natureza e não sua exploração, o cuidado no lugar da dominação, a espiritualidade como um dado da realidade humana, e não apenas expressão de uma religião.¹⁴⁸

Nota-se, então, que a compreensão maior dessa cosmologia se apóia no fato de fornecer subsídios para o enfrentamento das crises pelas quais a Terra e a humanidade estão passando. Paralelamente à confrontação dessas duas formas de pensamento citadas acima, Leonardo Boff argumenta também que:

As mudanças ocorreram, inicialmente, na compreensão da natureza. Os mestres medievais projetaram uma compreensão metafísica da natureza, entendida de forma estática, com leis e diretrizes imutáveis e previsíveis. Posteriormente, esta leitura foi encampada pelo magistério oficial da Igreja católica. A lei natural é interpretado como uma manifestação da lei eterna dentro do mundo natural, pensado como um sistema acabado e fechado.[...] E, seguida, nos tempos modernos mudanças ocorreram na compreensão do *logos*.¹⁴⁹

Assim, na modernidade, o sujeito racional é visto como o portador exclusivo do *logos* e a natureza, que antes era caótica e selvagem, deve ser ordenada, orientada e “civilizada” pela ação humana. A partir disso, a natureza não será mais vista com respeito e veneração. Conforme afirma Boff

[...] antes pelo contrário, como dizia Francis Bacon, um dos pais fundadores do paradigma moderno, ela deve ser submetida à cama de Procusto. Deve ser torturada, à moda do inquisidor, até que entregue todos os seus segredos.¹⁵⁰

¹⁴⁷ Ibid., p. 77.

¹⁴⁸ Ibid., p. 78.

¹⁴⁹ BOFF, Leonardo. **Ethos mundial**: um consenso mínimo entre os humanos. Rio de Janeiro: Sextante, 2003, p. 33.

¹⁵⁰ BOFF, Leonardo. **Ethos mundial**: um consenso mínimo entre os humanos. Rio de Janeiro: Sextante, 2003, p. 33.

Boff aponta aqui críticas a razão instrumental-científica que enxerga a natureza como objeto de uso, consumo e exploração. Ou seja, o homem é o dominador da natureza e aquele que deve usá-la como bem entende.

Nosso autor afirma, também, que as duas tradições modernas que permearam o século XX, seja o sujeito burguês de Hegel, com seu projeto capitalista, seja o sujeito proletário de Marx, com seu projeto socialista, se mostraram insuficientes na questão da elaboração de um *ethos* mundial que permeasse a questão da sustentabilidade ambiental¹⁵¹.

Para Boff, o projeto da burguesia de dominar o mundo pelo saber científico, como vimos parágrafos acima na citação sobre Bacon, e cujo objetivo era o de ampliar o seu poder econômico e militar, foi mais danoso e cruel que o projeto do sujeito proletário, pois esse último visava revolucionar as relações sociais injustas e dissimétricas, a fim de estabelecer uma sociedade de igualdade, de justiça e de fraternidade para todos, a começar pelos marginalizados e excluídos.¹⁵²

Nesse ponto, Boff lança importantes questionamentos sobre estes dois projetos, a saber: “Como o *ethos* burguês e o *ethos* proletário organizam a casa humana?”, “Quem dela cuida melhor para o benefício comum?” e “Quem mais ameaça em sua sustentabilidade ambiental social?”. Boff responde que os frutos falam por si. “O *ethos* da tradição socialista, cujo portador era o proletariado, apresentava-se mais generoso e mais solidário com os oprimidos.” (BOFF, 2003, p.35)

Sobre o *ethos* capitalista diz Boff:

O afã de agilizar todos os meios produtivos na perspectiva de acumulação, seja apropriada privativamente, (capitalismo), seja coletivamente (socialismo), sem, contudo, considerar os recursos limitados da Terra e seu frágil equilíbrio ecológico, transformou os meios produtivos em meios altamente destrutivos da natureza e da biosfera.[...]¹⁵³

¹⁵¹ Em sua obra *Ethos Mundial*, Boff afirma que os projetos que se enfrentaram durante a chamada Guerra Fria, na segunda metade do século (isto é, o chamado socialismo real materializado na coalizão de países liderados pela ex-União Soviética, contra o chamado 1º mundo ou mundo capitalista dominante, materializado na união formada pelos Estados Unidos da América, Japão e certos países do norte da Europa). Embora ambicionassem distintas finalidades, esses não chegaram a se preocupar com a crescente degradação ambiental, ignorando o apelo ecológico. Cf. Boff. **Ethos mundial**. 2003. pp. 33-36.

¹⁵² BOFF, Leonardo. **Ethos mundial**: um consenso mínimo entre os humanos. Rio de Janeiro: Sextante, 2003, p. 34.

¹⁵³ Ibid., p. 35.

Boff considera que essa situação atual “alarmante questiona o projeto da subjetividade moderna do *logos*, pensado a partir dos interesses” da coletividade que se autoexcluem (2003, p.36). Na cultura atual, ficaram fragilizadas as possibilidades integradoras do *logos*. Isso se mostrou principalmente, pelas atitudes extremamente belicistas dos governos (primeira e segunda guerra mundial - Hiroshima, Nagasaki, etc.), atitudes estas perigosamente ameaçadoras ao “futuro da biosfera e da humanidade”. (2003, p.36)

2.4 Natureza e *logos* na ética contemporânea

Em contrapartida, em reação a este *logos* subjetivado, Boff afirma que se observa atualmente um “retorno poderoso à natureza e ao *logos* universal, pensados nos horizontes dos novos conhecimentos acumulados pelas ciências da terra pela ecologia” (2003, p.36). Nesse sentido, Boff afirma que, “na nova cosmologia, a natureza é muito mais do que a *natura* dos medievais e a *natura* dos modernos. Estamos mais próximos do conceito de *physis* dos gregos” (2003, p.36). E nos diz:

[...] Para nós, hoje, a natureza é o conjunto articulado de todas as energias cósmicas em processo de materialização ou desmaterialização; são as infintas probabilidades, irrompendo do vácuo quântico, abertas a concretização; é a complexidade da matéria sempre em interação; é a vida em sua unidade e diversidade de manifestações como processo de auto-organização (*poiesis*) da matéria; é o próprio *logos* universal e cósmico se expressando na história e produzindo cultura, significações e processos de espiritualização.¹⁵⁴

“A natureza, no entendimento contemporâneo, pensa Boff é carregada de subjetividade” [...]. Por isso, o acesso a ela não se faz apenas pelo *logos* e pela razão instrumental-analítica, “mas pelo simbólico¹⁵⁵, pelo “*pathos* - entendido como estrutura da sensibilidade -, pelo cuidado, pelo *eros*, estrutura do desejo, e pela intuição” (2003, p.36-37) .

O ser humano, de acordo com Boff, possui nessa visão de natureza, um lugar singular e desenvolve uma dupla função. Nosso autor diz que, por um lado, o homem “está dentro, é parte da natureza, inserido no imenso processo de evolução natural e cibiotônica. Por outro, está de frente, é um “vis-à-vis” à natureza”. (BOFF, 2003, p.37)

¹⁵⁴ Ibid., p. 36.

¹⁵⁵ “Símbolo” significa, basicamente, figura por meio da qual se designe uma realidade com a consciência de que há, entre esta última e o símbolo utilizado, uma distância que só pode ser transposta por um ato prático, e nunca estritamente teórico. Cf. MORA, José Ferrater. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Loyola, 2001, p. 372.

Segundo Boff (2003, p.37), “por sua consciência e por seu saber técnico, o ser humano intervém na natureza, plasmando-a, mas nem por isso deixa de ser parte da biosfera e geologicamente um objeto bem concreto¹⁵⁶. E por intervir e ser intervindo pela natureza, o ser humano estabelece uma relação dialética com a mãe Terra.

Percebemos elementos que, segundo o nosso autor, irão fundar uma das correntes de ética inspiradora de valor universal: uma ética centrada na dignidade da Terra e de todos os seres vivos. Nessa ótica que passa a ser gestada, denominada por Boff de “era ecozóica”, há um resgate a “uma compreensão mais aberta e abrangente da natureza”, como descrito abaixo:

[...] 1) uma totalidade de sentido nas diversidades que se articulam numa unidade dinâmica; 2) um sentido de direção (seta do tempo), de formas mais altas e ordenadas da vida (estruturas dissipativas da entropia com crescimento de informações e níveis de memória), convergências e fins que criam valores e excelências a serem realizadas na vida pessoal, comunitária e social; 3) encontramos na a natureza a convivência, a adaptação, a tolerância, e a solidariedade entre todos; e por fim; 4) encontramos na a natureza e suas possibilidades de regeneração, utilização ótima de todos os recursos, ausência de dejetos, demonstração de sinergia (a colaboração de todos fazendo com que 2+2 sejam 5) e a manifestação do todo na parte e a inserção da parte no todo. [...] ¹⁵⁷

Paralelamente à ótica de respeito à natureza, defendida por Leonardo Boff, percebemos que, em nosso mundo, ainda ocorre a atomização, a racionalização e a tecnificação dos projetos humanos. Observamos, assim, a necessidade da retomada urgente dessa visão integradora, pois, a partir do pensamento boffiniano, só ela permitirá um modelo ético universal, que leve em conta o homem e a natureza numa relação simbiótica.

Abordar-se-á a seguir as principais correntes que, de acordo Boff, pretendem universalizar e validar o discurso ético.

¹⁵⁶ Alguns cientistas defendem o estabelecimento da inclusão de um novo período geológico, pós-holoceno, denominado de *antropoceno*, a idade dos impactos ambientais provocados pela espécie humana, ou seja, a época em que estamos vivendo. O termo antropoceno vem sendo utilizado por Boff em suas últimas obras, sendo por ele assim definido: “O Antropoceno se caracteriza pela capacidade de destruição do ser humano, acelerando o desaparecimento natural das espécies”. Cf. BOFF. **Sustentabilidade: o que é – o que não é.** Vozes, 2012. p. 21.

¹⁵⁷ BOFF, Leonardo. **Ethos mundial: um consenso mínimo entre os humanos.** Rio de Janeiro: Sextante, 2003, p. 37-38.

2.5 Caminhos e práticas da ecologia

Boff reafirma que a ecologia só se define no centro das relações que ela se articula, em todas as direções, formando uma imensa teia de interdependência, “um grande sistema homeostático, que significa um grande sistema autorregulado” (BOFF, 1995,p.18). O qual segundo Boff, não substitui os conhecimentos particulares com os seus respectivos sistemas de pensamento, com seus métodos e resultados. Nesse sentido, nos diz Boff:

[...] Estas ciências devem continuar a se construir, mas sempre atentas uma às outras, devido à interdependência que os objetos por ela estudados guardam entre si. [...] a singularidade do saber ecológico consiste na transversalidade, quer dizer no relacionar pelos lados (comunidade ecológica), para frente (futuro), para trás (passado) e para dentro (complexidade), todas as experiências e todas as formas de compreensão como complementares e úteis no nosso conhecimento do universo, nossa funcionalidade dentro dele e na solidariedade cósmica que nos une a todos. Deste procedimento resulta o holismo (*holos* em grego significa totalidade). Ele não significa a soma dos saberes ou das várias perspectivas de análise. Isso seria uma quantidade. Ele traduz a captação da totalidade orgânica e aberta da realidade e do saber sobre esta totalidade. Isso representa uma qualidade nova.¹⁵⁸

Destarte, Boff (1995, p.19) pondera que uma questão permanece latente: Se a ecologia abre espaço para a preocupação ética, em que medida cada saber “colabora na salvaguarda da natureza ameaçada?” Em que medida, cada conhecimento incorpora o discurso e a prática ecológica?

O autor constata que a ecologia transformou-se numa crítica radical do modelo de civilização em que vivemos, e por isso, o argumento ecológico é sempre convidado a se posicionar sobre praticamente todas as questões atuais. Nesse contexto, Boff questiona com seria possível a convivência pacífica e íntegra entre os seres humanos e o meio ambiente.

E, para responder tais perguntas, ele propõe seis caminhos¹⁵⁹. O primeiro é da técnica, da “eco-tecnologia”. Sobre ele, Boff afirma que:

[...] esse caminho deve ser aprofundado, pois a técnica que fez sangrar a natureza pode também ajudar a curá-la. Entretanto, ataca apenas as consequências e não desce às causas. Significa amolar os dentes do lobo, mas deixando-lhe a ferocidade. Em outras palavras, de pouco vale criarmos remédios se deixarmos a causa produtora das doenças inatacada. Falta ainda um questionamento básico sobre o tipo

¹⁵⁸ BOFF, Leonardo. **Dignitas Terrae – Ecologia**: grito da Terra, grito dos Pobres. Rio de Janeiro: Ática, 1995, p. 19.

¹⁵⁹ BOFF, Leonardo. **Ecologia, mundialização e espiritualidade**: a emergência de um novo paradigma. São Paulo: Ática, 1993, p. 26-40.

de sociedade que queremos e falta decidir o tipo de desenvolvimento que seja ecologicamente sustentado.¹⁶⁰

Em seguida, ele apresenta o segundo caminho a ser trilhado, aquele que Boff qualifica sistemicamente como o caminho da política¹⁶¹: a “eco-política”. Devido às pressões advindas da nova consciência global pró-sustentabilidade, as quais surgem e se fortalecem nas décadas finais do século XX, de acordo com Boff, a agenda das “políticas desenvolvimentistas passam a contemplar propostas que visam um equilíbrio entre as vantagens do progresso e os enormes custos ecológicos” e ambientais (BOFF, 1993, p. 29).

Dessa maneira, não há propriamente uma renúncia ao paradigma moderno do desenvolvimento ilimitado, “suas contradições internas, suas assimetrias e oposições”, mas toma-se em conta, definitivamente, o argumento ecológico, que se incorpora, então, ao discurso do desenvolvimento.

Como terceiro caminho, Leonardo Boff nos introduz ao chamado caminho da “ecologia social” que, em suas palavras, é assim descrito:

[...] A tarefa da ecologia social é estudar os sistemas sociais em integração com os ecossistemas. A forma como se organiza uma sociedade integra e protege a natureza ou a fere e até destrói? Como os seres humanos satisfazem suas necessidades, de forma solidária, sem produzir tensões e exclusões, respeitando os ciclos naturais e os tempos geológicos? Como se trata a terra, como mercadoria e “recurso natural” a ser explorado, ou realidade a ser respeitada como parte do nosso corpo, trabalhando com ela e nunca contra ela? [...] ¹⁶²

Como quarto caminho é mostrado o chamado caminho da ética¹⁶³: a “ética ecológica”. Para Boff uma nova ordem ética está sendo gestada, a qual deve encontrar outra centralidade e essa precisa, necessariamente, ser “ecocêntrica”, superando o antropocentrismo histórico.

Ela precisa, obrigatoriamente, visar o equilíbrio da comunidade terrestre como um todo, sem quaisquer distinções entre as espécies. Nesse sentido, uma tarefa essencial será refazer a “aliança entre o ser humano e a natureza” - destruída ao longo dos séculos – “e também a

¹⁶⁰ Ibid., p. 27

¹⁶¹ Ibid., p.27

¹⁶² BOFF, Leonardo. **Ecologia, mundialização, espiritualidade**: a emergência de um novo paradigma. São Paulo: Ática, 1993, p.32.

¹⁶³ Ibid., p. 35.

aliança entre as pessoas e entre os distintos povos, para que sejam aliados uns dos outros em fraternidade, justiça e solidariedade”.(BOFF, 1993, p.34)

Para Leonardo Boff, o fruto desta nova “ética ecológica” só pode ser a paz, significando a “harmonia do movimento e também o pleno desabrochar da vida” (Boff, 1993,p.34). Em seguida, nosso autor introduz um quinto caminho, o da “ecologia mental”.

Boff afirma que

[...] A ecologia da mente procura recuperar o núcleo valorativo-emocional do ser humano em face da natureza. Procura desenvolver a capacidade de convivência, de escuta da mensagem que todos os seres lançam por sua presença, por sua relação no todo ambiental, a potencialidade de encantamento com o universo em sua complexidade, majestade e grandeza. Ela procura reforçar as energias psíquicas positivas do ser humano pra poder enfrentar com sucesso o peso da existência e as contradições de nossa cultura dualista, machista e consumista. [...] Sem uma revolução na mente, será impossível uma revolução na relação pessoa/natureza.¹⁶⁴.

O sexto caminho nessa série é descrito por Boff como o do coração: mística cósmica. Nessa visão, “a espiritualidade é vista como atitude que coloca, no centro, a vida. Ela é atitude que defende e promove a exclusivamente vida, contra todos os mecanismos de morte, de diminuição ou estancamento” (BOFF, 1993, p.40) construídos pela humanidade ao longo dos séculos de relação exploratória da natureza.

Para Boff (1993, p.40), “tanto a mística como a espiritualidade partem de outra plataforma”, que não é a do “poder, nem da acumulação, nem do interesse, e nem muito menos da razão instrumental”. Percebemos, então, que nosso autor acena para esses caminhos e praticas da ecologia como instrumentos componentes de uma crítica severa ao paradigma da modernidade.

Tais instrumentos são importantes para o questionamento do paradigma moderno, a fim de que esse seja ultrapassado e incorporado numa totalidade maior, uma vez que a atual crise ecológica desvela, na realidade, uma crise do próprio sentido do caminho fundamental de nosso sistema de vida, de nosso atual modelo de sociedade e de nosso desenvolvimento.

¹⁶⁴ Ibid., p. 39.

Após essa breve abordagem acerca dos principais caminhos e práticas que, de acordo Boff, pretendem universalizar e validar o discurso ético, pretendemos mostrar, no próximo capítulo, a importância da ética do cuidado essencial, na proposta do novo paradigma ecológico do teórico brasileiro em questão.

2.6 A ética do cuidado essencial

Nas sociedades contemporâneas, denominadas de “sociedades do conhecimento e da comunicação”, boa parte da humanidade está conectada nas redes sociais via internet. Entretanto, paradoxalmente, nesse novo cenário, está-se criando, cada vez mais, isolamento e solidão entre as pessoas.

Sobre isso, podemos afirmar que a atual humanidade habita uma espécie de caverna platônica digital. As relações com a realidade concreta, com o toque humano, cada vez mais, se tornam mais raras, são cada vez mais virtuais e, de acordo Boff prejudicam a vida humana.

Segundo Leonardo Boff,

[...] essa antirrealidade afeta a vida humana, naquilo que ela possui de mais fundamental: o cuidado e a compaixão. Mitos antigos e pensadores contemporâneos dos mais profundos nos ensinam que a essência humana não se encontra tanto na inteligência, na liberdade ou na criatividade, mas basicamente no cuidado. O cuidado é na verdade o suporte real da criatividade, da liberdade e da inteligência. No cuidado se encontra o *ethos* fundamental do humano. Quer dizer, no cuidado, identificamos os princípios, os valores e as atitudes que fazem da vida um bem-viver e das ações do reto agir.¹⁶⁵

Nesse contexto, Boff (1999,p.13) afirma que “o cuidado serve de crítica à nossa civilização agonizante e também de princípio inspirador de um novo paradigma de convivialidade.” A partir disso, o nosso filósofo passa, então, a descrever a série de sintomas da crise civilizacional, a qual aparece como fruto do descuido e da falta do cuidado.

Nessa reflexão, em primeiro lugar, Boff (1999,p.18) se recorda das crianças. Ele afirma que há “um descuido e um descaso pela vida inocente de crianças usadas como combustível na

¹⁶⁵ BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1999, pp. 11-12.

produção para o mercado mundial.” O filósofo se remete mais uma vez aos pobres. Segundo ele, há negligência para com o destino dos “marginalizados da humanidade”, “os flagelados pela fome crônica”¹⁶⁶. “Esses mal sobrevivem da tribulação de mil doenças, outrora erradicadas e atualmente retornando com redobrada virulência” (1999, p.18) Boff se recorda também dos desempregados e dos que já não participam do mundo do trabalho, como os idosos e deficientes.

[...] Há um descuido e um descaso imenso pela sorte dos desempregados e aposentados, sobretudo dos milhões de excluídos do processo de produção, tidos como descartáveis e zeros econômicos [...]¹⁶⁷.

Nesse percurso, novamente, Boff (1999,p.18) “demonstra a falta de humanidade da sociedade moderna”, ao recordar-se do descuido e “abandono dos sonhos de generosidade”, caos “agravados pela hegemonia do Neoliberalismo, pelo individualismo e pela exaltação da propriedade privada” sobre todas as coisas; o que permite o menosprezo da longa tradição de solidariedade ainda sobrevivente.

O filósofo ressalta que não se faz quase nada, acerca “dos ideais de liberdade e dignidade para todos os seres humanos” (BOFF, 1999, p. 18-20) e rememora, então, a falta de harmonia nas grandes cidades:

[...] Há um descuido e um abandono crescente da sociabilidade nas cidades. A maioria dos habitantes sentem-se desenraizados culturalmente e alienados socialmente. Predomina-se a sociedade do espetáculo, do simulacro, do entretenimento.¹⁶⁸

Boff (1999, p.19), então, aponta o “descuido para com a dimensão espiritual do ser humano”, ou em outras palavras, pelo *esprit de finesse* (espírito de gentileza) que, no passado, já predominou em algumas culturas; o qual “cultiva a lógica do coração e do enternecimento por tudo o que existe e vive”.

Mais adiante, o autor relembra o desrespeito e a falta de compromisso com a coisa pública e o predomínio da rapinagem do Estado pelos extratos dominantes, denotando confusão no entendimento das funções do Estado como protetor dos mais necessitados.

¹⁶⁶ BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999, p. 18-20.

¹⁶⁷ Ibid., p. 18-20.

¹⁶⁸ Ibid., p. 18-20.

[...] Há um descuido e um descaso pela coisa pública. Organizam-se políticas pobres para os pobres, os investimentos sociais em seguridade alimentar, em saúde, em educação e moradia, são em geral, insuficientes [...]¹⁶⁹.

Em seguida, ele se refere ao “abandono da reverência”¹⁷⁰, segundo ele, “indispensável para o cuidado da vida e de sua fragilidade” em qualquer sociedade. Nosso autor lembra-se, então, do descaso do ser humano para com o planeta que lhe serve de casa e de fonte de vida.

[...] Há um descuido e um descaso na salvaguarda de nossa casa comum, o planeta Terra. Solos são envenenados, ares são contaminados, águas são poluídas, florestas são dizimadas, espécies de seres vivos são exterminados, um manto de injustiça e violência pesa sobre dois terços da humanidade [...]¹⁷¹.

Boff passa, finalmente, a demonstrar a existência de negligências generalizadas “na forma de se organizar a habitação” (BOFF, 1999, p. 18-20):

[...] que é pensada para famílias minúsculas, obrigadas a morar em cômodos pequenos e insalubres. Assim, milhões e milhões são sujeitados a viver em favelas gigantescas, muitas vezes, sem qualquer qualidade de vida; e sem usufruir de direitos básicos, como água tratada ou energia elétrica, sob permanente ameaça de deslizamentos, os quais, quando ocorrem, fazem, milhares de vítimas.[...]¹⁷²

Boff argumenta, então, que, devido a essas situações degradantes, alguns se rebelam. Porém, sozinhos, esses se sentem incapazes de apresentar uma alternativa e perdem a esperança. Outras pessoas mantêm a fé, porém propõem soluções inadequadas aos problemas coletivos.

Segundo o filósofo, o importante é procurar soluções, pensadas de outras fontes, em outras inspirações de futuro para o planeta Terra e para a humanidade. Nesse sentido, Boff diz que

[...] as respostas vão sendo formuladas concretamente pelo conjunto das pessoas que ensaiam praticas significativas em todos os lugares e em todas as situações do mundo atual. Portanto, não há um sujeito histórico único. Muitos são os sujeitos destas mudanças. Elas se orientam por um novo sentido de viver e atuar. Por uma nova percepção da realidade e por uma nova experiência do ser. Elas emergem de um caminho coletivo que se faz caminhando.¹⁷³

¹⁶⁹ Ibid., p. 18-20.

¹⁷⁰ Ibid., p. 18-20.

¹⁷¹ BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999, p. 18-20.

¹⁷² Ibid, p. 18-20.

¹⁷³ BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999, p. 25.

O autor, então, afirma que, apesar das graves agressões e ausência de cuidado para com a humanidade e para com a natureza, “cresce seminalmente um novo paradigma de re-liquação, de re-encantamento pela natureza e de com-paixão pelos que sofrem; inaugura-se uma nova ternura para com a vida e um sentimento autêntico de pertença amorosa à Mãe-Terra [...]”.¹⁷⁴

Esse novo *ethos* somente irá surgir a partir de uma nova ótica que se posiciona contra a falta de cuidado, ao descuido, ao descaso e ao abandono. Tal visão se remete à atitude de preocupação, de responsabilidade e de envolvimento afetivo.

Existe uma tradição de origem latina, sobre o cuidado essencial e de base grega. “Ela ganhou sua expressão literária definitiva, pouco antes de Cristo, em Roma”. (BOFF, 1999, p.45). Esta fábula mito é citada também pelo filósofo Martin Heidegger em sua obra *Ser e tempo*.¹⁷⁵

Leonardo descreve então a “fabula-mito número 220 de Higino (43 a. C.- d.C.), escravo liberto de Cesar Augusto, seu bibliotecário e filósofo”¹⁷⁶. Sobre o cuidado essencial, de forma que se possa compreender e refletir sobre a ética do cuidado:

[...] Certo dia, ao atravessar um rio, Cuidado viu um pedaço de barro. Logo teve uma idéia inspirada. Tomou um pouco de barro e começou a dar-lhe forma. Enquanto contemplava o que havia feito, apareceu Júpiter. Cuidado pediu-lhe que soprasse espírito nele. O que Júpiter fez de bom grado. Quando, porém, Cuidado quis dar um nome à criatura que havia moldado, Júpiter o proibiu. Exigiu que fosse imposto o seu nome. Enquanto Júpiter e o Cuidado discutiam, surgiu, de repente, a Terra. Quis também ela conferir o seu nome à criatura, pois fora feita de barro, material do corpo da terra. Originou-se então uma discussão generalizada. De comum acordo pediram a Saturno que funcionasse como árbitro. Este tomou a seguinte decisão que pareceu justa: Você, Júpiter, deu-lhe o espírito; receberá, pois, de volta este espírito por ocasião da morte dessa criatura. Você, Terra, deu-lhe o corpo; receberá, portanto, também de volta o seu corpo quando essa criatura morrer. Mas como você, Cuidado, foi quem, por primeiro, moldou a criatura, ficará sob seus cuidados enquanto ela viver. E uma vez que, entre vocês, há acalorada discussão acerca do nome, decido eu: esta criatura será chamada Homem, isto é, feita de húmus, que significa terra fértil.¹⁷⁷

¹⁷⁴ Ibid., p. 25-26.

¹⁷⁵ O texto latino é acessível em *ser e tempo*, de Martin Heidegger, vol. I da edição da Vozes de Petrópolis, 1989, p. 263.

¹⁷⁶ BOFF, Leonardo. **Ética e Ecoespiritualidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010, p.34.

¹⁷⁷ BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999, p. 46.

Segundo Boff, o termo “cuidado” abrange diversos significados, do latim pode significar cura ou *coera*, que era utilizado num contexto de relações amistosas. Significa também atitude de cuidado ou desvelo ou preocupação, etc.

O mito se configura com uma forma poderosa de explicar de sentir, de sensibilizar e de conscientizar. Diversos importantes personagens de nossa História fizeram uso dele: Jesus Cristo, Maomé, Buda, o Dalai Lama, Zilda Arns, Dom Helder Câmara, Chico Mendes, entre outros. Como diria Joseph Campbell: “Os sonhos são mitos privados; os mitos são sonhos partilhados”. (BOFF, 1999, p.58)

Leonardo Boff então faz preciosas considerações sobre a ética do cuidado, em que a vida é colocada no centro, para ser partilhada, valorizada, protegida.

O ser humano, nas várias culturas e fases históricas, revelou a segura intuição de pertencer a Terra. Seríamos, assim, filhos e filhas da Terra; seríamos Terra, já que o homem vem de húmus. “Viemos da Terra e voltaremos à Terra”. Assim, a Terra não está a nossa frente como algo distinto de nós mesmos. Ela está dentro de nós. Somos a própria Terra que, na sua evolução, chegou ao estágio de sentimento, de compreensão, de vontade, de responsabilidade e de veneração. Dessa forma, de acordo Boff, somos a Terra no seu momento de autorrealização e de autoconsciência. Sentir-se Terra, é perceber-se de dentro de uma complexa comunidade de filhos e filhas da grande Mãe Terra, nosso lar comum. Ela é o ponto ideal para buscar novas formas de nos relacionar. No entanto, essa nova alternativa pressupõe um redimensionamento do modo de pensamento socioeconômico contemporâneo. Faz-se necessário fazer a passagem do pensamento de “conquista”, que sonha com a prosperidade material a ser conseguida pelo poder-dominação sobre a natureza e os seres humanos, sobre a mulher, sobre os povos e suas riquezas e sobre a exploração da força de trabalho das pessoas, para o pensamento do “cuidado”, em que a vida de Gaia, e de todas demais formas de vida que ela carrega em seu seio, é colocada no centro, para ser partilhada, valorizada, protegida.¹⁷⁸

Após ter delineado o perfil do modo-de-ser do cuidado, Boff (1999) passa a mostrar como se concretiza a ética do cuidado em diferentes momentos, explicitando dez cuidados¹⁷⁹. Em primeiro lugar, ele fala sobre o cuidado com o mundo que habitamos, a Terra:

1. Cuidado com o nosso único planeta: Cuidado todo especial merece nosso planeta Terra. Temos unicamente ele para viver e morar. E um sistema de sistemas e superorganismo de complexo equilíbrio, urdido ao longo de m e milhões de anos. Por causa do assalto predador do processo industrialista dos últimos séculos esse equilíbrio está prestes a romper-se em cadeia [...] O Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), o Fundo Nacional para a Natureza (WWF) e a

¹⁷⁸ BOFF, Leonardo. **Ética e Ecoespiritualidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010, p.54.

¹⁷⁹ BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999, p. 135-140.

União Internacional para a Conservação da Natureza (UICN) elaboraram uma estratégia minuciosa para o futuro da vida sob o título: “Cuidando do Planeta Terra” (Caring for the Earth 1991). Aí estabelecem nove princípios de sustentabilidade da Terra. Projetam uma estratégia global fundada no cuidado:

1. Construir uma sociedade sustentável.
2. Respeitar e cuidar da comunidade dos seres vivos.
3. Melhorar a qualidade da vida humana.
4. Conservar a vitalidade e a diversidade do planeta.
5. Permanecer nos limites da capacidade de suporte Terra.
6. Modificar atitudes e práticas pessoais.
7. Permitir que as comunidades cuidem de seu próprio meio-ambiente
8. Gerar uma estrutura nacional para integrar desenvolvimento e conservação.
9. Constituir uma aliança global.

Estes princípios dão corpo ao cuidado essencial com a Terra. O cuidado essencial é a ética de um planeta sustentável. Bem enfatizava o citado documento Cuidando do Planeta Terra: “a ética de cuidado se aplica tanto a nível internacional como a níveis nacional e individual; nenhuma nação é auto-suficiente; todos lucraremos com a sustentabilidade mundial e todos estarão ameaçados se não conseguirmos atingi-la”. Só essa ética do cuidado essencial poderá salvar-nos do pior. Só ela nos rasgará um horizonte de futuro esperança.¹⁸⁰

O segundo cuidado que Boff apresenta é aquele a que ele se refere como “cuidado com o próprio nicho ecológico” (BOFF, 1999, p.134). Para Leonardo o cuidado com Gaia deve ser incorporado ao nosso modo-de-ser, e da humanidade. Pensando e agindo localmente e globalmente. Numa interação e harmonia com a natureza e seus diversos ecossistemas.

Em seguida, o autor introduz o *terceiro cuidado* dessa série, que pode ser expresso como o cuidado que precisamos ter em acompanhar e monitorar constantemente a relação entre a sociedade dos homens e mulheres e o ecossistema, para que esta relação se mantenha sempre sustentável e harmônica.

Assim se expressa Boff:

[...] 3. Cuidado com a sociedade sustentável: Atualmente, quase todas as sociedades estão enfermas. Produzem má qualidade de vida para todos, seres humanos e demais seres da natureza. E não poderia ser diferente, pois estão assentadas sob modo de ser do trabalho entendido como dominação e exploração da natureza e da força do trabalhador. A exceção de sociedades originárias como aquelas dos indígenas e de outras minorias no sudeste da Ásia, da Oceania e do Ártico, todas são reféns de um tipo de desenvolvimento que apenas atende as necessidades de uma parte da humanidade (os países industrializados), deixando os demais na carência, quando não diretamente na fome e na miséria. Somos espécie que se mostrou capaz de oprimir e massacrar seus próprios irmãos e irmãs da forma mais cruel e sem piedade. Só neste século morreram em guerras, em massacres e em

¹⁸⁰ BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999, p. 135-140.

campos de concentração cerca de 200 milhões de pessoas. E ainda degenera e destrói sua base de recursos naturais não renováveis¹⁸¹.

Boff passa, então, a expor o quarto cuidado essencial, denominado por ele de “cuidado com o outro, animus e anima” (BOFF, 1999, p.139). Segundo o nosso autor, devemos resgatar as dimensões da cordialidade, da fraternidade, da tolerância, do diálogo para com o outro. Pois o rosto que me olha me afeta, e assim, devemos primar por uma ética de solicitude de compreensão para com o outro, observando que as relações de gênero, etnia, credo devem ser vistos não como estranhamento e hostilidade, mas como elementos diferenciados e enriquecedores de nossa cultura. Esta dimensão da ética do cuidado implica também no desmonte ideológico, simbólico e prático do patriarcalismo, do machismo e de outras formas de exclusão e dominação para com o outro.

Leonardo Boff continua a sua explanação sobre a concretização a ética do cuidado em diferentes momentos, ao propor o seu quinto cuidado:

[...] 5. Cuidado com os pobres, oprimidos e excluídos: Um dos maiores desafios lançados à política orientada pela ética e ao modo-de-se-cuidado é indubitavelmente o dos milhões e milhões de pobres, oprimidos e excluídos de nossa sociedade. Esse antifenômeno resulta de formas altamente injustas da organização social hoje mundialmente integrada. Com efeito, graças aos avanços tecnológicos, nas últimas décadas verificou-se um crescimento fantástico na produção de serviços e bens materiais, entretanto, desumanamente distribuídos, fazendo com que 2/3 da humanidade viva em grande pobreza. Nada agride mais o modo-de-ser- cuidado do que a crueldade para com os próprios semelhantes. A libertação dos oprimidos deverá provir deles mesmos, na medida em que se conscientizam da injustiça de sua situação, se organizam entre si e começam com práticas que visam transformar estruturalmente as relações sociais iníquas. A opção pelos pobres contra a sua pobreza e em favor de sua vida e liberdade constituiu e ainda constitui a m registrada dos grupos sociais e das igrejas que se puseram à escuta do grito dos empobrecidos que podem ser tanto os trabalhadores explorados, os indígenas e negros discriminados, quanto as mulheres oprimidas e as minorias marginalizadas, como os portadores do vírus da Aids ou de qualquer outra deficiência. Não são poucos aqueles não sendo oprimidos se fizeram aliados dos oprimidos, para junto com eles e na perspectiva deles empenhar-se por transforma sociais profundas. O compromisso dos oprimidos e de seus aliados por um novo tipo de sociedade, na qual se supera a exploração do ser humano e a espoliação da Terra, revela a força política da dimensão-cuidado¹⁸².

O autor introduz, então, o sexto cuidado, que é definido por ele como o “cuidado com o nosso corpo na saúde e na doença”. Nesse ponto, ele nos explica que o corpo humano é exatamente

¹⁸¹ BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999, p. 135-140

¹⁸² Ibid., p. 135-140

aquela “porção do universo que nós – humanos – animamos, informamos, conscientizamos e personalizamos”. (BOFF, 1999, p. 142 - 145).

Cuidar do nosso corpo na saúde e na doença significa a própria busca por uma vida plena de significação e de realizações, as atividades laborais, as atividades de lazer, a militância social, os encontros e desencontros, as crises existenciais, as felicidades e os dramas da vida. Para o autor, é “somente assim que nos transformamos mais e mais em pessoas amadurecidas, autônomas, sábias e plenamente livres”. (BOFF, 1999, p.142 - 145).

Boff então passa a introduzir o sétimo cuidado da série, que trata especificamente do “cuidado com a cura”. Conforme suas palavras:

7. Cuidado com a cura integral do ser humano: A cura integral do ser humano é tão importante que demanda um prolongamento de nossa reflexão anterior. Nas grandes tradições terapêuticas da humanidade, sempre houve a percepção de que a cura é um processo global, envolvendo a totalidade do ser apenas e não a parte enferma. Reportemos-nos a nossa tradição ligada à figura de Asclépio (dos gregos) ou de Esculápio (dos latinos). Dessa tradição vem o pai da medicina clássica e moderna, Hipócrates (460-377 AC) [...]. Concluindo, cuidar de nossa saúde significa manter nossa visão integral, buscando um equilíbrio sempre por construir entre o corpo, a mente e o espírito e invocar o médico (corpo), o terapeuta (mente) e o sacerdote (o espírito) para trabalharem juntos visando a totalidade do ser Inumano¹⁸³.

O oitavo cuidado tratado por Boff é intitulado de “cuidado com nossa alma, os anjos e os demônios interiores”¹⁸⁴. Boff explica que, de certa maneira, “tudo está guardado dentro da consciência humana, sempre sob a forma da memória que todos carregamos, nos arquétipos, sonhos, visões, símbolos, paixões e emoções que habitam nossa interioridade”. (Boff, 1999, p. 147 - 149).

O autor chega, então, à afirmação de que somos todos portadores de anjos e de demônios”, ou seja, de pensamentos, concepções e ações positivas e negativas, e cabe somente a nós domesticarmos os demônios que existem em nós, para que a dimensão construtiva e fraterna supere as dimensões negativas, do egoísmo, do consumismo desmedido, da ganância, da inveja, etc. De forma a vivenciarmos uma cultura de cooperação e paz.

¹⁸³ BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano** – compaixão pela terra. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999, p. 135-140.

¹⁸⁴ Ibid., p. 135-140.

Em seguida, o autor apresenta o nono cuidado, denominado por ele de “cuidado com o nosso espírito, com os grandes sonhos e Deus”. Sobre esse, Boff expõe:

9. Cuidado com o nosso espírito, os grandes sonhos e Deus: O ser humano-corpo-alma tem uma singularidade: pode sentir-se parte do universo e com ele conectado; pode entender-se como filho e filha da Terra, um ser de interrogações derradeiras, de responsabilidade por seus atos e pelo futuro comum com a Terra. Ele não pode furtar-se a perguntas que lhe surgem ineludivelmente: Quem sou eu? Qual é meu lugar dentro desta miríade de seres? O que significa ser jogado nesse minúsculo planeta Terra? Donde provém o inteiro universo? Quem se esconde atrás do curso das estrelas? O que podemos esperar além da vida e da morte? Por que choramos a morte dos nossos parentes e amigos e a sentimos como um drama sem retorno? [...] O ser humano pode cultivar o espaço do Divino, abrir-se ao diálogo com Deus, confiar a ele o destino da vida e encontrar nele o sentido da morte. Surge então a espiritualidade que dá origem às religiões. Elas expressam o encontro com Deus nos códigos das diferentes culturas. Os sábios de todos os povos sempre pregaram: sem o cultivo desse espaço espiritual, o ser humano se sentirá infeliz e doente e se descobrirá um errante sedento em busca de uma fonte que não encontra em lugar nenhum; mas se acolher o espírito e Aquele que o habita, se encherá de luz, de serenidade e de uma imarcescível felicidade. Cuidar do espírito significa cuidar dos valores que dão rumo à nossa vida e das significações que geram esperança para além de nossa morte. Cuidar do espírito implica colocar os compromissos éticos acima dos interesses pessoais ou coletivos. Cuidar do espírito demanda alimentar a brasa interior da contemplação e da oração para que nunca se apague. Significa especialmente cuidar da espiritualidade experienciando Deus em tudo e permitindo seu permanente nascer e renascer no coração. Então poderemos preparar-nos, com serenidade e jovialidade, para a derradeira travessia e para o grande encontro¹⁸⁵.

Finalmente, encerrando esta joia composta pelos dez cuidados fundamentais, Leonardo Boff, apresenta o décimo cuidado, denominado “cuidado com a grande travessia, a morte”. Utilizando-se dos conhecimentos da física, o autor esclarece que a “entropia se manifesta em todas as partes do Universo, nos sistemas planetários, no planeta Terra, e também no tecido de nossa vida, até consumir todo o nosso capital energético próprio. E é, então, que morremos”. (Boff, 1999, p. 152 -153)

O autor afirma que o sentido que damos à morte é semelhante ao sentido que damos à vida. Por isto, faz-se necessário cultivar na vida preceitos e posturas éticas de convivialidade, hospitalidade e respeito.

A fábula-mito do cuidado faz entender o conhecimento ancestral, pois demonstra ser o cuidado que possibilita subsídios para alcançar a “paz em meio dos conflitos” e demonstra que, na ausência da ética do cuidado – a qual “resgata a dignidade humana condenada a

¹⁸⁵ BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano** – compaixão pela terra. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999, p. 135-140.

exclusão” –, não se configurará um novo modo-de-viver de convivência. (BOFF, 1999, pp. 152 -153) Nesse sentido, percebe-se, que a “ética do cuidado” deixa sua marca registrada em cada parte do ser humano. Na ausência do cuidado, haveria somente o “inumano”.

Conclui-se que, como todas as coisas, o cuidado precisa ser alimentado: de amor, de justiça social em todos os aspectos da vida. Sentimos a falta do cuidado de forma urgente, no contexto da atual crise civilizacional. E o caminho para a solução desta crise gigantesca está no interior do ser humano, ao desenvolver a sua consciência planetária, com as responsabilidades que cada um de nosso sete bilhões de irmãos e irmãs temos com a Mãe Terra.

2.7 Conclusão do Capítulo 2

A partir da análise das percepções boffinianas, entendemos que, apesar dos problemas e crises decorrentes do atual modelo civilizacional baseado no capitalismo liberal, no consumismo e individualismo desenfreados, o qual sobrevive exclusivamente às custas da exploração sistemática e virulenta dos pobres e da natureza, um nova era ecológica está emergindo.

Percebemos a necessidade da ampliação da concepção do termo “ecologia” para as urgentes demandas do século XXI, e nesse sentido o autor em sua recente Obra “As Quatro Ecologias: ambiental, Política e Social, Mental e integral (2012)”¹⁸⁶, aponta novos caminhos e praticas da ecologia. Na ecologia ambiental, segundo Boff para que possamos entender este conceito faz-se necessário superarmos a visão reducionista sobre a ecologia e percebermos uma visão mais integradora, do ambiente por inteiro, com suas especificidades e seus biomas com suas particularidades ímpares, principalmente de que o planeta Terra é um superorganismo vivo (teoria *Gaia*), que se auto-regula desde que a ação antrópica não atrapalhe *Gaia*, que é o que está acontecendo atualmente. A ecologia política e social trata das desigualdades sociais, da importância da sustentabilidade, inclusão e da justiça social. A ecologia mental aborda sobre o nosso preconceito e agressividade com relação à natureza e sobre a importância da consciência planetária para a preservação de todas as espécies. A ecologia integral procura despertar no ser humano a cosmovisão holística e integradora do universo, e que o ser humano deve despertar a sua consciência para a sua missão de cuidar da Terra, a nossa casa comum.

Uma nova civilização, aos poucos, começa a traçar um novo paradigma civilizacional, mais voltado para as dimensões benevolentes da humanidade para com a Mãe-Terra¹⁸⁷ e para com os pobres. O ser humano começa a sentir-se despertado e religado para o mistério que compõe o universo. O momento, segundo Boff, é de unir forças para encontrar soluções.

Necessitamos, de acordo com nosso autor, do surgimento de uma civilização planetária, que priorize os princípios éticos e relações de cuidado para com todo o cosmo. A ética do cuidado

¹⁸⁶ BOFF, Leonardo. **As Quatro Ecologias**: ambiental, Política e Social, Mental e integral. Rio de Janeiro: Mar de Ideias, 2012.

¹⁸⁷ No dia 22 de abril de 2009, a Assembléia Geral da ONU aprovou por unanimidade a Declaração de que a Terra é Mãe. A partir desta Declaração, em todos os documentos oficiais da ONU, deverão constar, para se definir ao nosso planeta as expressões Mãe Terra, ou Pacha Mama (do idioma Quíchua, significando Mãe Terra).

essencial se propõe a resgatar a vida e conceber justiça ampla a todas as vítimas de nossa atual cultura de violência, exclusão, dominação e exploração.

Essa atual situação, então, será superada por uma nova humanidade, comprometida em construir um novo padrão civilizatório. Assim, o “paradigma ecológico” acena para um destino mais nobre do ser humano e do planeta Terra.

Nesse contexto, Boff afirma que o “fenômeno da Globalização e da correspondente consciência planetária dará origem a este novo paradigma civilizacional” (BOFF, 2002, p. 115).

Esse se caracterizará por uma redefinição do modo de se relacionar com a natureza e com os povos, por uma redefinição da subjetividade humana e do trabalho; pois, na medida em que cresce a consciência planetária, cresce também a convicção de que a questão do meio ambiente, da ecologia, está contextualizada em tudo, nas políticas públicas, da indústria, da educação e das políticas internacionais. Devido à exaustão dos recursos não renováveis, a humanidade terá de mudar o seu padrão de comportamento com relação à natureza ou ela irá de encontro a enormes cataclismas. Por esse motivo, a sociedade do século XXI consumirá com mais responsabilidade, constituindo uma nova aliança de respeito e devoção para com a natureza.¹⁸⁸

O desenvolvimento se fará com a natureza e não à custa dela, como foi durante séculos.

Sobre isso Boff nos diz:

Haverá um pacto social mundial entre os povos, baseado em três valores fundamentais que todos assumirão: 1) salvaguardar as condições para que o planeta possa continuar a existir e a coevoluir; 2) garantir o futuro da espécie humana como um todo e as condições de seu ulterior desenvolvimento; 3) preservar a paz perpétua entre os povos como meio para a solução de todos os conflitos que sempre existirão.¹⁸⁹

No próximo capítulo, explicita-se a plataforma comum, considerada por Boff, sobre a qual toda a humanidade possa dialogar, como em uma grande conversação, e se entender na emergência dos problemas sociais, econômicos e ambientais que estão colocados.

¹⁸⁸ BOFF, Leonardo. **Do Iceberg a Arca de Noé**: o nascimento de uma ética planetária. Rio de Janeiro: Garamond, 2002, p. 115.

¹⁸⁹ BOFF, Leonardo. **Do Iceberg a Arca de Noé**: o nascimento de uma ética planetária. Rio de Janeiro: Garamond, 2002, p. 115.

Será explicado ainda porque se faz necessária a criação de um acordo com exigências éticas e morais mínimas, visando uma coexistência pacífica a fim de preservar o nosso planeta e sua rica biodiversidade de forma a garantir um futuro para todos.

Abordar-se-á, também, a sua “verdadeira sustentabilidade” como proposta ética. Será analisada a sua crítica ao sistema capitalista que, segundo o autor, é incompatível com a ecologia e a sustentabilidade, podendo chegar a ser “ecocida” e “biocida”. Será revista a sua proposta alternativa ao sistema capitalista predatório, denominada de “Ecosocialismo”.

E por fim investigar-se-á como a *Carta da Terra* pode ser considerada e sintetizada como o texto inspirador do projeto ético-universal-ecológico de Leonardo Boff, denominado de “novo paradigma ecológico” ou “Cosmologia da Transformação”, e de como esse se apresenta como uma reflexão necessária e até indispensável à convivência entre os seres humanos e a natureza, rumo à defesa da Sustentabilidade e da Grande Mãe Terra.

3 O ETHOS MUNDIAL COMO PROPOSTA ÉTICA

3.1 A Sustentabilidade como proposta ética

Boff afirma que, hoje em dia, um dos substantivos mais usados é a palavra “sustentabilidade”¹⁹⁰. Com algumas exceções, nosso autor afirma que o termo é geralmente empregado para esconder problemas de agressão ambiental, de contaminação química ocorrida em alimentos, e mais frequentemente com objetivo de marketing comercial, de venda e lucro.

Segundo Boff, a maioria dos produtos que são propagados e anunciados como sustentáveis, em algum estágio seu ciclo produção, ele foi submetido à ação de toxinas ou de resíduos não-biodegradáveis e, por isso, geralmente esses produtos não são sustentáveis. Leonardo Boff afirma que a prática que mais acontece é o denominado *greenwash*, ou seja, “colorir de verde” para iludir o consumidor.

Leonardo Boff diz que a sustentabilidade de uma sociedade se mede pela capacidade de inclusão social de todas as pessoas, de forma que todas tenham uma vida decente. Para o filósofo, o conceito de sustentabilidade deve ser holístico. Isso é, possuir uma visão mais integradora. Essa deve ser sistêmica, pois cada parte afeta o todo e vice-versa, “ecocêntrica” e “biocêntrica”.¹⁹¹

Tal é o conceito de sustentabilidade nas palavras do próprio Boff:

Sustentabilidade é toda ação destinada a manter as condições energéticas, informacionais, físico-químicas que sustentam todos os seres, especialmente a Terra viva, a comunidade de vida e a vida humana, visando sua continuidade e ainda atender as necessidades da geração presente e das futuras, de tal forma que o capital natural seja mantido e enriquecido em sua capacidade de regeneração, reprodução e coevolução.¹⁹²

¹⁹⁰ “Termo tirado da biologia e assumido pela ecologia. É a satisfação das necessidades básicas de uma sociedade, sem comprometer o capital natural e as gerações futuras que tem o direito de satisfazer suas necessidades e de herdar um planeta com seus ecossistemas preservados e enriquecidos”. Cf. BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha**: uma metáfora da condição humana. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010, p. 139.

¹⁹¹ “As tendências antropocêntricas defendem a responsabilidade do ser humano para com a natureza (for the nature), enquanto as biocêntricas, deveres diante da natureza (to the nature). Em outras palavras, a natureza titular de direitos. Os biocêntricos referem-se a deveres e direitos, e não apenas indiretos, para com o meio ambiente; são críticos das posições antropocêntricas, postulando um valor intrínseco para a natureza e rejeitando uma diferença de tratamento entre humanos e não humanos.” Cf. JUNGUES, José Roque. **Ética ambiental**. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2004. p. 23.

¹⁹² BOFF, Leonardo. **Sustentabilidade**: o que é – o que não é. Petrópolis, RJ: Vozes. 2012, p. 107.

Nessa trajetória, o autor irá explicar, brevemente então, as principais características desta visão holística e includente concepção de sustentabilidade. Abordará “todas as condições necessárias para o surgimento dos seres”. E “esses só existem a partir da conjugação das energias, dos elementos físico-químicos e informacionais que combinados entre si e “dão origem a tudo.”¹⁹³

Em segundo lugar, sustentar significa, para Boff, superar de forma contundente o antropocentrismo, pois todas as formas de vida, merecem e devem continuar a viver, de forma a revelar significados que o universo que através das diversas formas de vida, nos comunicar.

Em terceiro lugar, sustentabilidade significa para Boff

[...] sustentar especialmente a Terra viva. Acolhermos o que a ciência da vida e da terra nos tem revelado de forma inequívoca: a Terra é mais que o terceiro planeta do sistema solar e um meio de produção. Ela não produz apenas vida sobre o seu espaço. Ela mesma é vida, autorregula-se, sofre, regenera-se e evolui. Se não garantirmos a sustentabilidade da Terra viva, chamada também de Gaia, tiramos a base para todas as demais formas de sustentabilidade. É fundamental garantirmos a integridade e a vitalidade da Mãe Terra e de nossos deveres para com ela.¹⁹⁴

Em quarto lugar, nos diz Boff (2012, p.108) “que devemos sustentar, da mesma forma, a comunidade de vida, pois não existe meio ambiente secundário e periférico em nossas vidas. Nós não apenas existimos como também interexistimos”. Ou seja, somos interdependentes como uma teia de vida. Todos nós, seres humanos e demais formas de vida, temos o mesmo alfabeto genético. E é essa comunidade de vida que forma a grande biodiversidade, bem como os biomas necessários para a vida na Terra. Se não cuidarmos disso, a Biodiversidade não persistirá.

Em quinto lugar, pensa Boff que a

[...] somos um elo singular da rede da vida, o ser mais complexo, conhecido em nosso sistema e a ponta avançada do processo evolutivo por nós conhecido, pois somos portadores de consciência, de sensibilidade, de inteligência, e de amor, qualidades supremas produzidas pelo processo de evolução. Sentimos que somos chamados a cuidar e guardar a Mãe Terra, garantir a sustentabilidade da vida humana é garantir a continuidade da civilização e colocar sob vigilância também nossa capacidade destrutiva da natureza e de nós mesmos.¹⁹⁵

¹⁹³ Ibid., p. 107

¹⁹⁴ BOFF, Leonardo. **Sustentabilidade**: o que é – o que não é. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 108.

¹⁹⁵ Ibid., p. 108-109.

Em sexto lugar, Boff afirma que a sustentabilidade tem por objetivo manter a sequência do processo evolutivo de todos os seres. Ou seja, o universo possui um *telos* em si mesmo, que diz respeito à ação de continuar a existir, se expandindo e se recriando. Em seguida, nosso autor defende a sustentabilidade no atendimento das necessidades humanas, utilizando sabiamente da biodiversidade que a Terra e o Cosmos nos oferecem. Nesse contexto, ele explica que sem a contemplação de nossas necessidades materiais, como as alimentares, por exemplo, a humanidade se extinguiria.

Em oitavo lugar, Boff defende a sustentabilidade de nossa geração e das que seguirão a nossa. Ele faz isso, quando nos diz que

[...] a Terra é suficiente para cada geração desde que se estabeleça uma relação de sinergia e de cooperação com a Terra e distribua os bens e serviços com equidade. O uso desses bens deve se reger pela solidariedade generacional. As futuras gerações têm o direito de herdarem uma Terra preservada e uma natureza dotada de bens capazes de satisfazerem as demandas de nossos descendentes.¹⁹⁶

Em seguida, Boff afirma em nono lugar que sustentabilidade envolve também a comunidade vivente dentro da qual habita o ser humano, ou seja, os micro-organismos, os biomas e tudo que dá forma ao mundo, até as paisagens.

Em décimo lugar, sobre sustentabilidade, Leonardo Boff afirma que:

[...] a sustentabilidade se mede pela capacidade de conservar o capital natural, permitir que se recupere, refaça e, ainda, por meio da inteligência humana, possa ser melhorada para entregarmos às gerações futuras não uma Terra depauperada, mas enriquecida e ainda aberta a coevoluir, já que vem evoluindo há milhões e milhões de anos.¹⁹⁷

Após essa breve exposição sobre sustentabilidade, o autor conclui, afirmando que esse conceito amplo e integrador deve servir como medida de avaliação, para sabermos se estamos progredindo ou não rumo à almejada sustentabilidade. Ele deve nos servir também para a realização harmônica com a natureza nos diversos âmbitos da atividade humana.

Por fim, com intento de criticar o paradigma vigente, ou seja, o paradigma moderno, no qual predomina o antropocentrismo e a razão instrumental ainda hegemônico, Leonardo Boff,

¹⁹⁶ BOFF, Leonardo. **Sustentabilidade:** o que é – o que não é. Petrópolis, RJ: Vozes. 2012, p. 109.
¹⁹⁷ Ibid., p. 109.

propõe, a título comparativo, citar um conceito de sustentabilidade ligado ao referido paradigma vigente, sem considerar a contribuição da “nova cosmologia” ou do “paradigma da transformação”, para o qual nosso autor advoga.

Boff, então, cita o conceito de sustentabilidade do economista e pós-doutor em administração Christian Luiz da Silva:

[...] Pode-se conceituar o desenvolvimento sustentável com um processo de transformação que ocorre de forma harmoniosa nas dimensões espacial, social, ambiental, cultural e econômica a partir do individual ao global; estas dimensões são inter-relacionadas por meio de instituições que estabelecem as regras de interações e que também influenciam no comportamento da sociedade local.¹⁹⁸

Percebe-se que apesar de serem sensatas, as ponderações do economista Christian Luiz da Silva, possuem atualmente limitações. Pois a despeito dos esforços de diversas instituições governamentais e não governamentais em estabelecer regras que estimulem a sustentabilidade no comportamento da sociedade. Percebemos que estes esforços ainda não são suficientes para que tal conceito se estabeleça harmoniosamente. É possível que seja necessário um conjunto de medidas para que tal fato se estabeleça, ou seja, paralelo ao estímulo às políticas ecológicas e sustentáveis, talvez seja importante a adoção massiva de campanhas educativas de conscientização ressaltando a extrema importância da sustentabilidade, especialmente entre as novas gerações.

Após as explicitações sobre o conceito do que seria a verdadeira sustentabilidade ético-ambiental para Leonardo Boff, abordar-se-ão as críticas que nosso autor tece ao atual sistema econômico-social-cultural que impera em nosso planeta e que, segundo ele, destrói de forma absoluta o meio ambiente, sendo por isso incompatível com a concepção de uma ética ecológica que priorize a sustentabilidade.

3.2 A crítica ao sistema capitalista como antítese da ecologia e como proposta ética

Leonardo Boff coloca a questão sobre que atitudes devem os povos tomar, quando a crise social, econômica e ambiental, como a que estamos vivendo, se transforma em sistêmica,

¹⁹⁸ Ibid., p. 110.

atingindo todas as áreas. Ele pondera que o atual sistema econômico, construído desde os primórdios da modernidade, baseado na apologia do “eu”, em sua conquista desenfreada do mundo, objetivando a acumulação irracional e infinita de riquezas, por parte de uma minoria, não pode mais continuar.

Diz Boff que

[...] hoje percebemos claramente que não podemos crescer indefinidamente, porque a Terra não suporta mais nem há demanda suficiente. Esse modelo não deu certo, pelas perversidades sociais e ambientais que produziu. Por isso é intolerável que nos seja imposto como única forma de produzir, como ainda querem os membros do G-20. [...] A situação emerge mais grave ainda quando esse sistema vem sendo apontado como principal causador da crise ambiental generalizada, culminando com o aquecimento global. A perpetuação desse paradigma de produção e de consumo pode, no limite, comprometer o futuro da biosfera e a existência da espécie humana sobre o planeta.¹⁹⁹

Assim, o capitalismo, segundo Boff, constitui-se numa cultura e num modo de produção que destruiu o sentido originário de economia concebida desde os clássicos gregos até o início do século XVIII. Originalmente, “economia”, “significava a técnica ou a arte de satisfazer as demandas do *oikos*”, ou seja, “casa”, da cidade, do país ou do Planeta Terra. (BOFF, 2010, p.231)

De acordo Boff, com a implantação progressiva do capitalismo, a partir do século XVIII, muda-se radicalmente a natureza, a economia, que se transforma numa brutal forma de concentrar a riqueza por sim mesma, de forma cada vez mais egoísta, desvinculada do *oikos*, ou seja, da casa da morada humana coletiva. E nesse processo acumulativo vai se destruindo a casa (*oikos*), numa (anti) lógica desenfreada em todas as suas modalidades.

O filósofo continua a sua crítica ao sistema capitalista, afirmando ser esse, incompatível com o ambientalismo e a sustentabilidade:

[...] A lógica do capital é esta: produzir acumulação mediante a exploração. Primeiro a exploração da força de trabalho das pessoas, em seguida a dominação das classes, depois o submetimento dos povos e por fim a pilhagem da natureza. Funciona aqui uma única lógica linear e férrea que a tudo envolve e que hoje ganhou uma dimensão planetária. [...] Uma análise mesmo superficial da ecologia e do capitalismo identifica uma contradição básica: onde impera a prática capitalista se envia ao exílio ou ao limbo a preocupação ecológica. Ecologia e capitalismo se negam frontalmente. Não há acordo possível. Se apesar disso, a lógica do capital assume o discurso ecológico, ou é para fazer ganhos com ele ou para vaporizá-lo e assim, esvaziá-lo ou simplesmente para impossibilitá-lo e, portanto destruí-lo. O

¹⁹⁹ BOFF, Leonardo. **Cuidar da Terra, proteger a vida: como evitar o fim do mundo**. Rio de Janeiro: Record, 2010, p. 229.

capitalismo não apenas quer dominar natureza. Quer mais, com as tecnologias mais avançadas de exploração, visa a arrancar tudo dela. Portanto, se propõe depredá-la em função do seu propósito básico de acumulação e enriquecimento privado.²⁰⁰

Boff afirma, então, que a exploração sistemática do processo industrial capitalista, contra a natureza e contra a humanidade, atualmente se dá de forma tão perversa, que torna este sistema econômico incompatível com a vida. Ponderando que a existência do *homo sapiens demens* está posta em risco, Boff nos coloca então a seguinte questão, ou o capitalismo triunfa ocupando todos os espaços e destruindo a ecologia, colocando em risco o sistema Mãe Terra; ou pelo contrário, a ecologia ocupa todos os espaços e destrói o capitalismo, ou o submete a transformações e reconversões para que ele mude o seu caráter destruidor, e não possa mais ser reconhecido como tal.

Leonardo enfatiza o caráter ideológico-cultural do capitalismo, afirmando que, sem esse, o capitalismo não sobreviveria. Boff diz:

A cultura capitalista exalta o valor do indivíduo, garante a ele a apropriação privada da riqueza, feita pelo trabalho de todos, coloca como mola mestra de seu dinamismo a concorrência de todos contra todos, visa maximalizar os ganhos com o mínimo de investimento possível, procura transformar tudo em mercadoria, desde a mística e o sexo, até o lazer, para ter sempre benefícios, e ainda instaura o mercado, hoje mundializado, como mecanismo articulador de todos os produtos e de todos os recursos produtivos.²⁰¹

O autor pondera que o sistema capitalista é incompatível com os princípios e os valores ético-morais de solidariedade, respeito às alteridades e compaixão. Afirma, ironicamente, que quem procurar tais valores na cultura do capital, provavelmente, errou de endereço. Como diz o próprio mega especulador financeiro capitalista internacional, o magnata bilionário Geoge Soros “o capitalismo ameaça todos os valores societários e democráticos, pondo em risco o futuro das sociedades humanas, que exige solução urgente para não irmos de encontro ao pior”²⁰²

Destarte, Boff enfatiza suas críticas ao sistema capitalista:

[...] Queremos mostrar como o capitalismo, como modo de produção e como cultura invibializa a ecologia, tanto a ambiental, quanto a social. Deixando a lógica de sua voracidade, pode cometer o crime de ecocídio, biocídio e no limite, do geocídio.

²⁰⁰ Ibid., p. 232

²⁰¹ Ibid., p. 233

²⁰² SOROS, G. **A crise do capitalismo**. Rio de janeiro: campus, 1999, pp. 262-269. Cf. também: BOFF, Leonardo. **Cuidar da Terra, proteger a vida: como evitar o fim do mundo**. Rio de Janeiro: Record, 2010., p. 233.

Razão suficiente para os humanos que amam a vida e que querem deixar para seus filhos e netos uma casa comum habitável se oporem sistematicamente a suas pretensões.²⁰³

Leonardo Boff afirma que o tempo atual se assemelha em muito às épocas de grande corte no processo da evolução, caracterizadas por grandes extinções em massa. Segundo o filósofo, a humanidade encontra-se em uma situação inédita, pois deverá escolher entre a própria sobrevivência ou a sua autodestruição.

Boff afirma que

[...] o risco não vem de alguma ameaça cósmica, mas da própria atividade humana. Pela primeira vez no processo conhecido de hominização, o ser humano se deu os primeiros instrumentos de sua própria destruição. Criou-se o princípio de autodestruição que tem no princípio da responsabilidade a sua contrapartida. De agora em diante, a existência da biosfera estará a mercê da decisão humana.²⁰⁴

Os indícios destas catástrofes ambientais já podem ser sentidos e são alarmantes, segundo Boff. As evidências deixam transparecer pouco tempo para as mudanças necessárias. Estudos e análises otimistas estabelecem uma data limite, 2030-2034²⁰⁵, para que a humanidade tome medidas para se contrapor à destruição da Terra. Boff (2010, p. 234) afirma que “a partir daí, caso não se tomem medidas urgentes e eficazes, a sustentabilidade do sistema Terra não estará mais garantida”.

Nosso autor observa que a atual humanidade, necessita, urgentemente, de sabedoria para priorizar atitudes concertadas que objetivem a sustentabilidade da Terra como planeta. Segundo Boff (2010, p.234), são quatro os “nós problemáticos, criados pelo sistema capitalista, que devem ser desatados”: o nó da “exaustão dos recursos naturais”; o da “sustentabilidade da Terra”; o do “aquecimento global”, e o “da injustiça social mundial”.

Com relação ao nó da “exaustão dos recursos naturais”; Boff afirma, categoricamente:

A partir de 1972 a desertificação do mundo cresceu igual ao tamanho de todas as terras cultivadas da China e da Nigéria juntas. Perderam-se 480 milhões de toneladas de terra fértil, o equivalente as terras agricultáveis da Índia e da França e combinadas. Das terras cultiváveis, 65% já não o são. [...] Metade das florestas existentes no mundo em 1950 foi abatida. Somente nos últimos 30 anos foram

²⁰³ Ibid., p. 233

²⁰⁴ Ibid., p. 234.

²⁰⁵ Ibid., p. 234.

derrubados 600 milhões km² da floresta amazônica brasileira, o equivalente à Alemanha ou a duas vezes a República Democrática do Congo. [...] Os Imensos reservatórios de água, formados ao longo de milhões e milhões de anos, foram, no século passado, sistematicamente bombeados e estão próximos da exaustão. Nos inícios do próximo milênio, a água potável será um dos recursos naturais mais escassos. Far-se-ão guerras para se garantir o acesso as fontes de água potável. [...] O petróleo e o carvão, formados ao longo de 100 milhões de anos e depositados nas profundezas da Terra, ter-se-ão exaurido nos meados deste século. Tanto a água quanto o carbono foram sepultados cuidadosamente pela Terra para estabilizar o seu clima. Agora foram trazidos à tona e devolvidos ao espaço com desequilíbrios que ainda não podemos medir. Por volta de 2030, o cobre, a bauxita, o zinco, o fosfato e o cromato ter-se-ão extinguido quase que totalmente.²⁰⁶

Com relação ao problema do “nó da exaustão” dos recursos naturais, Boff conclui afirmando que a Terra é desrespeitada, de todas as formas, em sua alteridade e em sua autonomia, e principalmente no desrespeito à sua sacralidade. De acordo com nosso autor, a humanidade, ao longo dos séculos, sempre entendeu a Terra como nossa Grande Mãe viva e que, somente nos últimos séculos. Segundo Boff (2010, p.236), incorporou-se, dentro da cultura do sistema capitalista pilhador, a visão do planeta Terra “como algo inerte e desarticulado de solos (continentes) e água (oceanos, mares, lagos e rios)”.

Sobre o “nó da sustentabilidade” da Terra, Leonardo Boff (2010, p.236) nos diz que “as chuvas ácidas destroem lagos e fazem desaparecer florestas”. Afirma que dejetos químicos contaminam a água potável, os mares e os solos, os alimentos, afetando a cadeia alimentar dos seres vivos de hoje, e das gerações futuras. O autor, ainda, se preocupa com o lixo nuclear, o qual é especialmente perigoso, visto que, essas substâncias continuarão radioativas nos próximos 100 mil anos.

Sobre o arsenal de armas nucleares, Boff afirma que esse está estimado em mais de 60 mil e que esses ameaçam seriamente a sustentabilidade e a existência da vida humana. Somam-se a todos estes problemas, a grave questão que representa a destruição da camada de ozônio provocada pelos clorofluorcarbonetos (CFC), camada situada entre 30 a 50 km da atmosfera terrestre e que funciona como um escudo contra as irradiações ultravioletas, “que são letais para todos os organismos vivos”. (BOFF, 2010, p. 236)

Essas irradiações ultravioletas provocam, segundo Boff baseando-se em estudos científicos, câncer de pele, catarata, debilitamento do sistema imunológico, distorções do ADN,

²⁰⁶ Ibid., p. 235.

malefícios à agricultura e à fotossíntese; que é responsável pela cadeia alimentar de todo o planeta Terra.

Ao abordar o terceiro “nó do aquecimento global”, percebe-se que Leonardo Boff é bastante enfático:

[...] A Partir de 2 de fevereiro de 2007, soubemos oficialmente que o aquecimento global estava instalado na Terra. Já não podemos evitá-lo, pois ele criou uma irreversibilidade na história da Terra. O que podemos fazer é adaptar-nos a essas mudanças e mitigar os seus efeitos daninhos. Ocorre que um grande número de espécies de seres vivos necessita de tempo para adaptar-se, caso contrário desaparece. É o que está acontecendo em muitas regiões da Terra onde o clima se alterou para cima. Até espécies de árvores estão migrando para regiões mais frias, como esta se verificando na região andina. Toda a luta coletiva é retardar o mais possível o aquecimento que vai ocorrer inevitavelmente pela acumulação já feita pelo dióxido de carbono, de metano e outros gases de efeito estufa, para que não passe de 2 ° C. Já nesse nível, haverá transtornos climáticos consideráveis, como o crescimento da desertificação, o desaparecimento da biodiversidade, a escassez de água potável e a inabitabilidade de varias regiões do planeta, provocando perigosas migrações. O numero de refugiados climáticos pode subir a milhões, pressionando a fronteira de muitos países e criando problemas de toda ordem, sem perspectivas de solução a curto e a médio prazos. Sérios centros de pesquisa que acompanham a situação da Terra sugerem que, se não tomarmos agora, medidas coletivas e profundas para estabilizar a emissão de gases produtores de aquecimento, esse poderá, pelos meados do século, alcançar 3 ° C e, no fim, 4 ° C. Nesse nível de temperatura, nenhuma vida agora conhecida subsistiria, inclusive a vida humana.²⁰⁷

Devido aos graves problemas citados acima, o autor afirma que a falta de sensatez do sistema capitalista pode conduzir a humanidade a um suicídio coletivo. Porém isso não significa que o planeta Terra deixara de existir. Segundo Boff, nosso planeta continuará existindo com suas bactérias e micro-organismos, dando sequencia à sua evolução. Só que sem a espécie humana.

O “nó da injustiça social”, provocado pelo sistema capitalista, é, segundo Boff, um dos grandes empecilhos à sustentabilidade da Terra, pois, segundo nosso autor, não é justo manter um bilhão de pessoas na extrema pobreza. Muito pelo contrário, é injusto e perverso permitir que pereçam, todo ano, 400 milhões de seres humanos adultos de fome e 14 milhões de crianças abaixo de cinco anos de vida.

Assim, essas contundentes críticas à incompatibilidade entre ética, sustentabilidade e capitalismo, no “nó das injustiças sociais”, são nas próprias palavras do próprio Boff:

²⁰⁷ BOFF, Leonardo. **Cuidar da Terra, proteger a vida:** como evitar o fim do mundo. Rio de Janeiro: Record, 2010, p. 238-239.

[...] Esse cataclismo social não é inocente nem natural, É resultado direto de uma forma de organização econômica, política e social que privilegia uns poucos à custa da exploração e da miséria das maiorias. Projetou-se um tipo de desenvolvimento sem medir as consequências sobre a natureza e sobre as relações sociais. Ele é altamente predatório e iníquo. Por isso constitui uma armadilha do sistema capitalista o assim chamado desenvolvimento sustentável. [...]. O desenvolvimento capitalista na verdade, deveríamos dizer, crescimento, apresenta-se profundamente desigual. Por uma lado cria acumulação apropriada por uns poucos a custa da exploração e do prejuízo das grandes maiorias. Esse crescimento pretende ser linear e sempre crescente. [...] O desenvolvimento sustentável não encontra realização dentro do quadro da economia capitalista. Esta requer o aumento crescente da riqueza, enquanto a sustentabilidade visa a equidade e o equilíbrio com a natureza.

208

E o autor conclui a sua crítica sobre a incompatibilidade do capitalismo com a preservação ambiental e com a sustentabilidade, afirmando que tal sistema não é uma categoria que estabeleça interesses da produção humana com a produção ecológica. Pelo contrario, ele nega os valores humanos e ambientais e os destrói. Boff também argumenta sobre o fato do sistema capitalista ter sido, no passado, suicida, homicida e etnocida; e questiona se esse será, no futuro, “geocida”. Leonardo Boff pondera, então, sobre uma alternativa à incompatibilidade entre o capitalismo e a ética ecológica.

3.3 O ecossocialismo como alternativa ao capitalismo e como proposta ética

Após a apresentação desses problemas intrinsecamente ligados ao capitalismo, Boff salienta que o modo de produção de tal sistema é dominante no mundo globalizado. E que se esse sistema for levado às ultimas consequências, Gaia e todas as formas de vida poderão ser destruídas ou feridas gravemente. Boff afirma que tal fato implica em pensar uma alternativa ao capitalismo biocida e potencialmente ecocida.

Leonardo Boff (2010, p. 265) argumenta, então, que faz se necessário o ressurgimento do “socialismo como projeto político, ético e ecológico capaz de salvar a Terra”. Entretanto, não se trata de um socialismo utópico, que seria realizado num futuro imprevisível, mas de uma proposta a ser pensada e realizada nesse momento da história”, a fim de que a humanidade e Gaia possam sair do impasse colocado pelo capitalismo.

208

Ibid., p. 240.

Boff critica a experiência do socialismo real da ex-União Soviética que não deu a devida preocupação às questões ambientais. Porém, ele argumenta que, nos princípios originais do socialismo, como concebeu Karl Marx²⁰⁹, também não existia uma proposta antiecológica, e que já havia uma proposta de comunhão entre os seres humanos.

Nas palavras de Boff:

[...] É verdade que Marx não incluiu o momento ecológico em suas análises, porque não detinha ainda a consciência possível e em sua época dava-se por descontada a suportabilidade ilimitada e capacidade permanente de regeneração do sistema-Terra. Mas os ideais socialistas anunciavam uma reconciliação do ser humano consigo mesmo, com o outro, e com a natureza. As forças produtivas, em si mesmas, não seriam destrutivas. Estariam a serviço da igualdade e justiça para todos. Mesmo assim, o balanço do socialismo real em termos ecológicos é negativo. Mas sobrou a proposta de uma relação integradora do ser humano com a natureza. O socialismo, em sentido ético e político, é apenas acidentalmente antiecológico. Entre socialismo originário e ecologia há uma verdadeira afinidade, e não incompatibilidade, pois ambos se baseiam na inclusão e na superação de todo o tipo de exploração. O mesmo não se poderá dizer do capitalismo. Ele é essencialmente antiecológico, porque o seu propósito é usar a natureza e explorar a força de trabalho humana para acumular riqueza, no menor tempo possível, com um investimento o menor possível e com uma capacidade de competição a maior possível. Ele transformou tudo em mercadoria, os bens da natureza, os órgãos humanos, criou até o ‘mercado dos direitos de poluir’. Se um país não atingir a cota de poluição a que ‘tem direito’ (na verdade, ninguém tem esse direito), ele pode vendê-lo a um outro. Como fazer direito com algo que, em si, é perverso e contra a natureza? Mas isso está na lógica do capitalismo. Marx, em o *Capital*, intuiu que a tendência do capitalismo é destruir os dois galhos que a sustentam: o trabalho humano, substituído pela máquina, e a natureza, exaurindo-a totalmente. Por isso, previa um fim trágico do capitalismo. Hoje estamos vendo a verdade da previsão de Marx.²¹⁰

E, após essas considerações, Leonardo Boff, irá propor uma alternativa ao modelo antiético ambiental do capitalismo vigente. O autor propõe então o “ecossocialismo”, inspirado nas teorias do franco-brasileiro Michael Löwy²¹¹, como alternativa ao capitalismo predatório.

²⁰⁹ Karl Marx (1818–1883) foi um economista e filósofo alemão. Conhecido por ter elaborado a idéia do materialismo histórico e a teoria da luta de classes, criou a doutrina comunista. Sua teoria é influente na sociologia, política, economia, psicologia e Direito. O pensamento de Karl Marx mudou radicalmente a história política da humanidade. Inspirada em suas ideias, boa parte da população do mundo empreendeu a revolução socialista, na intenção de coletivizar as riquezas e distribuir justiça social. No seu livro o *capital*, Marx desenvolveu a teoria da mais valia, que era o valor do capital referente ao lucro do capitalista. Outras obras importantes de Karl Marx são *Teses sobre Feuerbach* (1845), *Ideologia alemã* (1846), *18 de Brumário de Luís Bonaparte* (1852). As teorias de Marx influenciaram a Revolução Russa de 1917, teóricos e políticos como Lênin, Trotski, Stalin, Mao Tsé-Tung, Fidel Castro, etc. Assim, sua doutrina esteve presente em vários países, como a extinta URSS, a China e Cuba.

²¹⁰ BOFF, Leonardo. **Cuidar da Terra, proteger a vida**: como evitar o fim do mundo. Rio de Janeiro: Record, 2010, p. 264-265.

²¹¹ O Manifesto Ecossocialista foi lançado por Michel Löwy e outros autores, em 2001, na França. Michael Löwy (São Paulo, 6 de maio de 1938) é um pensador marxista brasileiro radicado na França, onde trabalha como diretor de pesquisas do Centre National de la Recherche Scientifique. É um relevante estudioso do marxismo, com pesquisas sobre as obras de Karl Marx, Leon Trótski, Rosa Luxemburgo, Georg Lukács, Lucien Goldmann e Walter Benjamin. Michel Löwy é autor de **Ecologia e socialismo** (2006), além de outras obras. Cf.: PEREIRA, Maurício Tavares. **A Cosmologia da Transformação**: Ética, Ecologia e Sustentabilidade em

Tal é a sua proposta de ecosocialismo:

[...] Como será esse ecosocialismo? Em primeiro lugar, importa deixar claro qual é a nossa intuição básica do socialismo. É colocar a sociedade e o “nós” no centro das preocupações humanas, e não o indivíduo e o eu. Isso significa que o projeto econômico deve estar a serviço do projeto social e do projeto ecológico de sustentação de toda a vida. A economia deve se submeter à política e a política à ética da solidariedade e da participação do maior número possível de pessoas. Entendido assim, o socialismo representa a realização radical da democracia. Nessa democracia, a sociedade como um todo e não as elites, se faz sujeito da ação política. É uma democracia sem fim, como expressou o pensador português Boaventura de Souza Santos, democracia participativa e não apenas representativa e delegatícia, democracia vivida na família, na comunidade, nas organizações sociais e na montagem do Estado. Por trás do ideal democrático está a ideia ancestral: tudo o que interessa a todos deve poder ser discutido por todos. Portanto, democracia tem a ver com a participação ativa de todos pelos caminhos diversos.²¹²

Destarte, Boff afirma que a democracia deve se realizar, principalmente, no processo produtivo, entrando inclusive dentro das fábricas, de forma a se contrapor à ditadura que reina por parte dos proprietários dos meios de produção. Fazendo, assim, que os trabalhadores deixem de ser meros produtores alienados e passem a tomar consciência do que é produzido. E, com isso, passem a dialogar e organizar a produção em função das necessidades sociais e das exigências do meio ambiente.

Boff, citando Michel Lowy, afirma que ecosocialismo é

uma sociedade ecologicamente racional, fundada no controle democrático, na igualdade social e na predominância do valor de uso, tal sociedade supõe a propriedade coletiva dos meios de produção, um planejamento democrático que permita à sociedade definir os objetivos da produção e os investimentos e uma nova estrutura tecnológica das forças produtivas.²¹³

Segundo Boff (2010, p.267), Walter Benjamin²¹⁴ “enriqueceu o marxismo com um pensamento humanístico, a partir das vítimas e da sociedade integrada na natureza”,

Leonardo Boff. VIII Simpósio Nacional Filosófico Teológico da FAJE/BH ocorrido em novembro de 2012. Disponível em: <http://www.faculdadejesuita.edu.br/eventos/documentos/14101222309-Texto%20completo%20para%20o%20VIII%20simp%C3%B3sio%20da%20FAJE%202012%2011%2010%2012%20PDF%202%20OF.pdf>. Acesso em 13/11/2012.

²¹² BOFF, Leonardo. **Cuidar da Terra, proteger a vida**: como evitar o fim do mundo. Rio de Janeiro: Record, 2010, p. 266.

²¹³ BOFF, Leonardo. **Cuidar da Terra, proteger a vida**: como evitar o fim do mundo. Rio de Janeiro: Record, 2010, p. 266-267.

²¹⁴ Walter Benedix Schönflies Benjamin, mais conhecido como Walter Benjamin, nasceu em Berlim, a 15 de julho de 1892, no âmbito de uma família judia, filho dos comerciantes Emil Benjamin e Paula Schönflies. Posteriormente, ele se tornaria ensaísta, crítico de literatura, tradutor, filósofo e sociólogo da cultura, sendo um

influenciado que foi pelo pensamento de Fourier”²¹⁵, um dos fundadores do socialismo utópico que dizia: “Sonhamos com um trabalho que, longe de explorar a natureza, tem condições de fazer com dela nasçam criações adormecidas no seu cerne.”²¹⁶

Dessa forma, o trabalho deixa “de ser mercadoria a ser comprada e vendida”. (Boff, 2010, p. 267) Trazendo de volta a sua função de obra, na qual o ser humano molda a si mesmo, trabalhando a natureza de forma harmoniosa, ou seja, sem agredi-la e garantindo a sua sobrevivência sem desgastá-la. Boff (2012, p. 267) argumenta que o ecossocialismo também pode ser concebido como “comunismo solar”, visto que esse modelo defende o uso de energias renováveis e duradouras como o sol, o vento, a energia das marés.

Corroborando o pensamento de Leonardo Boff, Michel Lowy, em sua obra “Ecologia e Socialismo” (2005), argumenta que a questão ecológica é de fundamental importância para os desafios às crises no século XXI, pois exige: “uma ruptura radical com a ideologia do progresso linear e com o paradigma tecnológico e econômico da civilização industrial moderna”. Assim como Boff, este pensador também reafirma sobre a urgência e a necessidade de um novo paradigma de civilização:

[...] O desafio é reorientar o progresso de maneira a torna-lo compatível com a preservação do equilíbrio ecológico do planeta. [...] Em poucas palavras, o ecossocialismo implica uma radicalização da ruptura com a civilização material capitalista. Nesta perspectiva, o projeto socialista visa não apenas uma nova sociedade e um novo modo de produção, mas também um novo paradigma de civilização.²¹⁷

O ecossocialismo prioriza a energia solar que, ironicamente, é muito desprezada pelo capitalismo, pois com ela não pode fazer negócios e obter lucros. Tal proposta, segundo Boff, irá preparar o terreno para o novo “paradigma ecológico ambiental” ou para a nova

dos membros mais importantes da Escola de Frankfurt. Seu pensamento foi fortemente marcado pelas ideias de Karl Marx. Disponível em: <http://www.infoescola.com/biografias/walter-benjamin/>. Acesso em 13 de junho de 2012.

²¹⁵ Filósofo e economista francês (7/4/1772-10/10/1837). Um dos teóricos do Socialismo Utópico do século XIX. Seu projeto pregava o fim da separação entre trabalho e lazer e a adaptação da educação às inclinações e habilidades de cada criança. Também preconizava que os bens fossem distribuídos de acordo com a necessidade de cada morador. Disponível em: <http://www.algosobre.com.br/biografias/charles-fourier.html>. Acesso em 13 de junho de 2012.

²¹⁶ BOFF, Leonardo. **Cuidar da Terra, proteger a vida**: como evitar o fim do mundo. Rio de Janeiro: Record, 2010, p. 267.

²¹⁷ LOWY, Michel. **Ecologia e socialismo**. São Paulo: Cortez, 2005, p.39-40.

“cosmologia da libertação”, pois valoriza soluções que nasçam das preocupações populares e que economizem os recursos naturais e reduzam a poluição atmosférica:

[...] Assim, por exemplo, se empenha no transporte coletivo gratuito, que tiraria das ruas milhares de carros e evitaria a poluição, produtora do efeito estufa que gera o aquecimento do planeta. Valoriza as lutas mais simples da população que se opõe à implantação de uma indústria que poluirá os solos e as águas ou que implica desmatamento e, assim, favorece o aumento do volume de dióxido de carbono. Numa perspectiva mais ampla, que antevê um novo paradigma de civilização, capaz de responder ao clamor ecológico, o ecossocialismo postula a superação da atual configuração política, assentada sobre os Estados nacionais. Uma humanidade unificada na única casa comum, a Terra, exige um centro de organização dos recursos e serviços naturais, responsável pela população do planeta. Faz-se mister uma governabilidade planetária. Ou repartimos com equidade os poucos recursos naturais ou então a Terra não conseguirá atender a voracidade dos consumistas e poderá entrar em processo de caos, afetando a todos indistintivamente. Ou nos faremos socialistas por motivos ético-políticos e até meramente estatísticos ou então sofreremos as consequências desastrosas da insustentabilidade da Terra.²¹⁸

Boff (2010, p. 268) conclui afirmando que Chico Mendes constituiu-se como um ícone do ecossocialismo, pois ele conseguiu unir “a luta dos povos da floresta, indígenas, seringueiros e sem terra, com os ideais universais do socialismo”. Chico Mendes queria um socialismo ecológico que realizasse justiça e inclusão a todos: os seres humanos vítimas do sistema cruel imperante, e a natureza agredida e devastada.

Apesar de ter morrido em defesa dos seus sonhos, os ideais de Chico Mendes continuam vivos em todos aqueles que não aceitam a destruição do futuro realizado pelo capitalismo globalizado, acreditam que outra Terra, que outro mundo, mais humano, mais fraterno, mais solidário e justo são possíveis.

Segundo Boff, essas concepções ético-ambientais irão nortear o novo “paradigma ecológico” ou “cosmologia da transformação”, que se materializam de forma mais bem elaborada na história da humanidade, como veremos adiante, na *Carta da Terra*.

3.4 Formas de universalização de um discurso ético

De acordo com Boff há, atualmente, no campo da ética, seis formas principais de argumentação, cada qual oferecendo uma base para uma ética planetária, contribuindo para

²¹⁸ BOFF, Leonardo. **Cuidar da Terra, proteger a vida:** como evitar o fim do mundo. Rio de Janeiro: Record, 2010, p. 267-268.

solucionar as três grandes questões globais: a crise social, a do desemprego estrutural e a urgentíssima crise ambiental.

Leonardo Boff argumenta que, apesar da importância dessas concepções éticas, ele destaca a especial importância da ética fundada na dignidade da Terra, materializada na *Carta da Terra*, como veremos adiante.

Nesse contexto, Boff inicialmente cita o utilitarismo social²¹⁹, afirmando que esta corrente filosófica refere-se às práticas que querem ser eficazes, na medida em que geram a maior felicidade e realização para o maior número possível de pessoas.

Em seguida, o autor refere-se também à ética do discurso comunicativo e da justiça, que foi elaborada na escola crítica de Frankfurt, dando certo destaque para Jürgen Habermas. A contribuição de Habermas e outros da Escola de Frankfurt estão no princípio de que a ética, com proposta mais ampla (concretização dos direitos do cidadão, da democracia etc.), somente ocorrerá, se houver esforço em estabelecer o diálogo.

Boff discorre ainda sobre a importância da ética baseada na natureza²²⁰ que “procura estabelecer uma base de referência comum para argumentação na qual todos possam participar pelo fato de todos serem portadores da mesma natureza humana”²²¹. Nesse sentido, Boff compreende que o ser humano se encontra enraizado, como um ser-no-mundo. Sendo o homem parte da natureza, ele deve ser então, o gênio protetor da dita natureza. Como ele nos diz:

[...] Esta vida humana, enquanto humana (portanto, não é uma pedra, nem uma planta, nem uma ameba, mas exatamente vida humana), aponta para valores que compõem o *bene vivere* e estruturam o bem-estar da casa humana, vale dizer do *ethos*. Neste sentido, tem razão Heráclito ao sentenciar: O *ethos* é o *daimon* (quer dizer o gênio protetor) do ser humano.²²²

²¹⁹ “Seus formuladores são principalmente os ingleses Hobbes, D. Hume e especialmente J. Bentham (1789) e S. Mill (1863); que lhe deram a arquitetônica sistêmica. Ela hoje está na base de muitas reformas sociais (neo utilitarismo) de cunho anglo-saxão.” Cf. BOFF, Leonardo. **Ethos mundial**: um consenso mínimo entre os humanos. Rio de Janeiro: Sextante, 2003, p. 40.

²²⁰ “O clássico formulador da argumentação ética pela lei natural é Tomás de Aquino na esteira de Aristóteles. A moral católica, especialmente retratada nos documentos do magistério pontifício, segue fundamentalmente esta tendência.” Cf. BOFF, Leonardo. **Ethos mundial**: um consenso mínimo entre os humanos. Rio de Janeiro: Sextante, 2003, p. 51.

²²¹ BOFF, Leonardo. **Ethos mundial**: um consenso mínimo entre os humanos. Rio de Janeiro: Sextante, 2003, p. 51.

²²² Ibid., p. 54.

Destarte, Boff enfatiza também sobre a importância da ética enraizada nas tradições religiosas da humanidade: nessa tradição, o foco de Boff está em Hans Küng²²³. Na proposta da construção de um *ethos* mínimo mundial, Küng critica os modelos vigentes de universalização ética, por esses considerarem demasiadamente a razão, desprezarem a religião, que funda, de fato, os comportamentos éticos da grande maioria da humanidade. Na concepção de Küng, somente haverá um *ethos* mundial se houver também paz entre as religiões.

Nessa perspectiva, a paz religiosa é a base para a paz política. Sendo assim, a proposta é que se tenha um consenso sobre valores e atitudes comuns dentro das religiões, sob pena do perecimento de todas elas. Boff mostra que, apesar das religiões estarem em guerra entre si, se olharmos mais profundamente, elas são as grandes gestadoras de esperanças, dos grandes sonhos, de integração, de salvação, de um destino transcendente do ser humano e do universo. Todas elas reafirmam o futuro da vida, contra a evidência cruel da morte.

Boff fala ainda de uma quinta forma de universalização ética fundada no pobre e no excluído²²⁴: o quadro referencial dessa ética está na Teologia da Libertação. Partindo dessa realidade, podemos nos abrir a todos os demais, sentindo a urgência das mudanças necessárias, capazes de garantir uma efetiva inclusão e universalidade. Deixando-os de fora, teremos discursos éticos seletivos, encobridores, não universalizáveis e abstratos. Segundo Boff (2003, p.68), deve-se notar que essa ética possui um inegável “caráter messiânico, na medida em que ela intenciona salvar vidas, a enxugar lágrimas, a despertar a compaixão e a incentivar a colaboração para que todos se sintam filhos e filhas da Terra e irmãos e irmãs uns dos outros”.

²²³ “Hans Kung (Nascido em 1928, na Suíça) é o promotor mais proeminente da reflexão sobre a urgência de um consenso mínimo, base para uma sociedade mundial. Seu *motto* é: um *ethos* mundial para uma política mundial e para uma economia mundial.” Cf. BOFF, Leonardo. **Ethos mundial**: um consenso mínimo entre os humanos. Rio de Janeiro: Sextante, 2003, p. 59.

²²⁴ Segundo Boff: “O manifesto comunista de 1848 e a teologia da libertação do Terceiro Mundo, constituem monumentos éticos de primeira grandeza, originados pelo protesto contra a miséria e pela solidariedade para com os miseráveis.” Cf. BOFF, Leonardo. **Ethos mundial**: um consenso mínimo entre os humanos. Rio de Janeiro: Sextante, 2003, p. 65.

Na mesma direção, o filósofo destaca, por fim, a ética fundada na dignidade da terra, *dignitas terrae*, uma ética ecocentrada²²⁵, cuja base é a *Carta da Terra*, um código universal de conduta para os povos e as nações na direção de um futuro sustentável.

O mérito principal dessa *Carta* é colocar, como “eixo articulador, a categoria da inter-retro-relação de tudo com tudo. Isso lhe permite sustentar o destino comum da Terra e da humanidade e reafirmar a convicção de que formamos uma grande comunidade terrenal e cósmica”. (Boff, 2003, p.72)

O preâmbulo da Carta afirma enfaticamente que

a Terra está viva e, com a humanidade, forma parte de um vasto universo em evolução. Hoje ela está ameaçada em seu equilíbrio dinâmico, devido às formas exploradoras e predatórias a que os seres humanos se acostumaram. Em face desta situação global, temos o dever sagrado de assegurar a vitalidade, a diversidade e a beleza de nossa Casa Comum.²²⁶

O autor acredita que todas as tradições éticas acima podem contribuir para a fundamentação de um *ethos* mundial. No entanto, ele opta pelo último modelo de argumentação para fundamentar o seu projeto a saber: “*Dignitas terrae* – uma ética ecocentrada”.

Isso porque, “mais do que qualquer outra, essa corrente”, de acordo com Boff

coloca, de forma explícita, a questão de um *ethos* mundial. Representa a cristalização, até agora, mais bem-sucedida da nova consciência ecológica e planetária, na perspectiva consciente de um novo paradigma civilizatório. Decididamente, parte de uma visão integradora e holística, considerando as interdependências entre pobreza, degradação ambiental, injustiça social, conflitos étnicos, paz, democracia ética e crise espiritual.²²⁷

Nesse percurso, os formuladores da *Carta da Terra* continuam afirmando-a, como o eixo norteador do seu projeto de um *ethos* mundial:

[...] A *carta da terra* está concebida como uma declaração de princípios éticos fundamentais e como um roteiro prático de significado duradouro, amplamente compartilhado por todos os povos. De forma similar à Declaração Universal dos Direitos Humanos das nações Unidas, a *carta da terra* será utilizada como um

²²⁵ De acordo com Leonardo Boff: “Mais do que qualquer outra, esta corrente coloca de forma explícita a questão de um *ethos mundial*. Representa a cristalização, até agora, mais bem-sucedida da nova consciência ecológica e planetária, na perspectiva consciente de um novo paradigma civilizatório. Decididamente, parte de uma visão ética integradora e holística, considerando as interdependências entre pobreza, degradação ambiental, injustiça social, conflitos étnicos, paz, democracia, ética e crise espiritual.” Cf. BOFF, Leonardo. **Ethos mundial**: um consenso mínimo entre os humanos. Rio de Janeiro: Sextante, 2003, p. 69.

²²⁶ CARTA DA TERRA. Disponível em: www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/arquivos/carta_terra.doc>. Acesso em: 17 mai. 2009, p.1.

²²⁷ BOFF, Leonardo. **Ethos mundial**: um consenso mínimo entre os humanos. Rio de Janeiro: Sextante, 2003, p. 65.

código universal de conduta para guiar os povos e as nações na direção de um futuro sustentável.²²⁸

A partir de 2002, quando foi proposto o endosso da ONU, aprovou-se uma campanha mundial de apoio a *Carta da Terra*; com o propósito de conquistar mais e mais pessoas, instituições e governos a essa nova visão ética e ecológica, capaz de fundar um princípio civilizatório que se constitua em um bem para o futuro da Terra e da humanidade. Ou seja: uma visão ecológica na qual o homem não é mais o centro, mas sim parte constituinte do todo.

3.5 Princípios e valores Éticos da *Carta da Terra* para a constituição de um *ethos* mundial

A Carta da Terra percorreu um longo processo de amadurecimento numa enorme diálogo mundial, passando pela criação da ONU em 1945, e tendo as suas sementes lançadas a partir das repercussões do relatório do Clube de Roma em 1972, ao denunciar quase que profeticamente, a futura crise ecológica e propor “limites de crescimento”. Na esteira do clube de Roma, neste mesmo ano de 1972, a ONU organizou o primeiro grande encontro internacional, em Estocolmo (Suécia), onde se iniciou a concepção de que o meio ambiente deve ser a preocupação central da Humanidade.

Em 1982 publica-se o documento denominado “a Carta mundial para a Natureza”, e em 1992, propõe-se a criação da Carta da Terra. Já no ano de 1997 foi criada a comissão da Carta da Terra, formada por 23 personalidades de todos os continentes.

Sobre a elaboração da carta da Terra, diz Boff:

As perspectivas desenvolvidas pelas ciências da terra, pela nova cosmologia, pela física quântica, pela biologia contemporânea e os pontos mais seguros do paradigma holístico da ecologia subjazem ao texto da Carta. [...]. Hoje [*a terra*] está ameaçada em seu equilíbrio dinâmico devido às formas exploradoras e predatórias a que os seres humanos se acostumaram. [...] Precisamos fazer uma nova aliança com a terra e um novo pacto social de responsabilidade entre todos os humanos [...].²²⁹

²²⁸ Ibid., p. 69.

²²⁹ BOFF, Leonardo. **Ethos mundial**: um consenso mínimo entre os humanos. Rio de Janeiro: Sextante, 2003, p. 73.

No dia 14 de março de 2000, na UNESCO, foi aprovada a *Carta da Terra*, depois de oito anos de discussões em todos os continentes, envolvendo 46 países e mais de cem mil pessoas, entre representantes indígenas, entidades da sociedade civil, centros de pesquisa, universidades de todo o mundo, empresas e religiões. A declaração foi assumida oficialmente pela UNESCO, em 2003, e deverá ser apresentada à ONU, como tendo o mesmo valor da Declaração dos Direitos Humanos de 1948. Pretende-se que ela sirva com um guia, rumo uma nova civilização, onde a ecologia, a paz e a integração, entre todas as formas de vida, se façam presentes.

Por partir de uma compreensão holística da realidade e por conter os princípios acima colocados, a *Carta da Terra* é um exemplo de orientação sob a égide do cuidado. Ela mostra as relações entre ser humano e natureza, as imbricações sociais e políticas dessas relações, concebe a Terra como totalidade dinâmica, tem consciência da gravidade da situação, supera o conceito falso de desenvolvimento sustentável pelo de sustentabilidade e lança luz para a criação de uma nova relação dos seres humanos entre si e com a Terra.

Nesse contexto, a “ética do cuidado” é aquela própria ao “paradigma ecológico”. Ela comunga com esse a mesma percepção da realidade e se encontra expressa na *Carta da Terra*, enfatizando uma nova consciência e um novo paradigma civilizatório. A declaração se divide em 04 partes: “um preâmbulo, princípios fundamentais, princípios de apoio e uma conclusão” (CARTA DA TERRA, 2009, p. 1).

O preâmbulo afirma que a “Terra está viva e, com a humanidade, forma parte de imenso universo em evolução”. (CARTA DA TERRA, 2009, p.1). Nessa afirmação, cuidadosamente formulada, ressoa, segundo Boff “não só a teoria Gaia, proposta por James Lovelock e por outros, mas também a crença ancestral dos povos, segundo a qual a Terra, é a grande Mãe, geradora de toda a vida.”²³⁰

Devido à importância da *Carta da Terra* para a humanidade e, mais especificamente, na delimitação da proposta ética mundial do autor, propõe-se, aqui, a transcrever, discorrer e

²³⁰

BOFF, Leonardo. **Ética e ecoespiritualidade**. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 19.

explicitar os principais pontos, presentes na declaração, os quais que seriam também os aspectos do novo “*ethos* mundial”.

O primeiro princípio reproduz-se literalmente:

[...] 1. Respeitar a Terra e a vida em toda sua diversidade. a. Reconhecer que todos os seres são interligados e cada forma de vida tem valor, independentemente de sua utilidade para os seres humanos. b. Afirmar a fé na dignidade inerente de todos os seres humanos e no potencial intelectual, artístico, ético e espiritual da humanidade. [...]²³¹

O segundo princípio da *Carta da Terra* constitui-se em cuidar da comunidade da vida com compreensão, compaixão e amor. Esse princípio propõe ainda “aceitar que, com o direito de possuir, administrar e usar os recursos naturais vem o dever de impedir o dano causado ao meio ambiente e de proteger os direitos das pessoas”, além de “assumir que o aumento da liberdade, dos conhecimentos e do poder implica em responsabilidade na promoção do bem comum”. (CARTA DA TERRA, 2009, p.2).

O terceiro princípio da *Carta da Terra* é assim expresso:

[...] 3. Construir sociedades democráticas que sejam justas, participativas, sustentáveis e pacíficas. a. Assegurar que as comunidades em todos níveis garantam os direitos humanos e as liberdades fundamentais e proporcionem a cada um a oportunidade de realizar seu pleno potencial. b. Promover a justiça econômica e social, propiciando a todos a consecução de uma subsistência significativa e segura, que seja ecologicamente responsável.²³²

Já o quarto princípio da *Carta da Terra* trata do direito às belezas do mundo. Ele se preocupa em garantir as dádivas e a beleza da Terra para as atuais e as futuras gerações, reconhecendo que a “liberdade de ação de cada geração é condicionada pelas necessidades das gerações futuras” (Carta da Terra, 2009, p.3, apud BOFF, 2003, p.121), nos obrigando a transmitir a essas, “valores, tradições e instituições que apoiem, em longo prazo, a prosperidade das comunidades humanas e ecológicas da Terra”. (CARTA DA TERRA, 2009, p.3)

De acordo com a declaração, para se cumprir estes quatro compromissos, faz-se necessário haver integridade ecológica, fato esse enfatizado no quinto princípio, que diz:

[...] 5. Proteger e restaurar a integridade dos sistemas ecológicos da Terra, com especial preocupação pela diversidade biológica e pelos processos naturais que

²³¹ CARTA DA TERRA. Disponível em: <www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/_arquivos/carta_terra.doc>. Acesso em: 17 maio de 2009, p.2.

²³² Ibid., p. 2.

sustentam a vida. a. Adotar planos e regulamentações de desenvolvimento sustentável em todos os níveis que façam com que a conservação ambiental e a reabilitação sejam parte integral de todas as iniciativas de desenvolvimento. b. Estabelecer e proteger as reservas com uma natureza viável e da biosfera, incluindo terras selvagens e áreas marinhas, para proteger os sistemas de sustento à vida da Terra, manter a biodiversidade e preservar nossa herança natural. c. Promover a recuperação de espécies e ecossistemas ameaçadas. d. Controlar e erradicar organismos não nativos ou modificados geneticamente que causem dano às espécies nativas, ao meio ambiente, e prevenir a introdução desses organismos daninhos. e. Manejar o uso de recursos renováveis como água, solo, produtos florestais e vida marinha de forma que não excedam as taxas de regeneração e que protejam a sanidade dos ecossistemas. f. Manejar a extração e o uso de recursos não renováveis, como minerais e combustíveis fósseis de forma que diminuam a exaustão e não causem dano ambiental grave.[...] ²³³

Quanto ao sexto princípio da *Carta da Terra*, ele consiste basicamente em “prevenir o dano ao ambiente, como o melhor método de proteção ambiental, e, quando o conhecimento for limitado”, assumirmos uma postura de precaução e defesa ao meio ambiente, de forma a evitar poluição, seja produtos radioativos ou tóxicos, seja por atividades militares.

O sétimo princípio da *Carta da Terra*, que trata da produção e consumo, defende os seguintes objetivos:

[...] 7. Adotar padrões de produção, consumo e reprodução que protejam as capacidades regenerativas da Terra, os direitos humanos e o bem-estar comunitário. a. Reduzir, reutilizar e reciclar materiais usados nos sistemas de produção e consumo e garantir que os resíduos possam ser assimilados pelos sistemas ecológicos. b. Atuar com restrição e eficiência no uso de energia e recorrer cada vez mais aos recursos energéticos renováveis, como a energia solar e do vento. c. Promover o desenvolvimento, a adoção e a transferência equitativa de tecnologias ambientais saudáveis. d. Incluir totalmente os custos ambientais e sociais de bens e serviços no preço de venda e habilitar os consumidores a identificar produtos que satisfaçam as mais altas normas sociais e ambientais. e. Garantir acesso universal à assistência de saúde que fomente a saúde reprodutiva e a reprodução responsável. f. Adotar estilos de vida que acentuem a qualidade de vida e subsistência material num mundo finito. ²³⁴

No que diz respeito ao oitavo princípio da *Carta da Terra*, o mesmo propõe “avançar o estudo da sustentabilidade ecológica e promover a troca aberta e a ampla aplicação do conhecimento adquirido” (CARTA DA TERRA, 2009, p.4), com as finalidades de:

a) Apoiar a cooperação científica e técnica internacional relacionada a sustentabilidade, com especial atenção às necessidades das nações em desenvolvimento. b) Reconhecer e preservar os conhecimentos tradicionais e a sabedoria espiritual em todas as culturas que contribuam para a proteção ambiental e

²³³ CARTA DA TERRA. Disponível em: <[www.mma.gov.br/estruturas/agenda21 /arquivos/ carta_terra.doc](http://www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/arquivos/carta_terra.doc)>. Acesso em: 17 maio de 2009, p.3.

²³⁴ Ibid., p. 4.

o bem-estar humano. c) Garantir que informações de vital importância para a saúde humana e para a proteção ambiental, incluindo informação genética, estejam disponíveis ao domínio público.²³⁵

Do nono ao décimo segundo princípio, a *Carta da Terra* defende a implantação da Justiça Social e Econômica. O nono princípio propõe:

9. Erradicar a pobreza como um imperativo ético, social e ambiental. a. Garantir o direito à água potável, ao ar puro, à segurança alimentar, aos solos não contaminados, ao abrigo e saneamento seguro, distribuindo os recursos nacionais e internacionais requeridos. b. Prover cada ser humano de educação e recursos para assegurar uma subsistência sustentável, e proporcionar seguro social e segurança coletiva a todos aqueles que não são capazes de manter-se por conta própria. c. Reconhecer os ignorados, proteger os vulneráveis, servir àqueles que sofrem, e permitir-lhes desenvolver suas capacidades e alcançar suas aspirações.²³⁶

Já o décimo princípio da *Carta da Terra* pretende formular que todas “as atividades e instituições econômicas, em todos os níveis, promovam o desenvolvimento humano de forma equitativa e sustentável.” (CARTA DA TERRA, 2009, p.4).

E, para que isso aconteça, a declaração propõe iniciativas como:

a) Promover a distribuição equitativa da riqueza dentro das e entre as nações. b) Incrementar os recursos intelectuais, financeiros, técnicos e sociais das nações em desenvolvimento e isentá-las de dívidas internacionais onerosas. c) Garantir que todas as transações comerciais apoiem o uso de recursos sustentáveis, a proteção ambiental e normas trabalhistas progressistas. d) Exigir que corporações multinacionais e organizações financeiras internacionais atuem com transparência em benefício do bem comum e responsabilizá-las pelas consequências de suas atividades.²³⁷

O décimo primeiro princípio da *Carta da Terra* diz respeito à atenção à equidade de gênero em todas as esferas da vida social. O texto diz:

[...] 11. Afirmar a igualdade e a equidade de gênero como pré-requisitos para o desenvolvimento sustentável e assegurar o acesso universal à educação, assistência de saúde e às oportunidades econômicas. a. Assegurar os direitos humanos das mulheres e das meninas e acabar com toda violência contra elas. b. Promover a participação ativa das mulheres em todos os aspectos da vida econômica, política, civil, social e cultural como parceiras plenas e paritárias, tomadoras de decisão, líderes e beneficiárias. c. Fortalecer as famílias e garantir a segurança e a educação amorosa de todos os membros da família.²³⁸

²³⁵ CARTA DA TERRA. Disponível em: <www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/arquivos/carta_terra.doc>. Acesso em: 17 maio de 2009, p.4.

²³⁶ Ibid., p. 4.

²³⁷ Ibid., p. 5.

²³⁸ CARTA DA TERRA. Disponível em: <www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/arquivos/carta_terra.doc>. Acesso em: 17 mai. 2009, p.5.

O décimo segundo princípio de a *Carta da Terra* defende, “sem discriminação, os direitos de todas as pessoas a um ambiente natural e social, capaz de assegurar a dignidade humana, a saúde corporal e o bem-estar espiritual, concedendo especial atenção aos direitos dos povos indígenas e minorias.” (CARTA DA TERRA, 2009, p.5)

E para que isso se concretize, torna-se necessário priorizar as ações e atitudes no sentido de:

- a) Eliminar a discriminação em todas suas formas, como as baseadas em raça, cor, gênero, orientação sexual, religião, idioma e origem nacional, étnica ou social. b) Afirmar o direito dos povos indígenas à sua espiritualidade, conhecimentos, terras e recursos, assim como às suas práticas relacionadas a formas sustentáveis de vida. c) Honrar e apoiar os jovens das nossas comunidades, habilitando-os a cumprir seu papel essencial na criação de sociedades sustentáveis. d) Proteger e restaurar lugares notáveis pelo significado cultural e espiritual.²³⁹

Do décimo terceiro ao décimo sexto princípios da *Carta da Terra*, propõe-se a expansão da democracia, da não violência e da paz. O décimo terceiro princípio diz:

- [...] 13. Fortalecer as instituições democráticas em todos os níveis e proporcionar-lhes transparência e prestação de contas no exercício do governo, participação inclusiva na tomada de decisões, e acesso à justiça. a. Defender o direito de todas as pessoas no sentido de receber informação clara e oportuna sobre assuntos ambientais e todos os planos de desenvolvimento e atividades que poderiam afetá-las ou nos quais tenham interesse. b. Apoiar sociedades civis locais, regionais e globais e promover a participação significativa de todos os indivíduos e organizações na tomada de decisões. c. Proteger os direitos à liberdade de opinião, de expressão, de assembléia pacífica, de associação e de oposição. d. Instituir o acesso efetivo e eficiente a procedimentos administrativos e judiciais independentes, incluindo retificação e compensação por danos ambientais e pela ameaça de tais danos. e. Eliminar a corrupção em todas as instituições públicas e privadas. f. Fortalecer as comunidades locais, habilitando-as a cuidar dos seus próprios ambientes, e atribuir responsabilidades ambientais aos níveis governamentais onde possam ser cumpridas mais efetivamente.²⁴⁰

Já o décimo quarto princípio da *Carta da Terra* manifesta o desejo de “integrar, na educação formal e na aprendizagem ao longo da vida, os conhecimentos, valores e habilidades necessárias para um modo de vida sustentável.” (CARTA DA TERRA, 2009, p.6).

E para que tal ambição se concretize o referido princípio argumenta sobre a importância de:

- a) Oferecer a todos, especialmente a crianças e jovens, oportunidades educativas que lhes permitam contribuir ativamente para o desenvolvimento sustentável. b) Promover a contribuição das artes e humanidades, assim como das ciências, na educação para sustentabilidade. c) Intensificar o papel dos meios de comunicação de

²³⁹ Ibid., p. 5

²⁴⁰ Ibid., p. 5-6.

massa no sentido de aumentar a sensibilização para os desafios ecológicos e sociais.
d) Reconhecer a importância da educação moral e espiritual para uma subsistência sustentável.²⁴¹

Demonstrando a recente atenção mundial aos demais seres vivos, o décimo quinto princípio da *Carta da Terra* advoga os seguintes direitos:

[...] 15. Tratar todos os seres vivos com respeito e consideração. a. Impedir crueldades aos animais mantidos em sociedades humanas e protegê-los de sofrimentos. b. Proteger animais selvagens de métodos de caça, armadilhas e pesca que causem sofrimento extremo, prolongado ou evitável. c. Evitar ou eliminar ao máximo possível a captura ou destruição de espécies não visadas.²⁴²

Finalmente, o décimo sexto princípio da *Carta da Terra* enseja “promover uma cultura de tolerância, não violência e paz”. (CARTA DA TERRA, 2009, p.6).

E, para que esse tão nobre objetivo seja alcançado, será necessário entre outras ações:

a) Estimular e apoiar o entendimento mútuo, a solidariedade e a cooperação entre todas as pessoas, dentro das e entre as nações. b) Implementar estratégias amplas para prevenir conflitos violentos e usar a colaboração na resolução de problemas para manejar e resolver conflitos ambientais e outras disputas. c) Desmilitarizar os sistemas de segurança nacional até chegar ao nível de uma postura não provocativa da defesa e converter os recursos militares em propósitos pacíficos, incluindo restauração ecológica. d) Eliminar armas nucleares, biológicas e tóxicas e outras armas de destruição em massa. e) Assegurar que o uso do espaço orbital e cósmico mantenha a proteção ambiental e a paz. f) Reconhecer que a paz é a plenitude criada por relações corretas consigo mesmo, com outras pessoas, outras culturas, outras vidas, com a Terra e com a totalidade maior da qual somos parte.²⁴³

Por fim, Boff afirma que “a carta expressa, como efeito final, a confiança na capacidade regenerativa da Terra e na responsabilidade, compartilhada dos seres humanos, de aprender a amar e a cuidar do lar comum” (BOFF, 2003, p 130). Como se observa no último parágrafo da declaração, que diz: “Que o nosso tempo seja lembrado pelo despertar de uma nova reverência em face da vida, por um compromisso firme de alcançar a sustentabilidade, pela rápida luta pela justiça e pela paz, e pela alegre celebração da vida” (CARTA DA TERRA, 2009, p.6).

²⁴¹ Ibid., pp. 6.

²⁴² CARTA DA TERRA. Disponível em: < www.mma.gov.br/estruturas/agenda21_/arquivos/carta_terra.doc>. Acesso em: 17 maio de 2009, p. 6.

²⁴³ Ibid., p. 6-7.

A Carta da Terra expressa a esperança na capacidade de renovação e regeneração da humanidade para com a Terra. Esperamos que ela traga inspiração e faça brotar a consciência e a cidadania planetária por toda humanidade. Sobre a co-responsabilidade em salvaguardar o futuro do planeta para as futuras gerações.

Se a *Carta da Terra* for mundialmente adotada, ela transformará a consciência da humanidade. Segundo Boff (BOFF, 2003, p.75) “a Terra ganhará, finalmente, centralidade junto com todos os filhos e filhas da Terra, que possuem a mesma origem e o mesmo destino que ela. Nela não haverá mais lugar para o empobrecido, o desocupado e o agressor da própria Grande Mãe.”.

3.6 Um *Ethos* e muitas morais

Boff, nesse ponto, pondera que, embora diversas formas de argumentação ética e moral, como citadas anteriormente, contemplem dimensões verdadeiras, elas são de alguma forma limitadas. Porém, “nem todas encaminham adequadamente os três problemas globais” que enfrentam a humanidade atualmente. Boff (BOFF, 2003, p.99) afirma que “o valor e o critério de verdade e universalidade de uma ética se mede pela forma como ela trata o pobre e o excluído, que constituem a maioria da humanidade.”

Se um projeto de ética não levar “em consideração o grito do oprimido e o grito da terra, e não se organiza para libertá-los” (BOFF, 2003, p.77). Esse *ethos*, segundo Boff, não poderá ser considerado. Como ele diz:

[...] A moradia humana (*ethos* em seu sentido original) exige o resgate da justiça mínima, da compaixão necessária, sem as quais a morada humana não é humana, porque não é mais habitável. Sem essa justiça, qualquer projeto de felicidade passa a ser cínico. O conjunto das expressões éticas deve salvaguardar o sistema terra-biosfera a partir de quem mais sofre é o excluído.²⁴⁴

²⁴⁴ BOFF, Leonardo. **Ethos mundial**: um consenso mínimo entre os humanos. Rio de Janeiro: Sextante, 2003, p. 77.

3.7 Conclusão do Capítulo 3

Percebe-se, dessa maneira, que Boff estabelece critérios objetivos para a escolha do *ethos* que deve reger a convivência socioambiental de forma realmente sustentável. Esse critério, para ele, é o pobre, o oprimido e o grito da terra.

Observa-se a sua crítica enfática, ao descrever a incompatibilidade do sistema capitalista globalizado, que gera destruição ambiental e promove a injustiça social. E a sua preocupação para com a concepção de alternativas que viabilizem a estabilidade do sistema Gaia e, conseqüentemente, que se evite mais cataclismas, possibilitando o caminhar rumo ao ideal verdadeiro de sustentabilidade. Assim, Boff propõe uma retomada crítica do socialismo, denominado por ele de ecossocialismo, que iria propor harmonia com a Mãe terra e com toda a humanidade.

Finalmente, diz Boff, entre acertos e erros, imensas perplexidades e discretas realizações, toda preocupação ética deve dar centralidade ao destino comum de todos que participam da aventura terrenal, que significa uma singela participação no sentido misterioso de todo o universo.

Vê-se que o *ethos* mundial proposto por Leonardo Boff ultrapassa o âmbito do meramente humano, para o âmbito planetário, entendido como o todo interrelacionado, tendo por virtude: a ética do cuidado (*pathos*). Segundo Boff, se a vida surgiu no contexto do cuidado, é pelo cuidado que ela se mantém, se reproduz e se coevolui. E, como o cuidado pertence também à dimensão mínima do humano, ele “pode servir de consenso mínimo, sobre o qual se pode fundar uma ética planetária, ética compreensível por todos, e praticável por todos.”²⁴⁵

Como já disse o cantor e compositor Milton Nascimento: “Há que se cuidar do broto para que a vida nos dê flor e fruto”. Esse cuidado deve ser estendido a todos os ecossistemas, para que seja praticada a compreensão, compaixão e o amor pela Terra, concebida como “Gaia”, “Magna Mater” ou “Patchamama” dos nossos ameríndios. E isso deve ser feito de forma que, a ela, possa ser assegurada vitalidade, integridade, saúde e beleza, pois só o cuidado preservará a sustentabilidade do sistema Terra em harmonia com todas as formas de vida. Por

²⁴⁵ BOFF, Leonardo. *Ética e Ecoespiritualidade*. Petrópolis: Vozes, 2010, p.49.

isso, conclui Boff, a função da humanidade é a de ser o jardineiro, para cuidar do jardim do Éden e fazê-lo fecundo e belo. E a *Carta da Terra* despertará a humanidade, oportunamente, para a efetividade e a afetividade dessa missão, importantíssima, essencial e urgente.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho objetivou mostrar como Leonardo Boff propõe uma ética universal com o fim de estabelecer uma convivência entre o homem e a natureza. Abordamos os principais problemas éticos enfrentados na contemporaneidade e como eles afetam o planeta Terra, colocando-nos diante de uma eminente catástrofe sócio-ambiental, que Boff denomina de “ecocídio”.

Para tanto, no primeiro capítulo, fizemos uma breve introdução ao pensamento boffiniano; discorremos brevemente sobre o conceito de *paradigma*; abordamos, de forma sucinta, as suas duas primeiras fases de produção intelectual do autor; estudamos sobre a mudança para o *paradigma ecológico* no pensamento de Leonardo Boff; explicitamos como a Teologia da Libertação foi reformulada e ampliada, desdobrando-se e influenciando o novo *paradigma ecológico* e vimos às bases e influências teóricas, bem como as características desse novo paradigma ecológico.

No segundo capítulo, abordou-se algumas questões éticas na visão de Leonardo Boff. Vimos as diferenças na questão ética e moral desse pensador e percebemos os dois projetos éticos antagônicos da contemporaneidade.

Ou seja: o *paradigma ocidental*, também denominado por Boff de “cosmologia da dominação”, de característica antropocêntrica linear, reducionista, embasada na razão instrumental, que submete a natureza e a destrói indiscriminadamente. E, em contraste, percebemos o novo *paradigma ecológico*, ou cosmologia da transformação, de característica holística; observamos a relação entre a natureza e *logos* na ética contemporânea.

Nesse percurso boffiniano, descrevemos os caminhos e práticas da ecologia; a eco-tecnologia, a eco-política, a ecologia social, a ética ecológica, a ecologia mental, a eco-espiritualidade para o avanço da questão ecológica nos dias atuais. E que foram sistematizados em sua obra recente (2012) “As quatro Ecologias”. Vimos também a ética do cuidado essencial, poeticamente descrita na “fábula-mito do cuidado”, que consubstanciada na *Carta da Terra*.

Para Boff, conforme já citado no capítulo 2, a diferença básica entre a ética e a moral reside no fato de que a primeira é parte da Filosofia, enquanto que a segunda é parte da vida concreta. Se por um lado, a ética considera concepções de fundo acerca da vida, do universo e do ser humano para estatuir princípios e valores que orientem as pessoas e os grupos humanos, a moral, por outro lado, se funda em nada mais que costumes, hábitos e valores culturalmente estabelecidos.

Nesse sentido, Leonardo Boff parte dos dois sentidos originais da palavra *ethos* (da antiga Grécia) para apontar as diferenças entre *ethos* e *ética*. Os gregos escreviam a palavra de duas formas diferentes, “ethos” com o “eta” (e longo), significando a morada humana e também caráter, modo, ser e perfil de uma pessoa; e “ethos” com o “épsilon” (e curto), significando costumes, usos, hábitos e tradições.

Mostrou-se que Boff afirma que atualmente se observa um retorno poderoso à natureza e ao *logos* universal, denominado por ele de novo *paradigma ecológico, paradigma da cosmologia* ou *cosmologia da transformação* – noções pensadas no horizonte dos novos conhecimentos acumulados pelas ciências da terra e pela ecologia.

Sobre a *cosmologia da transformação*, demonstramos que prevalece em Boff o sentido de que, ao invés de dominar a natureza, a humanidade deve se colocar inserida no interior da natureza em sintonia com ela e sempre aberta a novas transformações. Além disso, prevalece também o sentido de que a natureza constitui um sistema aberto e que por isso ela sempre pode acolher novas interações e fluxos de energia, ao contrário da visão fechada da modernidade antropocêntrica, que vive como em uma casca de noz, fechado em si mesmo e, por isso, fora da dialogação universal.

Segundo o autor, entre outras coisas, o que caracterizaria essa nova *cosmologia da transformação* seria “o respeito por toda forma de vida e da dignidade da natureza e não sua exploração pela humanidade. Em suma, colocando o cuidado no lugar da dominação, colocando a espiritualidade como um dado da realidade humana, e não apenas expressão de uma religião”.²⁴⁶

²⁴⁶ BOFF, Leonardo. **Sustentabilidade: o que é – o que não é.** Petrópolis, RJ: Vozes. 2012, p. 78.

No capítulo três, descreveu-se os diversos elementos que irão constituir a proposta de “*ethos mundial*”. Tratamos da sustentabilidade e percebemos que cuidado e sustentabilidade andam juntos e são inseparáveis, pois se apoiam mutuamente. Analisou-se a crítica contundente que Leonardo Boff faz ao sistema capitalista e, mais propriamente, da descrição da incompatibilidade do capitalismo e ecologia. Capitalismo este que é auto-destruidor, suicida, podendo também vir a ser ecocida e biocida. Nessa perspectiva, observamos, como alternativa ao sistema capitalista, o “Ecosocialismo”, ou “Comunismo solar”.

Expôs-se algumas formas de universalização do discurso ético como: o utilitarismo social, as éticas do discurso comunicativo e da justiça, a ética baseada na natureza, a ética enraizada nas tradições religiosas da humanidade, a ética fundada no pobre e no excluído, a ética fundada na dignidade da terra, *Dignitas Terrae* e uma ética ecocentrada.

Demonstrou-se que Boff opta pelo projeto da *Carta da Terra* como eixo norteador do seu projeto ético. E mostramos os princípios e valores desse para a constituição de um *ethos mundial*. Assim, apresentamos, de forma breve, alguns projetos éticos da modernidade, que serviram de paradigma durante séculos. Vimos que Boff critica o logocentrismo desses modelos. Por fim, expusemos que, segundo tal pensador, existe um *ethos* e muitas morais: o *ethos* é a nossa mãe Terra (*Gaia*) e as morais são o resultado do desenvolvimento de projetos de convivencialidade.

Atentou-se, por fim, para a proposta de *ethos mundial* de Boff, a qual é centrada, principalmente, na ética do cuidado, expressa formalmente na *Carta da Terra*. Essa resgata as dimensões do *pathos* (estrutura da sensibilidade) e do cuidado, com a proposta de verdadeira sustentabilidade, embasada no *Ecosocialismo* - alternativa ao capitalismo predatório.

Acredita-se que Boff é um pensador rico em ideias e de influências diversas, e que demonstra, em sua atividade intelectual, certa intenção prática. Em diversos momentos, ele assinala a preocupação de que seus textos sejam inspiradores de um novo posicionamento frente ao mundo²⁴⁷.

²⁴⁷ “Apresentamos aqui uma série de textos nascidos de debates e de fóruns realizados no Brasil e no exterior. Um fio condutor lhes confere unidade: a esperança de que não vamos de encontro a um desastre, mas ao encontro de um novo renascimento. As crises são purificadoras e o caos momentâneo prepara a irrupção de uma nova ordem mais alta e integradora. [...] Se esses textos ajudarem o leitor a mudar seu estado de consciência para que se afine com mais sutileza ao novo que virá terão cumprido sua modesta missão. Importa sempre esperar,

Isso tem como consequência a utilização de um estilo literário agradável, claro e inteligível ao grande público. Tal estilo, por vezes, prevalece nitidamente sobre o rigor formal de uma estrutura conceitual nos moldes do tradicional *modus operandi* acadêmico. A partir da leitura dos trabalhos de Leonardo, identificamos um teólogo e um filósofo *sui generis*, que mescla campos supostamente distintos com informações e dados de diversas outras ciências, seja da física, da física quântica, da geologia, da arqueologia, da história, da ciência política, etc.

Percebeu-se que inexiste uma arquitetura linear *stricto sensu* no pensamento boffiniano. Nessa nossa trajetória também, percebemos uma certa prolixidade em algumas das obras do autor, o que não é problema algum; em se tratando de uma análise da terceira fase do nosso autor, visto que refere-se a considerações inovadoras e sobre temas atuais.

Por este motivo optamos por utilizar, também as suas últimas obras publicadas em 2012, nas quais percebemos certas considerações, que levam a uma sinterização, a um afinamento e, conseqüentemente, a uma maior clareza de seu pensamento, em sua terceira fase.

Percebe-se, assim, que o autor está situado numa perspectiva teleológica e universalista, mas que, ao mesmo tempo, é um filósofo da *práxis*, ou seja, um adepto da tradição marxológica²⁴⁸.

Procurou-se demonstrar os aspectos centrais do pensamento de Leonardo Boff, sob um recorte filosófico. Boff é, nesse entendimento, um dos pensadores brasileiros que mais enriquece o povo de conhecimentos, por ser instigante e atual. E a amplitude de seu pensamento aberto, livre, dialogante e plural, uma ferramenta preciosa para análise e ação no mundo do século XXI.

porque, se não esperamos, dizia um sábio antigo, não captaremos o inesperado quando ele chegar”. Cf. BOFF, Leonardo. **Ética da vida**. Rio de Janeiro: Sextante, 2005, p.7. Ou: O objetivo maior é colocar bem os termos da questão. “E principalmente tornar consciente nosso lugar social, a partir do grande Sul, onde estão os excluídos e destituídos da história. Uma ética planetária que não enfrenta de saída, a injustiça social e a alarmante injustiça ecológica não merece este nome. Estaremos atentos a estas questões vitais, daí a pretensão libertária de nosso texto.” Cf. BOFF, Leonardo. **Ethos Mundial**: um consenso mínimo entre os humanos. Rio de Janeiro: Sextante. pp. 9 e 10. Ou ainda: [...] Estamos planejando desenvolver um guia de estudos para grupos que desejam refletir sobre este livro e examinar as implicações dele para a suas vidas e para a práxis transformadora [...]. Cf. BOFF, Leonardo; HATHAWAY, Mark. **O Tao da Libertação**: explorando a ecologia da transformação. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012, p. 524.

²⁴⁸ José Chasin, um dos maiores filósofos brasileiros, se referia à tradição deixada por Karl Marx como Marxilogia. Para Chasin, “não há socialismo sem ciência. Isto é, não há socialismo sem o conhecimento da própria classe que pode construir o socialismo e de todas as outras classes com as quais a classe revolucionária convive em harmonia contraditória. Ou melhor, em articulação contraditória” (1988).

Como afirma Libanio (2008, p.9), em seu artigo “Pensamento de Leonardo Boff”, ele avulta entre os pensadores da atualidade “por sua personalidade vulcânica” e conclui que é uma “tarefa difícil sobrevoar criticamente a monumental obra de Leonardo, que cobre um arco de mais de 30 anos com textos consistentes”.

São dezenas os temas apresentados por Leonardo Boff e todos nos permitem indagações apontando para possíveis soluções de graves problemas de nossa modernidade: ecologia, discriminação ou a educação para a paz, e o diálogo ecumênico etc. Seu legado, inclui uma preocupação central com o outro e a importância da transparência.

Gaia – a Mãe Terra pede socorro. A poluição dos grandes centros urbanos, a falta de saneamento básico nos países emergentes, os desmatamentos desenfreados, as queimadas incessantes, e a poluição assustadora e contínua de nossos recursos hídricos são problemas cuja origem estão no autodestrutivo e falido modelo de desenvolvimento industrial que provoca cada vez mais, o aumento do efeito estufa e das mudanças climáticas. De acordo com diversos pesquisadores esta crise ambiental pode provocar, entre outros diversos problemas, como a escassez de água potável e de alimentos em um relativo curto espaço de tempo. Em um período como o este, tomado pelo imobilismo e falta de posturas concretas das massas frente a estas crises que se apresentam, além da ideologia da falsa certeza do fim da história, o pensamento de Boff é uma luz que pode orientar nossas ideias e, principalmente, nossas práticas.

Ao longo dessas linhas descrevemos os tempos trágicos e, ao mesmo tempo, esperançosos em que vivemos. Trágicos, pela ameaça constante, do já presente e alarmante desequilíbrio climático extremo em que já vivemos. Notoriamente percebido e demonstrado pelos cientistas, entre outros, no fenômeno do aquecimento global, que ameaça destruir em chamamos a nossa morada comum, o planeta Terra. Esperançosos, porque percebemos que cada vez mais as pessoas estão acordando para a responsabilidade ambiental, para o cuidado com o futuro da vida, da humanidade e da grande mãe Terra.

Este futuro só será bem-sucedido, se colocarmos como horizonte utópico, a ser perseguida, as concepções boffinianas de sustentabilidade e os princípios da *Carta da Terra*, em todas as esferas de nossa vida teórica e prática.

Alguns líderes mundiais percebem, lentamente, que a origem da crise econômica mundial, a qual já é sistêmica, não se encontra na economia, mas na ética. Ou melhor, na ausência de ética para com os povos do grande sul, os povos da América Latina, da África e da Ásia. Essa ausência de ética, bem caracterizada pelo excesso de ganho de poucos em detrimento da pauperização da maioria da humanidade e da natureza, que foi exaurida, poluída excessivamente, com extinções cotidianas de espécies e de formas de vida que levaram milhões de anos para evoluir.

Mais do que nunca, se faz necessário que a humanidade se pergunte: Que tipo de sustentabilidade os países ricos e industrializados podem proporcionar para a Terra, se os mesmos não conseguem sequer sustentabilidade para os seus mercados e suas economias?

Apesar dos graves problemas e desafios que passa a humanidade atualmente, esse mal-estar em nossa civilização irá passar, segundo Boff, prevalecendo assim o bom senso e o instinto de sobrevivência do *homo sapiens demens*. Bom senso esse que colocará em xeque o paradigma moderno da dominação e destruição da natureza e da humanidade, viabilizando, assim, a sua substituição pelo paradigma do cuidado e da responsabilidade planetária para com todas as formas de vida.

Tal processo viabilizará a restauração do vigor da Terra e assegurará um futuro melhor, praticando-se, nesse, uma autêntica sustentabilidade. Que como já se disse ela pode ser resumida na ação de tirar da Terra somente aquilo que necessitamos para vivermos com dignidade e nada mais. Suprindo as necessidades fúteis da geração atual, sem comprometer as necessidades das futuras gerações: nossos filhos e netos. Neste sentido, é urgente e necessário a desmistificação das ilusões de que é possível haver crescimento econômico ilimitado, e de que os recursos naturais de nosso planeta são infinitos e totalmente renováveis.

Sendo assim, conclui-se este modesto trabalho acadêmico com evocações de otimismo e esperança, citando e concordando com o mestre Leonardo Boff: “Não estamos diante de uma tragédia anunciada, mas no coração de uma crise fundamental que vai nos acrisolar, purificar e permitir dar um salto rumo a uma humanidade sustentável habitando um mundo que juntos podemos fazê-lo existir sustentavelmente. [...] Depende de nós impedirmos que as atuais

crises virem tragédias. Não temos medo da noite porque cremos nas estrelas e esperamos a aurora que se anuncia”.²⁴⁹

O autor desta dissertação em Boff acredita que somos originalmente seres de cooperação, solidariedade e que, com consciência ambiental e união, superaremos a atual grave crise que se configura. Isso porque, cada vez mais, as pessoas acreditam nessa máxima e, assim, lentamente, o novo paradigma ecológico ético-ecológico, ainda que não plenamente, vai se constituindo. Ele está sendo gestado e se configurará rumo à “era ecozóica”.

²⁴⁹ Depoimento de Boff impresso em folheto de divulgação da obra do autor, publicado em 2010 pela Editora Vozes.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

5.1 Bibliografia primária

BOFF, Leonardo. **São Francisco de Assis - ternura e vigor:** uma leitura a partir dos pobres. Petrópolis: Vozes, 1981.

BOFF, Leonardo; KRENAK, Ailton. “**Natureza e sagrado:** a dimensão espiritual da consciência ecológica”. *In.*: UNGER, Nancy Mangabeira (org.). **Fundamentos filosóficos do pensamento ecológico.** São Paulo: Loyola. 1992.

BOFF, Leonardo. **Ecologia, mundialização e espiritualidade:** a emergência de um novo paradigma. 2 ed. São Paulo : Ática, 1993.

BOFF, Leonardo. **Dignitas Terrae - Ecologia:** grito da Terra, grito dos pobres. São Paulo: Ática, 1995.

BOFF, Leonardo. **Princípio-Terra:** a volta à terra como pátria comum. São Paulo: Ática, 1995.

BOFF, Leonardo. “Da Libertação e ecologia: desdobramento de um mesmo paradigma”. *In.*: ANJOS, Márcio Fabri dos. **Teologia e novos paradigmas.** São Paulo: Soter/Loyola, 1996.

BOFF, Leonardo. **Homem:** satã ou anjo bom? Rio de Janeiro: Record, 1998

BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha:** uma metáfora da condição humana. 24 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

BOFF, Leonardo. **Nova Era - a civilização planetária:** desafios à sociedade e ao cristianismo. São Paulo : Ática, 1998.

BOFF, Leonardo. **O despertar da águia:** o dia-bólico e o sim-bólico na construção da realidade. Petrópolis : Vozes, 1998.

BOFF, Leonardo. **Ética da vida.** Brasília : Letraviva, 1999.

BOFF, Leonardo. “O ecocídio e o biocídio”. *In.*: SADER, Emir (org.). **7 pecados do capital.** Rio de Janeiro: Record, 1999.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar - ética do humano:** compaixão pela terra. Petrópolis: Vozes, 1999.

BOFF, Leonardo; BETTO, Frei. **Mística e espiritualidade.** 2 ed. Rio de Janeiro : Rocco, 1999.

BOFF, Leonardo. **A voz do arco-íris.** Brasília: Letraviva, 2000.

BOFF, Leonardo. **Depois de 500 anos:** que Brasil queremos? Petrópolis: Vozes, 2000.

- BOFF, Leonardo. **Ethos mundial:** um consenso mínimo entre os humanos. Brasília: Letraviva, 2003.
- BOFF, Leonardo. **Civilização Planetária:** desafios à sociedade e ao cristianismo. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- BOFF, Leonardo. **Virtudes para um outro mundo possível - hospitalidade:** direito e dever de todos. vol. I. Petrópolis: Vozes, 2005.
- BOFF, Leonardo. **Virtudes para um outro mundo possível:** convivência, respeito e tolerância. vol II. Petrópolis: Vozes, 2006.
- BOFF, Leonardo. **Ética e moral:** a busca dos fundamentos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- BOFF, Leonardo. **Opção Terra:** a solução para a terra não cai do céu. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2009.
- BOFF, Leonardo. **Cuidar da Terra, proteger a vida:** como evitar o fim do mundo. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- BOFF, Leonardo. **Ética e ecoespiritualidade.** Petrópolis: Vozes, 2010.
- BOFF, Leonardo. **As quatro ecologias:** ambiental, política e social, mental e integral. Rio de Janeiro: Mar de Idéias: Animus anima, 2012.
- BOFF, Leonardo; HATHAWAY, Mark. **O tao da libertação:** explorando a ecologia da transformação. Petrópolis, R. J. : Editora Vozes, 2012.
- BOFF, Leonardo. **Sustentabilidade:** o que é – o que não é. Petrópolis, RJ: Vozes. 2012.
- BOFF, Leonardo. **O cuidado necessário:** na saúde, na educação, na ecologia, na ética e na espiritualidade. Petrópolis, RJ, Vozes: 2012.

5.2.1 Obras de Outros Autores

- ADORNO, Theodor W. **A dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2011.
- AVELINE, Carlos Cardoso. **A vida secreta da natureza**. Porto Alegre: Editora FURB, 1999.
- BAPTISTA, Paulo Agostinho Nogueira. **Diálogo e ecologia**: a teologia teoantropocósmica de Leonardo Boff, dissertação de mestrado, ICHL, UFJF, Juiz de Fora, 2001.
- BAPTISTA, Paulo Agostinho Nogueira. **Libertação e diálogo**: A articulação entre a teologia da libertação e teologia do pluralismo religioso em Leonardo Boff, tese de doutorado na UFJF, 2007.
- BECKERT, Cristina (Org.). **Ética ambiental**: uma ética para o futuro. Lisboa: SPF, 2003.
- BECKERT, Cristina (Org.). **Natureza e ambiente**: representações na Cultura Portuguesa. Lisboa: SPF, 2001.
- BRAUN, Ricardo. **Novos paradigmas ambientais**: *desenvolvimento ao ponto sustentável*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2008.
- CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**. São Paulo: Ed. Cultrix, 2004.
- CARTA DA TERRA. Disponível em: <www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/arquivos/carta_terra.doc>. Acesso em: 17 maio de 2009.
- CHASIN José. **Método dialético**. Aulas ministradas durante o curso de pós-graduação em Filosofia Política, promovido pelo Dep. De Filosofia e História da Universidade Federal de Alagoas, de 25/01 a 06/02 de 1988. Transcrição Literal.
- CHAUÍ, Marilena. **Iniciação á filosofia**. 1ª edição. São Paulo: Ática, 2010.
- FABRI, M. dos Anjos. **Teologia e novos paradigmas**. São Paulo: Soter/Loyola, 1996.
- FERRY, Luck. **A nova ordem ecológica**: a árvore, o animal e o homem. Ed. Difel, 2009.
- GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus, 1990.
- GUIMARÃES, Juarez. **Leituras Críticas sobre Leonardo Boff**. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.
- HALKING, S. W. **Uma breve história do tempo**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.
- JAPIASSU, H. **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar edições, 2006.
- JUNGUES, José Roque. **Ética ambiental**. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2004.
- KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. 7.ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

- KUNG, Hans. **Teologia a caminho**: fundamentação para o diálogo ecumênico. São Paulo: Paulinas, 1999.
- KUNG, Hans. **Projeto de Ética Mundial**. São Paulo: Paulinas, 1999.
- LAGO, Antonio. **O que é ecologia**. Coleção primeiros passos. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- LIBANIO, João Batista. “Pensamento de Leonardo Boff”. *In.:* Guimarães, Juarez. **Leituras críticas sobre Leonardo Boff**. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.
- LIBANIO, João Batista. **Ecologia: vida ou morte**. São Paulo: Paulus, 2012.
- LOVELOCK, James. **A vingança de Gaia**. 1ª Ed. Rio de Janeiro Brasil, Editora Intrínseca, 2006.
- LOVELOCK, James. **Gaia: cura para um planeta doente**. 1ª Ed. Rio de Janeiro:Brasil, Editora Cultrix, 2006.
- Lovelock, James. **Gaia: alerta final**. Rio de Janeiro Ed. Intrínseca, 2010.
- LOWY, Michael. **Ecologia e socialismo**. São Paulo: Cortez, 2005.
- MALDONADO, Tomás. **Meio ambiente e ideologia**. Lisboa: Socicultur. s/d.
- MORA, José Ferrater. **Dicionário de filosofia**. Lisboa: Dom Quixote, 1982.
- MORRIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 2001
- MORRIN, Edgar. **O método 1: a natureza da natureza**. Portugal: Publicações Europa-América, 1977.
- MORRIN, Edgar. **O método 5: a humanidade da humanidade**. Editora Sulinas. 2003
- MORRIN, Edgar. **Terra pátria**. Porto Alegre: Editora Sulinas. 2003
- MORRIN, Edgar. **A Cabeça bem feita**. A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- OST, François. **A natureza à margem da lei: a ecologia à prova do Direito**. Lisboa: Instituto Piaget. 1995.
- PEREIRA, Maurício Tavares. **A Cosmologia da Transformação: Ética, Ecologia e Sustentabilidade em Leonardo Boff**. in: Anais do VIII Simpósio Nacional Filosófico Teológico da FAJE/BH – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Novembro de 2012.
- SUSIN, Luiz Carlos. **Nosso planeta, nossa vida: ecologia e teologia**. São Paulo: Paulinas, 2011.
- VARANDAS, Maria José. **O valor do mundo natural: perspectivas para uma ética Ambiental**. Lisboa. SEA. 2003

5.2.2 Bibliografia de Leonardo Boff

BOFF, Leonardo. **O evangelho do Cristo cósmico**: a realidade de um mito e o mito de uma realidade. Petrópolis: Vozes, 1971.

BOFF, Leonardo. **Vida religiosa e secularização**. Rio de Janeiro: CRB, 1971.

BOFF, Leonardo et al. **Oração no mundo secular**: desafio e chance. Petrópolis: Vozes, 1971, p.13-53.

BOFF, Leonardo. **Die Kirche als sakrament im horizont der Welterfahrung versuch einer legitimation und einer struktur-funktionalistischen grundlegung der kirche im anschluß an das II.Vatikanische Konzil**. Paderborn : Verlag Bonifacius-Druckerei, 1972.

BOFF, Leonardo. **O destino do homem e do mundo**: introdução à teologia da vocação. Rio de Janeiro: CRB, 1972.

BOFF, Leonardo. **Jesus Cristo Libertador**: ensaio de cristologia crítica para o nosso tempo. 7 ed. (1 ed. 1972). Petrópolis: Vozes, 1979.

BOFF, Leonardo. “A crise de fé como chance de nova vida: elementos de uma teologia da crise.” *In.*: CINTRA, Frei Raimundo (Coord.). **Credo para amanhã**. v.3. Petrópolis: Vozes, 1972.

BOFF, Leonardo. **O destino do homem e do mundo**: introdução à teologia da vocação. Rio de Janeiro: CRB, 1972. BOFF, Leonardo. **A ressurreição de Cristo**: a nossa ressurreição na morte. Petrópolis: Vozes, 1972.

BOFF, Leonardo. **Pecado, penitência, conversão**. Goiânia: Regional Centro Oeste da CNBB, 1973. [mimeo].

BOFF, Leonardo. **Vida para além da morte - o presente**: seu futuro, sua festa, sua contestação. 8 ed. Petrópolis : Vozes, 1984.

BOFF, Leonardo. **O destino do homem e do mundo** - ensaio sobre a vocação humana. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1973.

BOFF, Leonardo. “A igreja sacramento do Espírito Santo”. *In.*: GUIMARÃES, Almir Ribeiro (org.). **O Espírito Santo**: pessoa, presença, atuação. Petrópolis: Vozes, 1973.

BOFF, Leonardo. “A era do Espírito Santo”. *In.*: GUIMARÃES, Almir Ribeiro (org.). **O Espírito Santo**: pessoa, presença, atuação. Petrópolis : Vozes, 1973, p. 145-157.

BOFF, Leonardo. **Atualidade da experiência de Deus**. Rio de Janeiro: CRB, 1974.

BOFF, Leonardo. “Experimentar a Deus hoje”. *In.*: BETTO, Frei et al. **Experimentar Deus hoje**. Petrópolis : Vozes, 1974.

BOFF, Leonardo. “As imagens de Cristo presentes no cristianismo liberal no Brasil”. *In.*: BOFF, L. et al. **Quem é Jesus Cristo no Brasil?** São Paulo : ASTE, 1974.

BOFF, Leonardo. **Teologia desde el cautiverio**. Editorial Stella: Bogotá, 1975.

BOFF, Leonardo. **Minima sacramentalia**: os sacramentos da vida e a vida dos sacramentos - ensaio de teologia narrativa. 7 ed. (1 ed. 1975) Petrópolis: Vozes, 1980

.BOFF, Leonardo. “Masculino e feminino: o que é? - fragmentos de uma ontologia”. *In.*: TIERNY, Ir. Jeanne Marie et al. **A mulher na igreja**: presença e ação hoje. 2 ed. Rio-Petrópolis : CRB-Vozes, 1976.

BOFF, Leonardo. “Libertação de Jesus Cristo pelo caminho da opressão: uma leitura latino-americana”. *In.*: VARGAS-Machuca, A. **Teologia e mundo contemporâneo**: homenagem a K. Rahner en su 70 cumpleaños. Madrid : Ediciones Cristiandad, 1975.

BOFF, Leonardo. “Jesus de Nazaré e Francisco de Assis: articulações diferentes de um mesmo mistério”. *In.*: NEOTTI, Clarêncio. **Nosso irmão Francisco de Assis**. Petrópolis: Vozes, 1975, p. 111-35.

BOFF, Leonardo. **Vida religiosa e a igreja no processo de libertação**. 2 ed. Petrópolis: Vozes/CRB. 1976. 101p.

BOFF, Leonardo. **A graça libertadora no mundo**. 4 ed.. Petrópolis : Vozes, 1990

BOFF, Leonardo. **Teologia do cativo e da libertação**. 2 ed. Petrópolis : Vozes, 1980.

BOFF, Leonardo. **Encarnação**: a humanidade e a jovialidade de nosso Deus. 2 ed.. Petrópolis: Vozes, 1977. BOFF, Leonardo. **Eclesiogênese**: as comunidades eclesiais de base reinventam a igreja. Petrópolis: Vozes, 1977.

BOFF, Leonardo. **Paixão de Cristo, paixão do mundo**: os fatos, as interpretações e o significado ontem e hoje. 2 ed. Petrópolis : Vozes, 1978.

BOFF, Leonardo. “Liberación de Jesucristo por el camino de la opresión”. *In.*: GIBELLINI, Rosino. **La nueva frontera de la teología em America Latina**. Salamanca: Ed. Sígueme, 1977.

BOFF, Leonardo. **A fé na Periferia do mundo**. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 1991. BOFF, Leonardo. **Via-sacra da justiça**. 2 ed. (1 ed. 1978). Petrópolis : Vozes, 1980. BOFF, Leonardo. “Apreciação Teológica da Renovação Carismática Católica analisada sociologicamente”. *In.*: OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de et al. **Renovação Carismática Católica**. Petrópolis: Vozes, 1978.

BOFF, Leonardo. **O rosto materno de Deus**: ensaio interdisciplinar sobre o feminino e suas formas religiosas. 7 ed.. Petrópolis: Vozes, 1998.

- BOFF, Leonardo. **O Pai-Nosso**: a oração da libertação integral. 8 ed.. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BOFF, Leonardo et al (Coord.). Roberto Burle Marx. **Homenagem à natureza**. Petrópolis: Vozes, 1979.
- BOFF, Leonardo; BOFF, Clodovis. **Da libertação**: o sentido teológico das libertações sócio-históricas. 2 ed. Petrópolis : Vozes, 1980.
- BOFF, Leonardo. A libertação em Puebla. BOFF, Leonardo et al. Puebla: análise, perspectivas, interrogações. São Paulo: Paulinas, 1979.
- BOFF, Leonardo. “Os desafios da vida consagrada à luz de Puebla”. *In.*: PALMES, Carlos et al. **Puebla**: desafios à vida religiosa. Rio de Janeiro: CRB, 1979.
- BOFF, Leonardo. “Pobreza: advertência e condenação”. *In.*: ROCHA, Adair Leonardo; SOUZA, Luiz Alberto Gómez de. **O povo e o papa**: balanço crítico da visita de João Paulo II ao Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- BOFF, Leonardo. *João Paulo II: casamento de vigor e ternura*. *In.*: ROCHA, Adair Leonardo; SOUZA, Luiz Alberto Gómez de. *O povo e o Papa. Balanço crítico da visita de João Paulo II ao Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- BOFF, Leonardo. *O teólogo e o magistério*. *In.*: ROCHA, Adair Leonardo; SOUZA, Luiz Alberto Gómez de. *O povo e o Papa. Balanço crítico da visita de João Paulo II ao Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980, p. 196-8.
- SOUZA, Luiz Alberto Gomez de; BOFF, Leonardo (Orgs.). D. Oscar Romero, *Bispo Mártir*: Homilias. Petrópolis: Vozes, 1980.
- BOFF, Leonardo. **O Caminhar da igreja com os oprimidos**: do vale de lágrimas à terra prometida. 2 ed. Rio de Janeiro: Codecri, 1981.
- BOFF, Leonardo. **Ave Maria, o feminino e o Espírito Santo**. 6 ed. Petrópolis : Vozes, 1998.
- BOFF, Leonardo. **Libertar para a comunhão e participação**. Rio de Janeiro: CRB, 1980.
- BOFF, Leonardo. “O cristão e a luta pela justiça”. *In.*: SANTOS, Beni dos et al. **A família em nossa sociedade de conflitos**. São Paulo: Paulinas, 1980.
- BOFF, Leonardo. **O Franciscanismo no Mundo de hoje**. Petrópolis: Vozes, 1981.
- BOFF, Leonardo. “Uma cristologia a partir do povo oprimido”. *In.*: HIPÓLITO, Dom Adriano et al. **Pastoral popular libertadora**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1981.
- BOFF, Leonardo. **Igreja, carisma e poder**: ensaios de eclesiologia militante. 3 ed.- Petrópolis: Vozes, 1982

- BOFF, Leonardo. **Vida segundo o Espírito**. Petrópolis: Vozes, 1982.
- BOFF, Leonardo. **O coordenador leigo e a celebração da ceia do Senhor**. Petrópolis: Vozes, 1982.
- BOFF, Leonardo. **Via-sacra da ressurreição**. Petrópolis: Vozes, 1982.
- BOFF, Leonardo. “De la espiritualidad de la liberación a la practica de la liberación”. *In.*: BONIN, Eduardo (Ed.) **Espiritualidad y liberación en América Latina**. San José: DEI, 1982.
- BOFF, Leonardo. **Via-Sacra da Ressurreição: a paixão, a morte e a ressurreição na vida de cada pessoa**. Petrópolis: Vozes, 1983.
- BOFF, Leonardo. (Coord.). **Mestre Eckhart: a mística de ser e de não ter**. Petrópolis: Vozes, 1983.
- BOFF, Leonardo. **Pelos pobres contra a pobreza**. Teófilo Otoni: Centro Povo Atualizado, 1983.
- BOFF, Leonardo. “Direitos dos pobres como direitos de Deus”. *In.*: SOARES, Ismar de O.; PUNTEL, Joana P.; FLEURI, R.M. (Org.). **Direitos humanos: um desafio à comunicação**. São Paulo: Paulinas, 1983.
- BOFF, Leonardo. “Comunicação, libertação e direitos humanos: releitura do discurso da Igreja no Brasil”. *In.*: SOARES, Ismar de O.; PUNTEL, Joana P.; FLEURI, R.M. (Org.). **Direitos humanos: um desafio à comunicação**. São Paulo: Paulinas, 1983.
- BOFF, Leonardo. “A pobreza franciscana no contexto do Terceiro Mundo”. *In.*: BOFF, Leonardo; BÜHLMANN, Walbert. **Os franciscanos ante os desafios do terceiro mundo**. Petrópolis: Vozes/Cefepal, 1983.
- BOFF, Leonardo. **Do Lugar do Pobre**. 2 ed. Petrópolis : Vozes, 1984.
- BOFF, Leonardo. **Teologia à escuta do povo**. Petrópolis: Vozes, 1984.
- BOFF, Leonardo. **Como pregar a cruz hoje numa sociedade de crucificados?** Petrópolis: Vozes, 1984.
- BOFF, Leonardo. “Liberación como teoria o como acción práctica”. *In.*: ARRIETA, Roman et al. **Teología de la liberación: documentos sobre una polemica**. San José: Cadernos Dei n. 9, 1984.
- BOFF, Leonardo. **Francisco de Assis: o homem do paraíso**. Petrópolis: Vozes. 1985.
- BOFF, Clodovis. **Teologia da libertação no debate atual**. Petrópoli : Vozes, 1985.

BOFF, Leonardo. “Minha convocação a Roma junto às instâncias doutrinárias da Igreja e a comunicação”. *In.*: SOARES, Ismar de O.; PUNTEL, Joana T. (Org.). **Comunicação, igreja e estado na América Latina**. São Paulo: Paulinas, 1985.

BOFF, Leonardo. **A trindade, a sociedade e a libertação**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

BOFF, Leonardo. *E a Igreja se fez Povo*. Eclesiogênese: a Igreja que nasce da fé do povo. Petrópolis: Vozes, 1986.

BOFF, Clodovis. **Como fazer teologia da libertação**. Petrópolis: Vozes, 1986.

BOFF, Leonardo. “Dom Aloísio, teólogo, amigos dos teólogos e defensor da liberdade de pensamento”. *In.*: CRUZ, Manuel Edmilson et al. **25 anos Pastor e Profeta: da arquidiocese de Fortaleza ao seu pastor Dom Aloísio Lorscheider**. Petrópolis: Vozes, 1987.

BOFF, Leonardo. “Fé, Teologia da Libertação e compromisso político-partidário”. *In.*: BOFF, Clodovis et al. **Cristãos: como fazer política**. Petrópolis: Vozes, 1987.

BOFF, Leonardo. **A santíssima trindade é a melhor comunidade**. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

BOFF, Leonardo. “Hélio Pellegrino: quatro lados de um mesmo rosto”. *In.*: MOURA, João C. (org.). **Hélio Pellegrino, A-Deus**. Petrópolis : Vozes, 1988. 250p.

BOFF, Leonardo. “Leigos e ministérios”. *In.*: BEOZZO, José Oscar. **Curso de Verão**. ano I. São Paulo: CESEP/Paulinas, 1988.

BOFF, Leonardo. “Um balanço de corpo e alma”. *In.*: BOFF, L. et al. **O que ficou: balanço aos 50**. 2 ed. Petrópolis : Vozes, 1989.

BOFF, Leonardo; BOFF, Clodovis. *Igreja, Reino de Deus*, CEBs. *In.*: BEOZZO, José Oscar. **Curso de Verão Ano II**. CESEP/Paulinas, 1989, p. 65-98.

BOFF, Leonardo; BETTO, Frei; DÁVALOS, Armando Hart. *La unidad de cristianos y marxistas: una utopía realizable?*. Centro de Estudios sobre América, 1989. 65p.

BOFF, Leonardo. “Indignação e ternura”. *In.*: NIEMEYER, Oscar et al. **Sedução**. Rio de Janeiro: Terceira Margem, 1989.

BOFF, Leonardo. “Que eclesiologia corresponde à realidade Latino-americana?” *In.*: SCHWANTES, Milton et al. **Dor, resistencia e esperanza cristã na América Latina: memoria de um seminário da Federação Luterana Mundial**. São Leopoldo: Sinodal, 198.

BOFF, Leonardo. **Nova Evangelização: perspectiva dos oprimidos**. Fortaleza: Vozes, 1990.

BOFF, Leonardo. “Active nonviolence: the political and moral power of the poor”. *In.*: McMANUS, Philip; SCHLABACH, Gerald. **Relentless Persistence: nonviolent action in Latin America**. Philadelphia: New Society Publishers, 1990. BOFF, Leonardo. “Trindad”. *In.*:

ELLACURÍA, Ignacio; SOBRINO, Jon. *Mysterium liberationis*. Conceptos fundamentales de la teología de la liberación I. Madrid: Ed. Trotta, 1990.

BOFF, Leonardo. **La misión del teólogo en la iglesia**. Estella: Verbo Divino, 1991. BOFF, Leonardo. **Seleção de textos militantes**. Petrópolis: Vozes, 1991.

BOFF, Leonardo. **Seleção de textos espirituais**. Petrópolis : Vozes, 1991.

BOFF, Leonardo. “O Deus defensor dos direitos do pobre: o clamor do pobre e o Deus da vida”. *In.*: ALDUNATE, José (coord.). **Direitos humanos, direitos dos pobres**. São Paulo: Vozes, 1991.

ASSMANN, Hugo (ed.). **René Girardi com Teólogos da Libertação**. Petrópolis- Piracicaba: Vozes-Unimep, 1991, p. 19, 34-5; 40-1; 56-8; 83-6.

BOFF, Leonardo. **América Latina: da conquista à nova Evangelização**. 3 ed. São Paulo: Ática, 1992.

BOFF, Leonardo. “Opção pelos pobres, teologia da libertação e Socialismo hoje”. *In.*: VIGIL, José Maria. **Opção pelos pobres**. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 133-151.

BOFF, Leonardo. “Ecologia: política, teologia e mística”. *In.*: BEOZZO, José Oscar (org.). **Curso de verão**. ano VI. São Paulo: CESEP/Paulinas, 1992, p. 83-120.

BOFF, Leonardo; KRENAK, Ailton. “Natureza e sagrado: a dimensão espiritual da consciência ecológica”. *In.*: UNGER, Nancy Mangabeira (org.). **Fundamentos filosóficos do pensamento ecológico**. São Paulo: Loyola. 1992, p.75-84.

BOFF, Leonardo. **Ecologia, mundialização e espiritualidade: a emergência de um novo paradigma**. 2 ed. São Paulo : Ática, 1993.

BOFF, Leonardo. **Nova Era - a civilização planetária: desafios à sociedade e ao cristianismo**. 3 ed. São Paulo: Ática, 1998.

BOFF, Leonardo. **Igreja, carisma e poder: ensaios de eclesiologia militante**. São Paulo: Ática, 1994.

BOFF, Leonardo; BETTO, Frei. **Mística e espiritualidade**. 2 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

BOFF, Leonardo. “O futuro do Cristianismo na América Latina: um novo desafio teológico-religioso”. *In.*: MOREIRA, Alberto e ZICMAN, Renée (org.). **Misticismo e novas religiões**. Petrópolis : Vozes, 1994, p. 141-161.

BOFF, Leonardo. **A função da universidade na construção da soberania nacional e da cidadania**. Rio de Janeiro: UERJ, 1994.

- BOFF, Leonardo. “Uma erótica nova: utopia?” *In.*: ALBORNOZ, Celina; KÜHNER, Maria Helena. **Homem, mulher**: uma relação em mudança. Rio de Janeiro: Centro Cultural do Banco do Brasil, 1994, p. 77-93.
- BOFF, Leonardo. **Dignitas Terrae - Ecologia**: Grito da Terra, grito dos pobres. São Paulo: Ática, 1995.
- BOFF, Leonardo. **Princípio-terra**: a volta à terra como pátria comum. São Paulo: Ática, 1995.
- BOFF, Leonardo. (org.). **Igreja**: entre norte e sul. São Paulo: Ática, 1995.-
- BOFF, Leonardo. (org.). **A Teologia da Libertação**: balanço e perspectivas. São Paulo: Ática, 1996.
- BOFF, Leonardo. **Brasa sob cinzas**: estórias do anti-cotidiano. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- BOFF, Leonardo. *et al.* **Mística do animador popular**. São Paulo: Ática, 1996.
- BOFF, Leonardo. “Da Libertação e ecologia: desdobramento de um mesmo paradigma”. *In.*: ANJOS, Márcio Fabri dos. **Teologia e novos paradigmas**. São Paulo: Soter/Loyola, 1996.
- BOFF, Leonardo. **Cebs e ministérios na perspectiva do terceiro milênio**. Brasília: IV Congresso Internacional dos Padres Católicos Casados e suas famílias, 1996.
- BOFF, Leonardo. “Identidade e complexidade”. *In.*: CASTRO, Gustavo (org.). **Ensaio de complexidade**. Porto Alegre: Sulina, 1997, p.61-74.
- LELOUP, Jean-Yves, BOFF, Leonardo. **Terapeutas do deserto**: de Fílon de Alexandria e Francisco de Assis a Graf Dürckheim. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- LIMA, Lise Mary A. (org.) **Espírito na saúde**. 2 ed. (1 ed. 1997) Petrópolis : Vozes, 1997.
- BOFF, Leonardo. “Ética mundial e processo de mundialização”. *In.*: HÜHNE, Leda Miranda (Org.). **Ética**. Rio de Janeiro: Uapê-SEAF, 1997.
- BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha**: uma metáfora da condição humana. 24 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BOFF, Leonardo. **O despertar da águia**: o dia-bólico e o sim-bólico na construção da realidade. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BOFF, Leonardo. **O resgate das muitas dívidas ecológicas**: resgatando dívidas 7 - dívidas ambientais. Col. Resgatando Dívidas. 3ª Semana Social Brasileira 1997-1999. Brasília: CNBB, 1998.
- BOFF, Leonardo. **Saber cuidar**: ética do humano - compaixão pela terra. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BOFF, Leonardo. **Ética da vida**. Brasília : Letraviva, 1999.

BOFF, Leonardo. **A oração de São Francisco: uma mensagem de paz para o mundo atual.** Rio de Janeiro: Sextante, 1999.

BOFF, Leonardo. **Coríntios.** Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

BOFF, Leonardo. “A dificuldade de ser gay”. *In.*: LINS, Regina Navarro. **Conversas na varanda: um debate leve e provocante sobre a sexualidade brasileira.** Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

BOFF, Leonardo. “Comentário ao artigo 19”. *In.*: CASTRO, Reginaldo Oscar de. **Direitos humanos: conquistas e desafios.** Brasília: Letraviva, 1999, p. 247-255.

BOFF, Leonardo. “O ecocídio e o biocídio”. *In.*: SADER, Emir (org.). **7 Pecados do Capital.** Rio de Janeiro : Record, 1999, p. 31-55.

BOFF, Leonardo. **A voz do arco-íris.** Brasília: Letraviva, 2000.

BOFF, Leonardo. **Depois de 500 anos: Que Brasil queremos?** Petrópolis: Vozes, 2000. 127p.

BOFF, Leonardo. **Ethos mundial: um consenso mínimo entre os humanos.** Brasília: Letraviva, 2003.

BOFF, Leonardo. **Ética mundial: un consenso mínimo entre los humanos.** Madrid: Casa de América, 2000.

BOFF, Leonardo. **Tempo de transcendência: o ser humano como um projeto infinito.** Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

BOFF, Leonardo. **Natal: a humanidade e a jovialidade de nosso Deus.** Petrópolis: Vozes, 2000. 104 p. (5ª re-edição modificada do livro Encarnação. A humanidade e a jovialidade de nosso Deus. Petrópolis).

BOFF, Leonardo. “Teologia sob o signo da transformação”. *In.*: SUSIN, Luiz Carlos (org.). **O mar se abriu: trinta anos de teologia na América Latina.** São Paulo : Loyola, 2000.

BOFF, Leonardo. “O magistério do universo”. *In.*:ROCHA, Zildo (org.). **Helder, o Dom.** 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

BOFF, Leonardo. “A perigosa travessia para a República Mundial”. *In.*:ARAÚJO, Washington (Coord.). **Quem está escrevendo o futuro? 25 textos para o século XXI.** Brasília: Letraviva, 2000.

ARRUDA, Marcos; BOFF, Leonardo. **Globalização, desafios socioeconômicos, éticos e educativos: uma visão a partir do sul.** Petrópolis: Vozes, 2000.

BOFF, Leonardo. “O pobre, a nova cosmologia e libertação - Como enriquecer a Teologia da Libertação”. *In.*: SUSIN, Luiz C. (org.) **Sarça ardente, teologia na América Latina: prospectivas.** São Paulo : Paulinas, 2000.

BOFF, Leonardo. “Desafios ético-ecológicos: atitudes novas face a uma realidade nova”. *In.*: FREITAS, Marilene de (Org.). **Cidadania Mundial: a base da paz**. Mogi-Mirim: Planeta Paz, 2000, p. 81-86.

BOFF, Leonardo. “Cuidado: o ethos do humano”. *In.*: FERREIRA, Gina; FONSECA, Paulo (Orgs). **Conversando em casa**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

BOFF, Leonardo. “A ética na ciência, bioética e o projeto Genoma”. *In.*: BAYMA, Fátima; KASZNAR, Istvan (Orgs.). **Saúde e previdência social**. São Paulo: Makron Books, 2000, p. 181-192.

BOFF, Leonardo. **Princípio de compaixão e cuidado**. Petrópolis : Vozes, 2001

BOFF, Leonardo. **Casamento entre o céu e a terra**. Salamandra: Rio de Janeiro. 2001.

BOFF, Leonardo. **Espiritualidade: um caminho de transformação**. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

BOFF, Leonardo. **As duas pilstras que sustentam o sonho da Editora Vozes: o testemunho agradecido de um ex-editor**. *In.*: ANDRADE, Marcelo Ferreira de (Coord.). Petrópolis: Vozes, 2001, p. 265-271.

BOFF, Leonardo. “Ways of experiencing god today”. *In.*: SHARMA, Arvind (Ed.). **Religion in a secular city: essays in Honor of Harvey Cox**. Harrisburg: Trinity Press International, 2001, p. 142-147.

BOFF, Leonardo. **Fundamentalismo: a globalizacao e o futuro da humanidade**. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

BOFF, Leonardo. **Do Iceberg à arca de Noé: o nascimento de uma ética planetária**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

BOFF, Leonardo. **Experimentar Deus: a transparência de todas as coisas**. Campinas: Verus, 2002.

BOFF, Leonardo. **Crise: oportunidade de crescimento**. Campinas: Verus, 2002. 212 p.

MURARO, Rose; BOFF, Leonardo. **Feminino e masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças**. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

BOFF, Leonardo. João Batista Libanio: *teologia peregrina*. Pequeno ensaio de teologia “trivial”. *In.*: KONINGS, Johan (Org.). **Teologia e Pastoral**. Homenagem ao Pe. Libanio. São Paulo: Loyola, 2002,.

BOFF, Leonardo. “Cuidar da vida e da criação”. *In.*: BEOZZO, José Oscar (Org.). **Curso de verão – Ano XVI: Saúde – cuidar da vida e da integridade da criação**. São Paulo: Paulus/CESEP, 2002.

BOFF, Leonardo. “Cosmologia contemporânea, ecologia e a questão de Deus”. *In.*: OLIVEIRA, Manfredo; ALMEIDA, Custódio. **O Deus dos Filósofos contemporâneos**. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 222-47.

BOFF, Leonardo. **O senhor meu pastor**: consolo divino para o desamparo humano. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

BOFF, Leonardo. **Via-sacra para quem quer viver**. Campinas: Verus, 2003.

BOFF, Leonardo. **A cruz nossa de cada dia**: fonte de vida e ressurreição. Campinas: Verus, 2003.

BOFF, Leonardo. **Ética e eco-espiritualidade**. Campinas: Verus, 2003.

BOFF, Leonardo. **Civilização Planetária**: desafios a sociedade e ao cristianismo. Rio de Janeiro: Sextante, 2003. 132 p.(publicado originalmente com o título - *Nova Era*: a civilização planetária. Desafios à sociedade e ao cristianismo. São Paulo : Ática, 1994.

BOFF, Leonardo. **Terra América**: imagens com Marco Antonio Miranda. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

BOFF, Leonardo. **Ética e moral**: a busca dos fundamentos. Petrópolis: Vozes, 2003.

BOFF, Leonardo. “Ecologia e espiritualidade”. *In.*: TRIGUEIRO, André (Coord.). **Meio ambiente no século 21**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003, p. 35-43.

BOFF, Leonardo. “Masculino, feminino: o que é ser humano?”. *In.*:SOTER (Org.). **Gênero e teologia**: interpelações e perspectivas. São Paulo: Paulinas/Loyola/Soter, 2003, p. 203-16.

BOFF, Leonardo. “Democracia ecológico-social”. *In.*: OLIVEIRA, Pedro Ribeiro de. **Fé e política**: fundamentos. Aparecida: Idéias & Letras, 2004,

BOFF, Leonardo. “Refundação da dignidade humana a partir da nova cosmologia”. OLIVEIRA, Pedro Ribeiro de. **Fé e política**: fundamentos. Aparecida: Idéias & Letras, 2004.

BOFF, Leonardo. “Fundamentos dos Direitos Humanos: o respeito a todo o ser”. *In.*: OLIVEIRA, Pedro Ribeiro de. **Fé e política**: fundamentos. Aparecida: Idéias & Letras, 2004.

BOFF, Leonardo; MIRANDA, Márcia. “A contribuição dos militantes cristãos na política partidária”. OLIVEIRA, Pedro Ribeiro de. *In.*: **Fé e política**: fundamentos. Aparecida: Idéias & Letras, 2004.

BOFF, Leonardo; ARRUDA, Marcos. “Educação e desenvolvimento na perspectiva da democracia integral”. *In.*: OLIVEIRA, Pedro Ribeiro de. **Fé e política**: fundamentos. Aparecida: Idéias & Letras, 2004.

- BOFF, Leonardo. “Desafios humanísticos e éticos da educação a distância”. *In.*: BAYMA, Fátima (Org.). **Educação Corporativa: desenvolvendo e gerenciando competências**. São Paulo: Pearson Prentice Hall.
- BOFF, Leonardo. **Novas fronteiras da Igreja: o futuro de um povo a caminho**. Campinas: Verus, 2004.
- BOFF, Leonardo. **Responder florindo: da crise da civilização a uma revolução radicalmente humana**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- BOFF, Leonardo. **São José: a personificação do Pai**. Campinas: Verus, 2005. Igreja: carisma e poder. Ensaios de eclesiologia militante. Rio de Janeiro: Record, 2005. 472p. (com “Balanço crítico vinte anos após”).
- BOFF, Leonardo. O corpo dos pobres: uma visão ecológica. *In.*: SOTER. **Corporeidade e ecologia**. São Paulo: Paulinas, 2005.
- BOFF, Leonardo. **Virtudes para um outro mundo possível: hospitalidade: direito e dever de todos**. vol 1. Petrópolis: Vozes, 2005.
- BOFF, Leonardo. **Virtudes para um outro mundo possível: convivência, respeito e tolerância**. vol 2. Petrópolis: Vozes, 2006.
- BOFF, Leonardo. “Uma plataforma para a utopia”. *In.*: CHAUI, Marilena et al. **Leituras da crise: diálogos sobre o PT, a democracia brasileira e o socialismo**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.
- BOFF, Leonardo. “Duas utopias urgentes para a século XXI”. *In.*: SUSIN, Luiz Carlos (Org.). **Teologia para outro mundo possível**. São Paulo: Paulinas, 2006.
- BOFF, Leonardo. **Virtudes para um outro mundo possível: comer e beber juntos e viver em paz**. vol. III. Petrópolis: Vozes, 2006.
- BOFF, Leonardo. **A força da ternura: pensamentos para um mundo igualitário, solidário, pleno e amoroso**. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.
- BOFF, Leonardo. **O ovo da esperança: a sentido da festa da Páscoa**. Rio de Janeiro: Mar de Idéias, 2007.
- BOFF, Leonardo. “Cristologia a partir del Nazareno”. *In.*: José Maria VIGIL (Org.) **Bajar de la cruz a los pobres: cristología de la liberación**. 2 ed. ASETT/EATWOT. Edición digital. Disponível no endereço: <www.servicioskoinonia.org/LivrosDigitales>. Acesso em 11 maio 2007, p. 29-34.
- BOFF, Leonardo. **Ética e ecoespiritualidade**. Petrópolis: Vozes, 2010.

BOFF, Leonardo. **Cuidar da Terra, proteger a vida:** como evitar o fim do mundo. Rio de Janeiro: Record, 2010.

BOFF, Leonardo. **Sustentabilidade:** o que é – o que não é. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BOFF, Leonardo; HATHAWAY, Mark. **O Tao da Libertação:** explorando a ecologia da transformação. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012

BOFF, Leonardo. **As quatro ecologias:** ambiental, política e social, mental e integral. Rio de Janeiro: Mar de Idéias: Animus anima, 2012.

BOFF, Leonardo. **O cuidado necessário:** na saúde, na educação, na ecologia, na ética e na espiritualidade. Petrópolis, RJ, Vozes: 2012.